Diário de Lisboa

ANO [illegible] Nº [illegible] Quinta-feira, 27 de Novembro de 1986 Preço 40$00

CASSETES
Pirataria preocupa Europa
pág. 8

COMO VAMOS DE POLÍTICA?

PSD:
Moção de confiança? Isso é com o Governo

PS:
PRD nunca procurou diálogo para alternativa

PRD:
Só eleitorado dirá o que o partido vale

Págs. 2 e 6

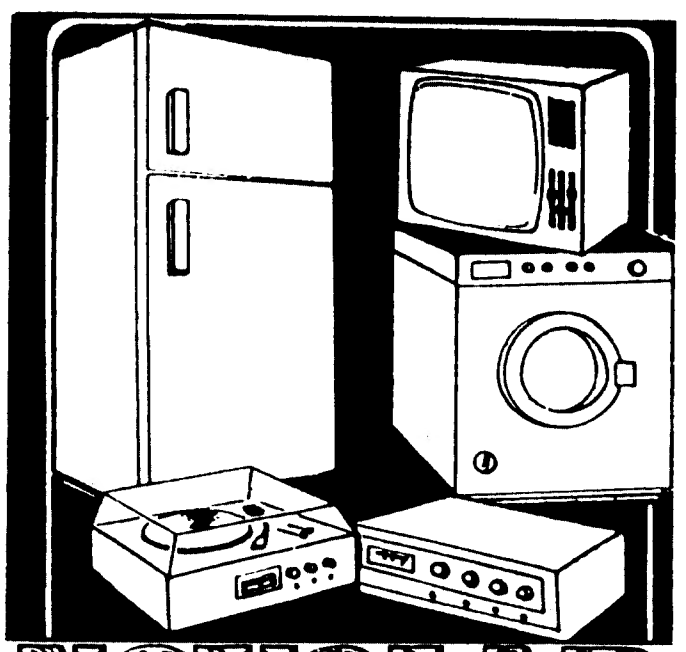
«Supertaça» nas mãos portistas (André, João Pinto, Gomes) e o vimaranense Castro carregado em falta por holandeses do Groningen

"Super-Porto" devorou "águias"
Guimarães chama para casa decisão uefeira

Págs. 15 e 16

O TECTO NÃO ESPEROU PELA CÂMARA

O que de há muito se esperava, sucedeu esta madrugada: aqui mesmo ao lado, na Rua da Rosa, o tecto da casa onde habitam duas septuagenárias, ruiu. A Câmara havia sido alertada, mas só lá para Março poderia acudir à degradação do imóvel. Demasiado tarde... Pág. 7



NOVOLAR

TUDO PARA O LAR

R. Ferreira Borges, 139-143 68 79 28
R. Correia Teles, 1-3 68 68 16
Campo d'Ourique LISBOA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do Art.º 36.º do Decreto-Lei 100/84, de 29 de Março, com a alteração introduzida pela Lei 25/85, de 12 de Agosto, convoco a AML para uma sessão ordinária, a realizar em 4 de Dezembro de 1986, pelas 15 horas, na sua sede sita na Rua Teixeira de Pascoais, n.º 10, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciação da informação do Presidente da CML acerca da actividade municipal que poderá consistir em exposição verbal, feita nos termos da alínea *d)* do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84, de 29 de Março;

2 — Proposta 215/86 — Criação no Quadro do Pessoal do Município da carreira de operário de construção de Espaços Verdes, com o conteúdo funcional mencionado na proposta, enviada à AML ao abrigo da alínea *f)* do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84;

3 — Proposta 181/86 — Que seja outorgada a Empreitada de Fornecimento e colocação de Azulejos Decorativos em falta no Muro da Av. Gulbenkian, enviada à AML ao abrigo do n.º 2 do Art.º 4.º do Dec.-Lei 390/82;

4 — Proposta 196/86 — Associação do Município ao GICOL — Gabinete de Incentivos e Congressos de Lisboa — a aprovação dos seus estatutos, enviada à AML ao abrigo da alínea *h)* do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84;

5 — Proposta 237/86 — Adesão à Associação de Municípios com as Câmaras Municipais da Amadora, Vila Franca de Xira, Loures, Cascais, Sintra, Mafra e Oeiras, que terá por objecto o estudo integrado dos sistemas de resíduos sólidos dos seus associados, enviada à AML ao abrigo da alínea *h)* do n.º 2 do Dec.-Lei 100/84;

6 — Proposta 104/86 — Regulamento do Prémio Municipal de Azulejaria, enviada à AML ao abrigo da alínea *a)* do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84;

7 — Proposta 225/86 — Criação de duas bolsas de estudo de investigação para o aprofundamento de temas de comércio interno e criar um prémio para os estudos do comércio interno, nos termos dos Regulamentos, enviada à AML ao abrigo da alínea *h)* do n.º 1 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84;

8 — Proposta 180/86 — Acordos de colaboração visando a realização de pequenas reparações em habitações municipais com as Juntas de Freguesia, enviada à AML ao abrigo da alínea *s)* do n.º 2 do Art.º 39.º do Dec.-Lei 100/84;

9 — Discussão, aprovação ou rejeição do Plano de Actividades de 1987 e Orçamento para o Ano Financeiro de 1987.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 13 de Novembro de 1986

O Presidente

Fernando Correia Afonso

INFORSIS — COMPUTADORES E SISTEMAS INFORMÁTICOS, LIMITADA

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 36v.º a 38 do livro de notas para escrituras diversas n.º 84-H, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Lídia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa, que, com esta, se compõe de quatro folhas e vai conforme ao original.

Lisboa e DÉCIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, aos nove de Outubro de mil novecentos e oitenta e seis.

O 3.º Ajudante

Maria Antonieta Cordeiro da Silva Sucena

PRIMEIRO

UM. — A sociedade adopta a denominação de INFORSIS — COMPUTADORES E SISTEMAS INFORMÁTICOS, LIMITADA, e tem a sua sede em Lisboa, na Rua Alexandre Ferreira, número cinquenta e sete, subcave, freguesia do Lumiar.

DOIS. — Por simples deliberação social, podem ser criadas ou extintas quaisquer agências, dependências, filiais, lojas ou outras formas de representação social.

SEGUNDO

A sociedade tem o seu início hoje e durará por tempo indeterminado.

TERCEIRO

A sociedade tem por objecto o desenvolvimento de projectos informáticos, prestação de serviços de informática, representação e distribuição de equipamentos electrónicos, formação profissional.

QUARTO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas: uma de trezentos mil escudos, pertencente ao sócio João Domingos Duarte Barbosa; e outra de cem mil escudos, pertencente à sócia Maria Teresa Soares Cardoso Barbosa.

QUINTO

A cessão total ou parcial de quotas entre sócios a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade.

SEXTO

UM. — A gerência da sociedade será exercida por um ou mais gerentes, designados no pacto social ou eleitos posteriormente, sem caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

DOIS. — A sociedade obriga-se com a assinatura de um só gerente.

TRÊS. — Fica desde já nomeado gerente o sócio João Domingos Duarte Barbosa.

SÉTIMO

A sociedade reserva-se o direito de amortizar a quota objecto de penhora, arresto, apreensão judicial, arrolamento, arrematação ou adjudicação judicial.

OITAVO

UM. — No caso de falecimento de qualquer sócio, a sociedade continuará com os respectivos herdeiros.

DOIS. — Fica expressamente autorizada a divisão da quota do sócio falecido pelos herdeiros deste.

TRÊS. — Porém, enquanto a quota estiver indivisa, os direitos relativos à mesma serão exercidos em comum, devendo os sucessores do falecido designar um deles que a todos represente junto da sociedade.

NONO

As assembleias gerais serão convocadas com a antecedência mínima de dez dias, por cartas registadas dirigidas aos sócios, salvo quando a lei prescrever outras formalidades.

DÉCIMO

A sociedade dissolve-se nos casos legais e, em qualquer circunstância, todos os sócios serão liquidatários.

«DL» 27/11/1986

Eanes em entrevista

Só o eleitorado poderá dizer quanto vale o PRD

• PS responde aos renovadores

Ramalho Eanes afirmou ontem à Rádio Comercial, em entrevista transmitida no programa 24ª Hora, que o PRD desejaria eleições «o mais rapidamente possível», se isso não troxesse problemas aos portugueses, e que ao seu partido são necessárias novas eleições «para que o eleitorado diga o que o PRD vale». Questionado sobre se o PRD manteria os seus actuais 18 por cento, o lider dos renovadores disse que poderia não manter essa votação ou poderia até crescer, «mas a resposta definitiva pertence ao eleitorado». Acrescentou serem necessárias ao PRD novas eleições, para saber o que vale e admitiu mesmo rever a sua posição se porventura se verificasse que o eleitorado não reconhecia validade ao PRD.

O lider renovador admitiu também que o seu partido cometeu erros mas disse entender que esses erros são ultrapassáveis, desde que se consiga fazer compreender á opinião pública 0 contexto em que tais erros foram cometidos.

Questionado sobre a política de alianças, se encarava possível uma aliança com o PCP e sobre se a expressão «não alinhamento sistemático» muito utilizada pelos renovadores significava que o PRD pretendia ser um partido charneira, Eanes respondeu que o seu partido considera aquilo que são em cada momento os interesses do País e está aberto a todas as propostas negociais que lhe sejam feitas. «O PRD não pretende ser um partido charneira. O PRD é um partido de projecto que pretende que a sociedade se modifique».

Refutou a hipótese de que esta postura representasse uma espécie de «cerco» ao PCP. «O PCP é um partido que os portugueses entenderam que deve existir. Não é razoável que seja olhado preconceitualmente. O PRD entende que não pode nem deve associar-se com o PCP, mas deve fazer com que ele assuma todas as suas responsabilidades. Que diga aquilo que quer e como isso se possa realizar sem nenhuma discrepância com realidade democrática portuguesa».

Eanes, que ao longo da entrevista definiu o PRD como um partido de esquerda, condenou também o «rotativismo tal como pretendem querer algumas forças» porque isso conduziria a que o bloco conservador se transformasse em maioria. Respondendo com alguma ironia a outra questão que lhe foi dirigida sobre resultados de sondagens, Eanes disse que o PRD «vale aquilo que a população portuguesa desejar».

Explicou também a filosofia que o PRD tem seguido quanto ao voto no Parlamento e que se traduz esquematicamente em dizer «sim ao que é bom, talvez àquilo que se pode modificar e não àquilo que não serve»

Noutra passagem o presidente do PRD afirmaria que, «entre uma solução conservadora e uma solução de esquerda objectiva, o PRD apoiaria o PS, mas o PS não tem procurado ser alternativa, recusa ser um partido de alternativa para ser um partido de alternância»

Lider afirmativo

Uma significativa parte da entrevista abordou questões relativas aos mandatos presidenciais de Eanes. Um dos entrevistadores sugeriu que ele estava agora a ser, como lider partidário, «mais afirmativo» do que havia sido como Presidente da República.

Ramalho Eanes quiz sublinhar com precisão aquilo que era ser Presidente da República e ser lider de um partido, bem como ser Presidente numa fase post-revolucionária e ser Presidente numa situação de funcionamento das instituições democráticas.

Recusou que não tenha sido um homem afirmativo no passado e para isso inquiriu o entrevistador: «Devo lembrar-lhe o 25 de Novembro. Quer afirmação maior que essa? Substituí chefes militares que eram de grande nível e eram meus amigos, desfiz maiorias, disse não a uns e outros e disse ao eleitorado para responder».

Recordou também que «jogou muitas vezes tudo ou nada sem espavento».

Interrogado sobre se a melhoria da situação económica se devia à acção do Governo ou à conjuntura, Ramalho Eanes fez um rasgado elogio a Cavaco Silva, definindo-o como «um homem sério, um homem de rigor e um homem competente» mas que tendo em conta a conjuntura poderia ir mais longe se tivesse outra equipa. «Existem muitos ministros que não têm categoria. Já os devia ter substituído».

Um dos entrevistadores perguntou-lhe se já tinha feito ou fazia demagogia. Inesperadamente Eanes respondeu que tentava fazer o mínimo indispensável. «Mas também faço alguma. Pretendo reduzi-la aos limites razoáveis».

Uma outra afirmação de Ramalho Eanes, numa entrevista longa e rica de revelações: «Ou o País avança rapidamente e dentro de dez anos será Europa, ou não avança e será colónia da Europa».

PRD votará contra nova moção de confiança

Entretanto, Hermínio Martinho afirmou que se o Orçamento for aprovado e o Governo apresentar uma moção de confiança na Assembleia da República, o PRD votará contra.

O vice-presidente do PRD salientou que se o Orçamento for rejeitado, poderá ter lógica a apresentação de uma moção de confiança, «embora neste contexto exista um dado novo que a opinião pública tem o direito de conhecer, o da proposta de negociações do PS ao PSD»

O vice-presidente dos renovadores disse não acreditar no entanto que se o Orçamento for aprovado o Governo avance com uma moção de confiança porque, «a fazê-lo, e tendo acabado de receber a aprovação de um documento fundamental, como é o Orçamento de Estado, isso traduziria uma atitude clara de hostilização ao Parlamento e uma manobra eleitoralista». Nessas circunstâncias, afirmou Hermínmiuo Martinho, «o PRD votaria contra uma moção de confiança apresentada pelo Governo».

PS critica PRD

O chamado «acordo de cavalheiros» continua a gerar polémica. Agora é o PS que responde com outro comunicado ao comunicado do PRD, condenando os comentários deste partido «a propósito do acordo de regime para a revisão constitucional de que falou o secretário-geral do PS».

Afirmam os socialistas que «o PRD nunca procurou uma política de diálogo privilegiado com os partidos que podem constituir uma alternativa ao Governo» e «tem pelo contrário mantido em público a disponibilidade de dialogar construtivamente com o PSD».

Depois de referir que o secretário-geral do PS teve ocasião de «esclarecer e corrigir a notícia deformada publicada num semanário» a propósito de um «acordo de regime», o comunicado do PS sublinha que o acordo «põe-se no contexto de uma revisão constitucional e terá que incluir partidos que façam uma maioria de dois terços, desejavelmente tambem o PRD».

O comunicado afirma ainda que, pensando na «necessidade de reagrupar a esquerda democrática, o PS lançou a iniciativa de uma convenção», a comissão encarregada convidou muitos dirigentes e militantes do PRD, «tendo no entanto a direcção desse partido recomendado a todos os que a consultaram que não deviam participar».

Em suma, segundo o PS, o comportamento do PRD até agora «não vai no sentido de procurar construir uma alternativa da esquerda democrática ao actual Governo».

Esquerda: monólogo ou diálogo?

O monólogo político tem, entre nós, uma dura e longa tradição. Algumas vezes «Monólogo a duas vozes» — permitimo-nos recorrer ao título do formoso livro de contos de Mário Dioníso. Duas vozes, — a do Governo e a da Oposição, ou das oposições, separadas estas, mas, no rito oposicional e na afirmação veemente, coincidentes. São monólogos simultâneos ou sucessivos. Não é o diálogo.

E não raro o diálogo é convocado para que alguns debitem o seu monólogo. Alega-se o bom desejo de dialogar, de criar ocasiões de diálogo. Mas não se tem o objectivo de compreender o outro, ou o objectivo de gerar consensos. Não se pretende suscitar, na permuta e no contraste dos argumentos, o esclarecimento, o entendimento. O diálogo reduz-se, ou pelo menos tende a reduzir-se, a um monólogo com audiência adrede seleccionada, por vezes intencionalmente diversificada. Visa, quase sempre, a reconfortar certezas. Não é uma abertura ao comércio das ideias. É uma justificação de posições.

Assim, sem o desmerecer, considerêmo-lo uma diligência de abertura (dialogante) integrada no **sistema.** Com as limitações decorrentes e os compromissos inerentes.

◆ ◆ ◆

Se o diálogo se propõe uma **abertura de esquerda,** terá que ter em conta o que caracteriza e define a verdadeira **esquerda**. Sucede que a **esquerda** não poderá ser uma componente estática do **sistema.** Pelo movimento, pela marcha, e não pela paragem, fixação e estabilidade se caracteriza a **esquerda político-social.**

A **esquerda** não é apenas crítica, é **crítica da crítica**. Não conhece a tranquilidade das certezas, a fixação repousante dos dogmas, a comodidade dos compartimentos estanques. Não é conformidade, nunca é conformidade, é rebeldia. Não é liberal, é libertadora e libertária.

A «revolução» e a «reforma das mentalidades» são objectivos que se encadeiam na dialéctica do processo transformador. O processo transformador é um processo libertador. Transformar as relações sociais e transformar o homem, criar a vida nova e o mundo novo. Criar a vida nova **no** mundo novo.

A **esquerda** não se resigna ao **sistema,** não é uma parte integrante do **sistema,** é fermento renovador, vector de contradição. É, na teoria e na prática, a **contradição crítica do sistema.**

◆ ◆ ◆

Existe **esquerda** e existem **esquerdas.** Sem paradoxo: existe **esquerda** porque existem **esquerdas**. Na sua globalidade a **esquerda** excede e ultrapassa, em latitude e longitude, o **sistema**. E porque lhe são intrínsecas a diferença e a pluralidade, compreende **esquerdas** que, mesmo quando operam nos quadros institucionais e no horizonte mental do **sistema,** guardam um distanciamento crítico, não se reconhecem no **sistema.**

◆ ◆ ◆

Não desvalorizemos as **esquerdas conjunturais** em nome de um **fundamentalismo de esquerda.** Consideremos dois exemplos: a **esquerda eleitoral** e a **esquerda parlamentar.** Repetidamente se alinham e afirmam, em actos eleitorais e em votações parlamentares, **maiorias de esquerda.** Resultam, umas e outras, — por exemplo, a eleição de Mário Soares para a Presidência da República; por exemplo a votação que rejeitou as Grandes Opções do Plano — de convergências no plano de acção imediata, de acordos tácticos em função de estratégias no momento convergentes. Mas só no momento convergentes. Contudo, porque a divergência é táctica, mas não consequente no desenvolvimento do curso político concreto, as conjunturas reproduzem-se, as aproximações renovam-se, as convergências repetem-se. Estamos perante a irracionalidade do curso político. A última eleição presidencial é um bom exemplo: a «convergência eleitoral» da esquerda «realizou-se, porque necessária para a esquerda», mas contra as diferenciais opções «da esquerda».

◆ ◆ ◆

Nas suas flutuações, nos seus movimentos ondulatórios de dispersão e de convergência, a **esquerda parlamentar** sucessivamente operacional na conjuntura é uma constante reconhecida, mas recusada. Recusada como **maioria parlamentar possível** — e retirando da «possibilidade» todas as consequências. A **esquerda** é, sem mais e acidentalmente (em virtude do carácter fortuito da convergência táctica), um dado político básico mas instável. O risco para além da erosão das decepções e da incapacidade de captação estimulante em relação às camadas jovens dos vários estratos sociais, é que a **esquerda parlamentar** se apresente ao País como uma ocupação de espaço cénico (por coincidência, espaço político) numa sala de sessões onde os papéis (como na cena teatral) estão distribuídos. Como na cena teatral (esquerda alta, esquerda baixa) as indicações dos lugares de acção indicam entradas, situações, movimentos, mas não são indicativos dos conteúdos da acção. Não é raro que nos actos parlamentares, tempos e modos não correspondam ao que era lúcito esperar da **esquerda** e das **esquerdas.**

A táctica política não respeita os princípios e não serve a estratégia. Os objectivos puros e futuros são sacrificados ao imediatismo dos efeitos mais fáceis, mais cómodos. Às transigências chama-se «realismo político». A integração **no sistema** condiciona a forma e o conteúdo da acção. Em consequência, a **esquerda** perde credibilidade no presente e a força da dimensão utópica.

◆ ◆ ◆

Que significado deveremos atribuir à recusa de, no plano político, explorar (no melhor sentido da palavra) as **maiorias conjunturais de esquerda?**

Dificilmente se poderá desculpabilizar a incapacidade de «políticos de esquerda» — ou que se recusam a ser «de direita» — que não querem ser alternativa de governo, com a esquerda convergente, num quadro democrático garantido e firme.

O diálogo da **esquerda democrática** terá que contemplar o exame, com uma boa dose de realismo, da exploração das **maiorias conjunturais** (a eleitoral, a parlamentar). E não serão as **maiorias conjunturais** o reflexo de **realidades estruturais?**

Reiquejavique vista de Nova Deli

Vladimir Simonov

Nas famosas cartas a sua filha Indira Gandhi, escritas na cadeia collonial britânica, Jawaharlal Nehru referiu-se à grande revolução na, Rússia. Previu que a «mudança da vida» no país, situado além do Himalaia, «no interesse dos pobres sofredores», beneficiaria o desenvolvimento da Índia.

Hoje, o neto de Nehru demonstra com orgulho ao alto visitante da União Soviética as provas palpáveis da justeza das predições do avô.

O líder soviético Mikhail Gorbachev inicia a visita oficial à potência asiática que, quanto ao seu aspecto socioeconómico, tem pouco coisa a ver com a Índia colonizada que importava em tempos da metrópole inclusive agulhas de costura. Hoje, a Índia é um país que faz parte dos dez países mais desenvolvidos quanto ao nível de produção industrial. A Índia dos nossos dias explora o espaço, fabrica computadores e está próxima de se abastecer por completo com petróleo próprio, embora, há alguns 40 anos, os geólogos ocidentais tenham em geral negado a existência no país deste hidrocarboneto.

Ao que tudo indica, nestes progressos impressionantes da India, a assistência da União Soviética desempenhou, na realidade, um papel benéfico que Jawaharlal Nehru predisse.

A Índia renovada entra no século 21.

Ao mesmo tempo, pelo menos, 240 milhões de indianos estão privados da possibilidade de o avaliar, pois subsistem até agora abaixo do nível de pobreza. O múmero destes infortunados seria muito menor e os êxitos do país mais impressionantes, se a corrida armamentista não obrigasse a Índia a gastar enormes verbas, recorde-se: quase metade da dívida extrena do Terceiro Mundo, no valor de um bilião de dólares, acumulou-se em resultado da rivalidade infinita e, no fundo, insensata dos arsenais bélicos.

Mikhail Gorbachev e Rajiv Gandhi não devem explicar um ao outro a ligação orgânica existente entre o desenvolvimento e a paz. Este é um dos problemas-chaves da actualidade, na abordagem do qual tanto Moscovo como Nova Deli e, no sentido mais amplo, o socialismo e o movimento dos não-alinhados, agem como correlegionários.

Não é portanto surpreendente que, em vésperas da visita do líder soviético, o encontro de Reiquejavique, as suas lições e reultados permaneceram no centro da vida política da Índia.

As declarações dos comentadores locais com que tive a oportunidade de conversar e os apontamentos de politólogos, escritos no fim de um exame exaustivo do encontro sovieto-americano na capital islandesa, reflectem a desilusão pelo facto de não se ter dado uma mudança de transcendência histórica no sector do desarmamento.

Com efeito, o presidente Reagan não só refutou as ideias soviéticas. Aqui, em Nova deli, muitos compreendem perfeitamente que os sonhos dos povos da Ásia, África e América Latina com um mundo sem armas nucleares se tornaram a vítima da quimera cósmica do presidente em Reiquejavique. Liquidação completa dos armamentos estratégicos ofensivos logo nos próximos 10 anos. Redução dos mísseis de médio alcance na Ásia. Conversações inadiáveis sobre a moratória aos testes nucleares. Não seria esta uma resposta directa aos apelos dos «seis de Nova Deli»?

Este grupo dos líderes de seis países, nas suas declarações de 1985 e 1986 dirigidas sobretudo aos EUA e à URSS, exigiu parar o deslize ao precipício nuclear.

Intervindo há pouco no encontro de Bangalore da Associação de Cooperação Regional dos Países da Ásia Meridional (SAARC), Rajiv Gandhi valorizou o conjunto das propostas soviéticas, apresentado em Reiquejavique. A IDE fechou a porta a um acordo histórico, considera o primeiro-ministro. A destruição consciente pela administração americana de tudo o alcançado na capital islandesa e a grosseira adulteração da própria essência dos entendimentos levam muitos indianos sensatos a pensar que isso esconde uma esperança ilusória de alcançar a superioridade sobre a União Soviética.

«Os observadores ocidentais... foram surpreendidos pelo ímpeto e a envergadura das mudanças que se espera realizar na sociedade soviética», comunica de Londres Batuk Gathani, correspondente do jornal «Hindu». Ele considera que, sob a direcção de Gorbachev o povo soviético obtém uma «nova percepção» da vida e que a administração Reagan tenta abafar este ascenso de energia criadora com a corrida armamentista.

Note-se que os EUA recorrem à mesma táctica contra a Índia. Quando a aeronave com o alto visitante da União Soviética se aproximava de Nova Deli, ela apareceu, talvez, como um ponto luminoso nos ecrãs dos aviões Awacs americanos que voam no espaço aéreo do Paquistão. Em qualquer dos casos, os próprios americanos mostraram-se dispostos a pilotar estes sistemas de detecção e espionagem antes de eles serem fornecidos ao Paquistão nos termos do respectivo contrato comercial. Os esforços dos EUA com vista «ao reforço da defesa do Paquistão» são uma das causas principais de as despesas militares paquistanesas terem aumentado 200 vezes desde 1948. Como calcularam peritos indianos, as verbas militares totais, que fazem parte de diferentes artigos do orçamento paquistanês, ultrapassam 5 mil milhões de dólares por ano.

Os sistemas Awcs, os aviões-espiões «P-3/Orion» e um grande lote de tanques M-1 com a orientação das peças de artilharia por laser não foram vendidos pelos EUA ao Paquistão para a obtenção de lucros comerciais. E isso não se deve à generosidade. Ao que parece, Washington gostaria de envolver mais a Índia, independente de mais, do ponto de vista americano, na corrida armamentista e de agravar os seus problemas económicos.

Mas, na opinião dos obervadores locais, estes planos da administração americana em relação à Índia são dificilmente viáveis. Aqui, em Nova Deli, esperam-se passos impressionantes no sentido do desenvolvimento do tratado de paz, amizade e cooperação entre a URSS e a Índia, assinado em 1971.

Os meios estatais e a imprensa indiana chamam a atenção para uma composição muito representativa da delegação que acompanha o secretafio-geral do CC do PCUS. Aqui encaram o facto de ministros e altos dirigentes serem acompanhados por cientistas soviéticos que desempenham neste caso o papel de peritos, como indício da nova energia da diplomacia soviética.

«Raras vezes ou, talvez, neunhuma vez no passado, se efectuou tanto trabalho preparatório para a organização da visita estatal de um dirigente estrangeiro, por mais importante que este dirigente parecese do ponto de vista dos interesses da Índia», escreve o observador destacado **G.K. Reddy.**

Mas acontece que a importância da visita de Mikhail Gorbachev a Índia excede de longe os marcos dos interesses dos dois países.

Uma nova união do socialismo e do movimento dos não-alinhados, surgida após o encontro de Reiquejavique, pode tornar-se ainda mais firme depois do encontro de quatro dias em Nova Deli.

Imprensa chinesa comenta negociações

Transferência de Macau prevista para o ano 2000

O desejo de Pequim de que a transferência de Macau para a China ocorra antes do fim do século, mais propriamente na data já acordada para Hong-Kong(1997), é salientada nas últimas edições da Imprensa chinesa, ao fazer o balanço da visita do vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, ao nosso país. A mesma Imprensa de Pequim assinala, todavia, a vontade de Portugal em acordar uma data posterior à de Hong-Kong, pelo que tudo indica que a data consensual venha a ser mesmo o ano 2.000.

O jornal «Ou Mun» sublinha a declaração de Zhou Nan antes da partida para a visita a Portugal de que a reunificação da China terá de ser concretizada até ao final do século. O «Si Man», por seu turno, lembra, em editorial, a prolongada reunião do vice-ministro chinês com Mário Soares e o mutismo de Zhou Nan que- pode ler-se- «recolheu o seu riso habitual à saída do palácio de Belém».

«Teria este procedimento de Zhou Nan algum significado especial?», pergunta o editorialista do «Si Man», interrogando-se ainda sobre se a data da entrega e o problema da nacionalidade serão as duas grandes questões em debate nas negociações luso-chinesas sobre Macau.

Numa outra edição, o mesmo jornal diz que a Chine insiste na data de 1997 para a retoma de Macau, mas acrescenta que Portugal defende terminantemente uma solução não-simultânea de Hong-Kong, propondo uma data posterior ao ano dois mil.

O jornal «Wa Kio» publica dois artigos de dois professores da Universidade da Ásia Oriental, em Macau, àcerca das negociações. Sio Ieong, um dos professores, diz que ficou bem expressa a pretensão da China de que a data da entrega ocorra no ano 2.000 ou mesmo antes, o que «corresponde também ao desejo dos portugueses, de que ela venha a verificar-se depois de 1997». Para o prof.Wan Kin Wa, seria uma «situação injusta» para Portugal que a data da transferência se efectuasse em simultâneo com a de Hong-Kong, pois o período de transição, após o acordo, seria superior para a colónia britânica.

«Confiança mútua»

Já regressado a Macau, o governador Pinto Machado insistíu na eventual necessidade de adequação da Constituição portuguesa no tocante a Macau, após a assinatura do acordo.«Os articulados constitucionais sobre Macau terão de ser alterados e logicamente suprimidos», disse Pinto Machado aos jornalistas.

O governador criticou as «especulações» tecidas à volta das negociações frisando que nestas «existe um requisito fundamental para o seu êxito que á a confiança mútua que cada parte tem na outra, na sua boa fé, na sua lealdade». Assinalou, porém, que as relações de amizade existentes entre as duas partes não impede a existência de divergências.«É para isso que se negoceia», lembrou.

Referindo-se ao caloroso acolhimento prestado ao ministro Zhou Nan, no Porto, Pinto Machado disse que ele foi «importante para o relacionamento amigável e muito interessante que se estabeleceu entre ele e o Governador de Macau».

PSD quer limpar as ruas das cidades de propaganda política e comercial

O grupo parlamentar do PSD apresentou ontem na Assembleia da República um projecto de lei que condiciona a afixação de publicidade ou de propaganda bem como a realização de inscrições ou de pinturas murais.

O diploma dos sociais-democratas, a favor do qual o partido proponente vai usar o direito de agendamento já para a primeira quinzena de Dezembro, prevê que sejam as câmaras municipais a licenciar os locais para inscrições de propaganda ou afixação de materiais. O licenciamento, que dependerá obviamente da prévia anuência dos proprietários dos edifícios, será feito em locais ou estruturas destinados aos fins propostos. Sobre este projecto, o lider do grupo parlamentar do PSD, António Capucho, manifestou grande preocupação do seu partido pela «degradação da paisagem» resultante da afixação indiscriminada de publicidade e propaganda. O mesmo deputado sustentou a ideia de que tal degradação resulta mais da publicidade comercial do que da propaganda partidária afixada, já que «em termos partidários, o cartaz é mais usado para mostrar mais serviços do que propaganda». «Os partidos recorrem a outro tipo de publicidade, bastante mais eficaz», acrescentou Capucho, lembrando o papel da imprensa. Segundo o projecto do diploma, a deliberação das câmaras deverá ser precedida de parecer favorável das entidades com jurisdição onde a publicidade for susceptível de ser feita, designadamente no âmbito da Junta Autónoma das Estradas, reservas e conservação da natureza. O projecto prevê ainda que os municípios possam promover a retirada da publicidade actualmente existente.

Outra vez a guerra dos símbolos

O sociais-democratas apresentaram também um outro projecto que introduz alterações na Lei Eleitoral, designadamente no que diz respeito aos símbolos das coligações. Esta iniciativa legislativa estabelece que as coligações ou frentes devam reproduzir rigorosamente o conjunto dos símbolos dos poartidos que as integram, disposição que se aplicará de resto às coligações ou frentes já constituídas ou a constituir.

António Capucho justificou a apresentação deste projecto de lei devido às «numerosas eleições para órgãos do poder local, que estão a realizar-se para os órgãos do poder local» .O deputado so PSD garantiu que o seu partido apresentou este projecto não na prespectiva da realização das eleições gerais que, pelo lado dos sociais-democratas, não não são desejadas», «mas pelas confusões que ainda se fazem sentir em muitas localidades onde se realizam eleições locais».

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 11 de Dezembro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: CONSTRUÇÕES A. SUPICO, SARL, com sede na Av.ª Visconde de Valmor, n.º 20-1.º, em Lisboa, no processo executivo n.º 1077/85.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – Uma máquina fotocopiadora heliográfica, marca REVOLUTE-ROCKETT, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 150 000$00 (cento e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 2 – Uma registadora de dados dupla n.º 3742, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 100 000$00 (cem mil escudos).

Verba n.º 3 – Um computador "IBM" SYSTEMX3, modelo 10 n.º 08/1/4152/80, composto de uma unidade central, com 16K-BYTER de memória; uma impressora 5203/2-200 linhas por minuto; duas unidades de discos 5444; uma unidade registadora de dados 3741, tudo em bom estado de conservação, a que se atribui o valor presumível de 700 000$00 (setecentos mil escudos).

Verba n.º 4 – Um cofre "SRAMPERTZ", à prova de fogo, em bom estado de conservação, a que se atribui o valor presumível de 100 000$00 (cem mil escudos).

Verba n.º 5 – Uma máquina fotocopiadora marca "Minolta" EP-710, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 500 000$00 (quinhentos mil escudos).

Verba n.º 6 – O direito ao arrendamento e trespasse da fracção 20-D do prédio sito na Av.ª Visconde de Valmor, n.º 20, em Lisboa, composto por R/C e cave. – O R/C é composto de uma sala ampla com uma área aproximada de 36 m². – A cave com uma área aproximada de 50 m² s/divisões, com uma casa de banho e ainda com as instalações eléctricas e sanitárias, pelas quais é paga a renda total de 8775$00, pela qual se atribui o valor presumível de 5 000 000$00 (cinco milhões de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 21 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(João Cardoso Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

"D.L." 27/11/86 – 2.ª Pub.

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
77 11 58 — 1000 LISBOA

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 10 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 - 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a FERNANDO MORAIS SARMENTO, LD.º com sede na Praça do Areeiro, 1C — Lisboa, no processo executivo n.º 74/78.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao trespasse e arrendamento do estabeleicmento (Restaurante), sito na Pr. do Areeiro n.º 1 — Lisboa, tornejando para a Av. Almirante Reis, 247-D — Lisboa, sendo a renda mensal de 14 425$50, a que se atribui o valor de 6 000 000$00.

Verba n.º 2 — Um balcão frigorífico em inox, c/5 metros, no valor de 100 000$00.

Verba n.º 3 — Uma máquina de café marca PAVONI, fabrico Italiano, no valor de 25 000$00.

Verba n.º 4 — Uma montra expositora frigorifica FRIZAIRE, em estado novo, no valor de 100 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Novembro de 1986

O Juiz d Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)
O Escrivão
JOSÉ HENRIQUES

«DL» 27/11/1986 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

2.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 10 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 - 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a FÁBRICA DE MALHAS BÉGUI, LD.ª, com sede na Rua Neves Ferreira, n.º 21 em Lisboa, no processo executivo n.º 4867/83.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 3 — Uma máquina circular de fazer malhas marca VAGA, jogo 26, com o n.º 642744, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 100 000$00 (cem mil escudos).

Verba n.º 4 — Uma máquina de fazer malhas marca Lusitana jogo 8 com o n.º 150-1706026, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 250 000$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 5 — Uma máquina de fazer malhas, marca Lusitana jogo 5, tipo 1850 com o n.º 170171, em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 350 000$00 (trezentos e cinquenta mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)
O Liq. Trib.
(F. LOPES)

«DL» 27/11/1986

tempo de antena do PCP

na RDP antena 1

Sexta-feira, dia 28 às 13.30 h

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

Comissão Liquidatária

AVISO

CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO DE HABITAÇÕES SOCIAIS
CONCELHO DE SOUSEL

Torna-se público que, do dia 28 do corrente ao dia 5 do próximo mês de Dezembro se encontra à reclamação, na Câmara Municipal, a lista de classificação provisória dos candidatos que oportunamente se habilitaram ao concurso para atribuição das habitações vagas do agrupamento Dr. Francisco Sá Carneiro em Sousel.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 11 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 - 4.º, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a MUNDUS PORTUGUESA-Estruturas Metálicas, Ld.ª, com sede na Rua Joaquim António de Aguiar, n.º 27-2.º Dt.º, em Lisboa, no processo executivo n.º 5675/84.

BENS PENHORADOS

Verba única — Três mil metros de tubo de ferro de 1 1/2 polegada e três mil juntas octogonais, para estruturas metálicas, no valor de 3 400 000$00 (três milhões e quatrocentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)
O Liq. Trib.
(F. LOPES)

«DL» 27/11/1986 — 1.ª Pub.

COSTUREIRAS

PRECISAM-SE

ADMISSÃO IMEDIATA, RESPONDER PESSOALMENTE À RUA JOÃO NASCIMENTO COSTA, N.º 8-A EM LISBOA, JUNTO ÀS OLAIAS.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 10 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 - 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados à CIPREL — COMPANHIA DE INVESTIMENTOS PREDIAIS, SARL, com sede na Av. Infante Santo, n.º 23-8.º C — Lisboa, no processo executivo n.º 238/83, por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba única — Fracções autónomas designadas pelas letras «AB» e «AC» correspondentes, respectivamente, ao oitavo andar frente «C» e oitavo andar esquerdo «B», do prédio sito na Av. Infante Santo, n.º 23-A, 23, 23-C, e 23-D, freguesia de Santos — Lisboa, descrito na 3.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa, sob o n.º 28 304, do L.º B-90, inscrito na matriz sob o art.º 1426 e afecto ao regime de propriedade horizontal, nos termos da inscrição n.º 9042, L.º F-Quinze, com o rendimento colectável de setenta e oito mil trezentos e setenta e seis escudos, aos quais foi atribuído o valor de 10 000 000$00 (dez milhões de escudos).

— As referidas fracções estão arrendadas a Galvão e Campos, Ld.ª, sendo a renda mensal de 15 000$00 ou seja 180 000$00 por ano.

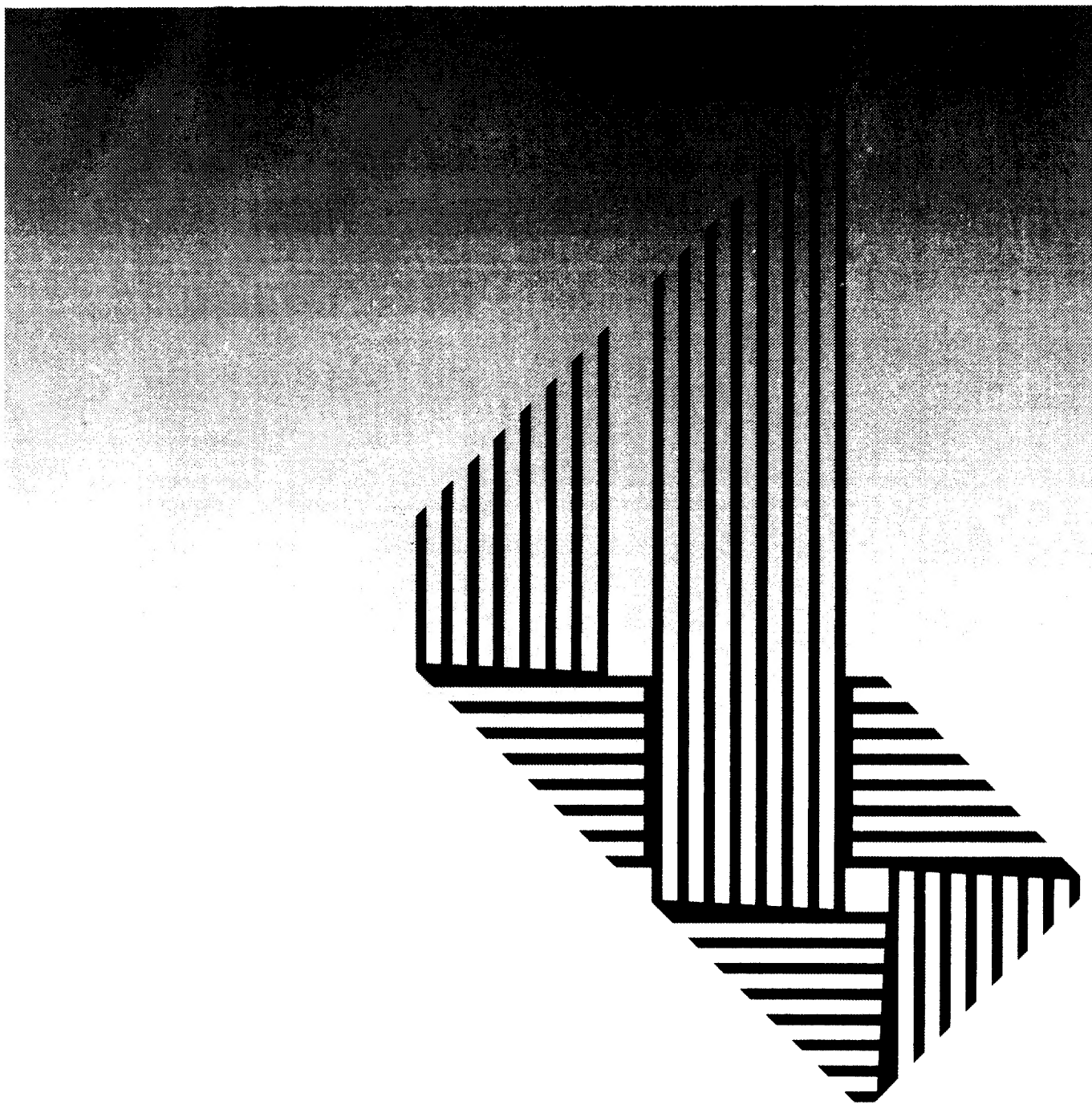
São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)

O Escrivão.
JOSÉ HENRIQUES

«DL» 27/11/1986 — 1.ª Pub.



EM TEMPO DE INOVAÇÃO, RESPONDEMOS PRIMEIRO: UMA SOCIEDADE ANÓNIMA.

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES S.A.

GMG

Activistas do Porto apoiam Tengarrinha

O encontro distrital do Porto do MDP/CDE manifestou «inteira solidariedade ao Presidente do partido, José Manuel Tengarrinha, face à campanha que o considerava isolado».

O encontro do Porto aprovou também um voto de protesto pela «manipulação de alguns orgãos de comunicação» a propósito da divergência de posições entre o MDP e o Partido Comunista Português. Numa outra óptica, os activistas deste partido deliberaram no sentido de o MDP ter de encarar de forma prioritária a hipótese de ir isolado a próximas eleições, isto é fora da coligação APU.

Entretanto, realizaram-se durante o passado fim de semana os diversos encontros distritais preparatórios do Encontro Nacional do MDP que sábado à tarde principia num hotal de Lisboa para terminar no domingo.

Ainda na reunião do Porto foi aprovado que «em cada momento o MDP/CDE decida, em função da conjuntura política, a possibilidade de se coligar com qualquer partido da área democrática que respeite as perspectivas abertas pelo 25 de Abril».

Durante os últimos anos, o partido não tem ido isolado às urnas, mas sim coligado com o PCP no âmbito da APU.

Mário Soares recebe Alberto João Jardim

O presidente da República concede hoje ao presidente do Governo Regional da Madeira uma audiência que havia sido solicitada por João Jardim. Não foram por enquanto reveladas as razões do pedido de audiência, mas a análise da situação política nacional, designadamente a matéria que envolve as autonomias regionais, na sequência dos acontecimentos recentes, será seguramente um dos temas do encontro.

Recorde-se, que o Chefe do Estado, de acordo com informações obtidas pela Anop, poderá deslocar-se ao Funchal por ocasião das festas do fim-de-ano, em gozo de um curto período de férias.

Reunião da Comissão Política do PSD. Moção de confiança ao Parlamento? «Essa é uma matéria que compete ao Governo decidir»

Por causa do chumbo das Opções

"No momento oportuno" PSD exigirá contas à Oposição

O PSD «exigirá no momento oportuno que aqueles que colocam os interesses partidários acima dos interesses nacionais sejam responsabilizados pelos seus actos». A afirmação consta do comunicado da reunião da Comissão Política do PSD lido no termo dos trabalhos pelo secretário-greal do partido, Dias Loureiro.

Convocada na sequência da derrota sofrida pelo Governo no Parlamento que não conseguiu fazer passar as Grandes Opções do Plano para o próximo ano, a reunião concluiu que «alguns partidos da Oposição têm dificultado a acção governativa invadindo a sua área de competências específicas».

«Estes partidos de Oposição parlamentar, a reboque do PCP, acabam de dar aos portugueses mais um exemplo da sua postura, através da suspensão do diploma do Governo que visava diminuir o peso do Estado na Comunicação Social», prossegue o comunicado da direcção social-democrata.

Depois de afirmar que um tal procedimento favorece «os desperdícios dos dinheiros públicos», o documento recorda que ainda há um ano o Parlamento viabilizou o Programa de Governo e há alguns meses lhe deu um voto de confiança. «Agora, a Assembleia da República decide inviabilizar as Opções/87 quando, pela primeira vez desde há longos anos, um Governo apresenta a tempo e horas o Orçamento de Estado e as Opções e depois de sobre estes documentos ter ouvido as oposições que não lhe fizeram críticas sérias e de fundo e, nalguns casos, lhes teceram mesmo rasgados elogios», sublinha o documento.

Para os sociais-democratas ficou claro «que esses partidos quiseram unicamente, com a sua atitude, criar instabilidade, ou mesmo, desencadear uma crise política como vinham anunciando».

De acordo com a lógica do PSD, o Executivo de Cavaco Silva «quebrou um ciclo de pessimismo e de descrença» pelo que «nenhum partido de Oposição tem direito de interromper ou perturbar o ciclo de progresso em que vivemos e para isso é necessária a estabilidade política que o Governo e o PSD fomentam e os portugueses desejam»

No período de respostas aos jornalistas, Dias Loureiro disse não ter sido discutida na reunião a eventualidade do seu partido apresentar uma moção de confiança no Parlamento visto que uma decisão sobre a matéria compete ao Governo.

Quanto à possibilidade de «um acordo de cavalheiros» entre Cavaco Silva e Vitor Constâncio, o secretário-geral do PSD frisou que o seu partido não recebeu «qualquer convite nesse sentido».

«Tudo o que conheço sobre este assunto é através do relato da Comunicação Social e acho muito estranho que isso possa vir a acontecer, atendendo à prática do PS, partido que tem vindo a fomentar a instabilidade a reboque das posições dos dirigentes do PCP», concluiu Loureiro.

Traduzido em várias línguas

Relatório parlamentar sobre Timor vai ser divulgado em todo o mundo

A existência de concertação de esforços entre os orgãos de soberania portugueses para a resolução da questão maubere, foi salientada pela Comissão Parlamentar eventual que acompanha a situação em Timor-Leste. A comissão apresentou ontem aos jornalistas um extenso relatório sobre a situação na antiga colónia portuguesa que irá ser traduzido em diversas línguas com o objetivo de sensibilizar os parlamentos estrangeiros para o problema.

O relatório, de 27 páginas e oito capítulos, foi aprovado por consenso na comissão e é, no fundamental, uma resenha histórica do processo timorense que aponta para a irrefutável condenação da ocupação indonésia do território, feita «à revelia de todo e qualquer Direito internacional».

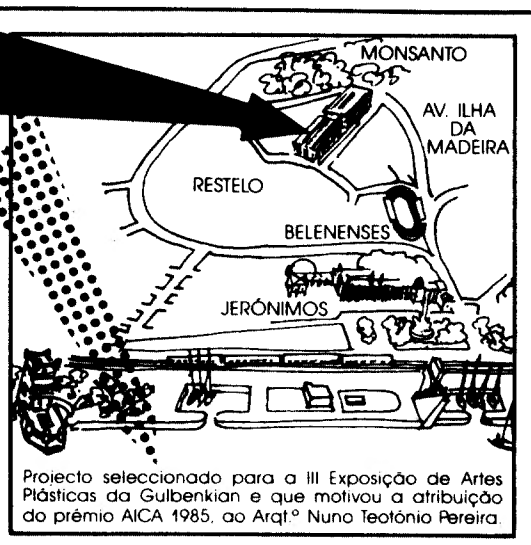
Anacoreta Correia, membro da comissão e convidado de Jacarta numa recente viagem a Timor-Leste, referiu haver um «plano intenso de clarificação da política portuguesa» relativamente à situação no território ocupado e que se traduz nas conversações Lisboa-Jacarta no âmbito da ONU, no voto do Parlamento europeu, nos encontros internacionais do Presidente da República, no alerta que Mário Soares lançou a Mitterrand e ainda nos discursos que proferiu na sua tomada de posse e na Grã-Bretanha.

O atropelo aos direitos humanos, o clima de medo e de repressão e o «irrefutável repúdio do domínio indonésio por parte do povo timorense», são temas do extenso documento que pretende ainda ser «um instrumento de reflexão para o sofrimento de um povo que vê negado o seu legítimo direito à autodeterminação por uma nação pertencente ao Movimento dos Não-Alinhados, cujo princípio base é, precisamente, o respeito e o auxílio à autodeterminação dos Povos».

O relatório dá conta da evolução do problema timorense desde1975, sublinha a «dificuldade de controlo do território pelo invasor, controlo esse que nunca chegou a ser total», recorda as condenações da ONU e as denúncias da Igreja de Timor-Leste, da Amnistia Internacional e de outros organismos sobre a «continuação da violação dos direitos humanos em numerosas perseguições, no controlo de pessoas e correspondências, na institucionalização do sistema de denúncia, na coacção psicológica e no clima de medo que diariamente se vive em Timor».

A posição oficial da Indonésia, segundo a qual não houve qualquer invasão do território pois as suas forças se «limitaram» a ocupar um território que tinha sido «abandonado» pela potência colonizadora, não é referida no relatório que conclui pela «ilegalidade da ocupação» actual e pelo «dever de Portugal, como potência administrante, de continuar a lutar para que Timor-Leste possa escolher livremente o seu futuro».

Encosta do Restelo
QUARTEIRÃO ROSA
Bom gosto... é uma questão de opinião
Venha ver se a sua coincide com a nossa
O SEU ANDAR OU MORADIA DE QUALIDADE
PRONTOS A HABITAR
FACILIDADES SEM PRECEDENTES
Empreendimento da Avenida
Av. Gonçalo Nunes (Junto à Av. Ilha da Madeira) - **Tel. 615158**
VISITE-NOS
Todos os dias úteis, sábados e domingos
EPUL HAUS



Projecto seleccionado para a III Exposição de Artes Plásticas da Gulbenkian e que motivou a atribuição do prémio AICA 1985, ao Arqt.º Nuno Teotónio Pereira.

O mundo perdido
de «sir» Arthur Conan Doyle
A edição Livros do Brasil será posta à venda no dia 9 de Dezembro ao preço de 150$00

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ARREMATAÇÃO
2.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 4 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 - 4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a SILVA & FRAZÃO, LD.ª, com sede na Rua Arco Marquês do Alegrete, n.º 54 - 1.º em Lisboa, no processo executivo n.º 4301/78.

BENS PENHORADOS

Verba única — Quinhentos e cinquenta (550) pares de sapatos de senhora, estilo Luís XV, ou salto forrado, de várias cores e tamanhos, a que se atribui o valor presumível de 275 000$00 (duzentos e setenta e cinco mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 19 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)
O Liq. Trib.
(F. LOPES)

«DL» 27/11/1986

Tecto ruiu esta manhã no Bairro Alto

No 3º andar do nº 155 da Rua da Rosa, ao Bairro Alto, ruiu esta madrugada o tecto de uma das salas. As obras prometidas pela Câmara Municipal de Lisboa para Março do próximo ano, já não vêm a tempo.

O andar, habitado por duas senhoras idosas, de 77 e 70 anos, encontra-se completamente degradado. Os tectos das várias assoalhadas há muito ameaçavam ruir, até que esta madrugada o da sala entre o quarto das duas senhoras acabou por cair.

A situação tinha já sido comunicada à Câmara Municipal de Lisboa que, segundo a locatária, a sr.ª Idalina Marques, de 77 anos, prometeu obras para Março de 1987.

O terceiro andar do nº 155, bem como todo o prédio, encontra-se ameaçado de ruir. Chove em todas as divisões, inclusivé nos quartos em que as duas senhoras dormem, estando os móveis cobertos por plásticos e o chão com bacias para receber a água da chuva, que escorre «como na rua». As paredes não estão em melhor estado, apresentando enormes buracos.

A locatária é uma senhora de idade, reformada por invalidez e que há dois anos que não pode andar. A outra senhora, com quem partilha a casa para «ajudar a pagar as despesas», é vendedora ambulante.

O prédio pertence a várias pessoas, «sobrinhos do dono, que lhes deixou o prédio quando morreu».

A renda, que é paga ao Banco Fonsecas & Burnay, era de 900 escudos mas foi aumentada este ano para 2.835$00, tendo a sr.ª Idalina Marques sido já informada de que voltaria a aumentar em Janeiro próximo ano.

Com uma reforma de 15 mil escudos, «que mal dá para o dia a dia», a locatária não pode fazer qualquer tipo de melhorias no andar que habita.

«Não tenho medo que a casa vá a baixo comigo cá dentro. Já nada me interessa, só peço a Deus que me leve», desebafa Idalina Marques, completamente desmoralizada com as condições em que vive.

«A Câmara já cá veio duas vezes, mas diz que só há orçamento para obras em Março. Até lá cai o prédio todo», diz ainda.

Pela janela da cozinha é possível ver o telhado do prédio ao lado, que apresenta já um enorme buraco.

O problema do nº 155 da Rua da Rosa é comum a muitos outros prédios dos bairros mais velhos da cidade.

O prédio ao lado, também já com um buraco no telhado

O entulho resultante da queda do tecto amontoa-se no chão da sala

Furtaram 600 contos ...em janelas

A Polícia Judiciária, através da sua Inspecção de Setúbal, acaba de identificar e prender dois indivíduos autores do furto de janelas de alumínio, comeetido nas instalações da futura Escola Preparatória de Viana do Alentejo.

No dia 13 de Setembro verificou-se a falta de 23 janelas nas obras quase prontas daquele estabelecimento de ensino e, cometida a investigação à PJ de Setúbal, veio agora a esclarecer-se o caso, com a respectiva prisão dos autores e a apreensão da totalidade dos artigos subtraídos, alguns já adquiridos por pessoas de Setúbal, que agora se encontram em risco de serem pronunciados como receptadores.

Os responsáveis pelo furto, um deles ex-empregado da firma construtora, são suspeitos da autoria de outros furtos cometidos naquela área.

A escola devia abrir em Outubro, o que não se verificou devido precisamente ao desaparecimento das janelas.

GARANTA O SEU FUTURO NO PRESENTE

Com a CONTA POUPANÇA-REFORMA estabeleça um plano SEGURO que complemente a sua reforma. Com a IMPÉRIO!
A CONTA POUPANÇA-REFORMA IMPÉRIO permite quotizações de acordo com o seu orçamento mensal e garante uma elevada participação nos resultados financeiros do FUNDO AUTÓNOMO próprio.
A CONTA POUPANÇA-REFORMA IMPÉRIO beneficia também de regalias fiscais que se traduzem em mais capital.
Um capital que fazemos crescer diariamente.
Pense no seu futuro. Pense no tempo que pode vir a gozar sem preocupações, nos dias felizes a que ganhou todo o direito.

QUANDO O FUTURO CHEGAR TENHA O PRESENTE ASSEGURADO

CONTA POUPANÇA REFORMA IMPÉRIO

Peça informações à IMPÉRIO - DIRECÇÃO VIDA — R. Garrett, 62 - 1200 LISBOA
Desejo receber sem compromisso, informações sobre «CONTA POUPANÇA-REFORMA»
Nome
Morada
Tel.
DL

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

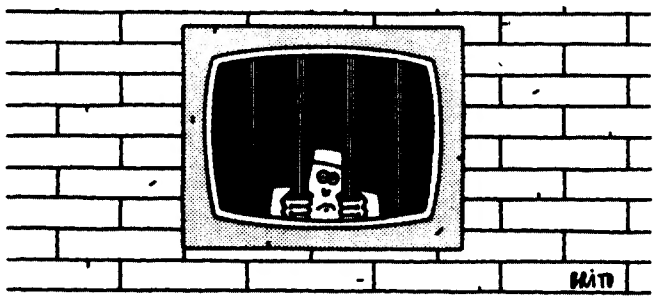
HIPER

Queixam-se os espanhóis, italianos e ingleses

Somos os maiores "piratas" de cassetes e videocassetes

Júlio Rodrigues

Portugal está entre os países onde a «pirataria» de produtos audiovisuais atinge maior dimensão, ao lado da Argélia, Marrocos e Arábia Saudita. Quanto acassetes propriamente ditas, Portugal é um «foco de crime que é exportado para toda a Europa» e um «verdadeiro paraíso de impunidade», dizia há dias «El Pais», diário espanhol. Entre nós, o que é que se pensa do que se diz lá fora?



O «DL» saiu a caminho, ouviu comerciantes, contactou a estrutura representativa da classe, a União das Editores de Vídeo e Áudio (UNEVA). Todos sabemos qual é a posição dos artistas, dos produtores, dos intérpretes, dos autores: de firme repúdio. Não tem sido suficiente para desincentivar a «pirataria» no ramo. «Só descansaremos quando os prevaricadores estiverem atrás das grades. É essa a solução, por ela lutaremos», disse Duarte Garin, secretário-geral da UNEVA ao «Diário de Lisboa».

«Temos feito tudo o que está ao nosso alcance para exterminar a doença, mas isso ainda não aconteceu», acrescentou aquele advogado de Lisboa, reconhecendo que em alguns casos «as autoridades agiram prontamente». Aliás, ainda segundo Duarte Garin, «só com uma cooperação muito estreita com as autoridades e uma campanha aturada contra a piratari será possível solucionar o problema».

Enquanto isso não acontece, queixam-se artistas, queixam-se comerciantes, queixa-se a UNEVA. E Portugal é alegremente enquadrado no rol dos países — poucos, ao que parece — em que a pirataria campeia. «A pirataria de cassetes parece ter encontrado em Portugal um verdadeiro paraíso de impunidade, o que leva a que o nosso país seja apontado a nível internacional como um foco de crime que é exportado para toda a Europa», revelava a União das Editoras de Vídeo e Audio há dias.

«Importam-se» filmes copiam-se «fitas»

O problema vai crescendo, não por escassez de oferta das empresas especializadas (editoras), mas porque é bom negócio. «Neste momento assume proporções assustadoras, o que obviamente também nos assusta, porque está a transbordar», diz Duarte Garin.

Sete/oito em cada dez cassetes são «piratas». Reportamo-nos às mais vulgarizadas, não concretamente às videocassetes. Mas também quanto a estas a «praga» é já grande, assistindo-se por vezes à «importação» de filmes, sobretudo de Londres, que depois são legendados. Há também casos de filmes legalmente editados e que são abusiva e ilegalmente copiados.

A distribuição e exibição pública de videogramas está juridicamente enquadrada. O decreto-lei n.º 306/85, de 29 de Janeiro desse ano, regulamenta devidamente a actividade. Segundo a Direcção-Geral dos Espectáculos e do Direito de Autor, com tal medida visou-se «proteger os detentores de direitos e o próprio público dos inconvenientes de um mercado inundado por videogramas piratas», naturalmente de qualidade duvidosa na maioria dos casos. Procuraram assim, as autoridades, evitar a multiplicação — fácil — de cópias.

Há nove meses que o comércio de vídeo está legalizado. No entanto, se se questionar os interessados neste ramo de actividades/negócio, nem todos saberão onde começa o mercado legal e termina o «pirata» e vice-versa. Isto, apesar de haver 592 videogramas classificados e mais de 237 mil cópias autorizadas.

Qualquer clube de vídeo dispõe hoje em dia de uma centena, mais dúzia menos dúzia, de cassetes seladas, havendo naturalmente muitos dos seus associados na «lista de espera», porque há sempre filmes mais procurados, mais desejados. Enquanto na capital e na margem Sul a inscrição — jóia — em qualquer clube oscila entre os 9 e os 10 mil escudos, é já possível na periferia tornar-se sócio por menos mil e/ou dois mil escudos. Dizia-nos há dias a encarregada de um clube de vídeo dos arredores de Lisboa: «tivemos que baixar o preço da jóia porque as pessoas pensavam nos dez contos, mas desistiam». O facto de terem descido o preço da inscrição de dez para pouco mais de sete mil escudos não significa que nela sejam «aviadas» videocassetes «piratas»...

«Orgulhosamente» com Singapura...

Os comerciantes espanhóis estão revoltados com a «invasão» das cassetes e videocassetes ilegais portuguesas. «Recebemos frequentemente queixas dos nossos colegas do país vizinho, que já não suportam o material 'pirata' que ali entra», diz Duarte Garin.

A «pirataria» de cassetes e videocassetes não tem fronteiras precisas, se bem que a primeira nos atinja mais. O secretário-geral da UNEVA concretiza: «A pirataria de cassetes põe em risco a própria sobrevivência da música portuguesa. Há já produtores portugueses — acrescenta — que hesitam em gravar música e cantores portugueses, temendo a concorrência desleal e o fracasso da iniciativa».

Entre 70 e 80 por cento das nossas cassetes são «piratas», percentagem que não tem, na Europa, nem qualquer espécie de comparação nem de aproximação. Em média, nos restantes países da CEE o ritmo de «pirataria» de cassetesnão ultrapassa os 5 por cento. Isto é: 95 por cento é mercado legal.

Portugal não está só, no mundo, como «verdadeiro paraíso da impunidade» no reino da «pirataria» de casetes. «Orgulhosamente sós» na Europa, mas «bem acompanhados», no mundo, pela Indonésia e por Singapura. Sobretudo por Singapura. Às vezes, as autoridades apanham comerciantes «em flagrante delito», alugando ou vendendo produto «pirata» e fecham-lhes a porta. Mas não chega actuar episodicamente: é preciso haver mais cooperação, mais empenho, mais determinação.

Não é nada, absolutamente nada estimulante, para uma indústria que ainda nem sequer ganhou raízes, deparar com uma situação assim: a de uma ilegal e desleal concorrência, sem uma repressão à altura, que lhes dê garantias. Aliás, ainda de acordo com Duarte Garin, «há empresas que se viram na contingência de fechar por causa da concorrência desleal».

«Estamos nesta luta: é uma luta de que não abdicaremos», concluiu o secretário-geral da UNEVA.

Lembremos, entretanto, uma frase da directora da Federação Internacional de Produtores de Fonogramas e Videogramas, Gillian Davies: «Portugal é o País que está inundando a Europa de cassetes «piratasatravés de redes de distribuição perfeitamente organizadas que têm em Singapura o centro internacional de operações».

Lucros ilegais atingem 30 milhões de contos/ano

Os lucros ilegais com a venda de cópias de gravações audiovisuais atingem 30 milhões de contos/ano. Portugal está entre os países onde a «pirataria» de produtos audiovisuais alcança maior dimensão, bem ao lado da Argélia, de Marrocos e da Arábia Saudita.

A informação foi oportunamente veiculada por Gian Paolo Cresci, administrador da empresa distribuidora de produtos da RAI (Radiotelevisão Italiana), durante um congresso promovido no âmbito da 53.ª edição do Mercado Internacional do Filme, Filme de Televisão e Documentário, da Feira de Milão.

Na sua alocução aos 80 operadores do sector de 15 países e alguns funcionários da Interpol que tomaram parte no «Forum Internacional contra a Pirataria Audio-visual, Cresci afirmoui que os lucros com a venda de cópias legais de gravações audiovisuaus são calculados em mais de 30 milhões de contos ao ano, tanto quanto os do tráfico de droga e metade das arrecadações dos cinemas.

Os participantes no Congresso aprovaram um projecto de resolução que Carlo Ripa di Meana, da Comissão para as Relações Económicas da Comunidade Europeia, apresentara ao Conselho de Ministros Europeus, no qual se recomenda a adopção de medidas comuns no combate à pirataria.

«Apesar das medidas adoptadas recentemente por alguns países, não existe uma acção homogénea e, enquanto cresce o mercado do vídeo doméstico, assiste-se a uma expansão incontrolada do fenómeno, que já atingiu uma dimensão planetária» — lê-se no referido documento, no qual é pedido aos governos que criem normas penais e sanções pecuniárias, além de incentivarem a repressão policial de modo a desencorajar a actividade criminal no sector.

Funcionários consulares na Suíça vivem da caridade?

Dois funcionários do consulado de Portugal em Genebra citados por um jornal local afirmam que não ganham para fazer face às suas necessidades.

Estes funcionários disseram receber donativos de uma instituição de caridade suíça mas o jornal contactou as três principais instituições de caridade suíças, que negam a atribuição de qualquer ajuda a estes funcionários.

Num artigo a cinco colunas publicado no jornal «La Suisse», com uma fotografia a três colunas do consulado de Portugal em Genebra a jornalista Adelita Jenoud sublinha a situação de dois funcionários portugueses do consulado que há cerca de um ano e meio não ganham para fazer face às suas necessidades devido à desvalorização do dólar.

Com o título «Funcionários portugueses em maus lençóis» o artigo começa por se interrogar: «o que se passa no consulado de Portugal em Genebra?

«No consulado de Portugal há uma boa quinzena de funcionários. Na sua maioria chegam directamente de Lisboa e, em regra geral, os seus salários são pagos em divisas suíças, à excepção de alguns casos em que o pagamento é feito em dólares», continua a jornalista. «E precisamente neste último caso que existem problemas», acrescenta.

A jornalista cita os funcionários do consulado e afirma que «os salários não foram reajustados. Os dois têm encargos familiares e não beneficiam de nenhum privilégio que lhes permita alugar apartamentos a baixo preço. As dificuldades dos dois empregados são bem conhecidas dos serviços. Mas os outros funcionários portugueses preferem guardar silêncio, por medo, dizem eles, de represálias.

«Os desfavorecidos, continua, dizem que uma ajuda lhes seria atribuída por um organismo caritativo de Genebra. Contactamos os três principais órgãos de assistência social em vão. Nenhuma subvenção foi atribuída a qualquer desses funcionários».

A jornalista afirma que «interrogado o cônsul de Portugal em Genebra, Pedro Pinto, ele declarou que está perfeitamente ao corrente da situação existente na sua administração: «Os salários dos nossos funcionários dependem directamente de Lisboa, onde uma dessas pessoas ocupa um lugar de segundo mas, a outra posição de responsabilidade. Não se trata portanto de um fenómeno ligado à hierarquia interna» disse, mas apenas um esquecimento no seio da administração central explica que os salários não tenham ainda sido convertidos — como o restante do serviço — em moeda suíça.

As principais dificuldades em Genebra são as da falta de casas e do preço excessivo das rendas», diz o cônsul. «A quem o dizeis senhor cônsul», responde a articulista.

Soube-se entretanto, em Genebra que a situação não é exclusivamente dos dois funcionários em questão mas afecta igualmente funcionários administrativos e o conjunto dos funcionários diplomáticos da Embaixada de Portugal em Berna e da missão de Portugal junto dos organismos internacionais em Genebra.

Portugal distanciado da Europa em matéria de habitações

Os países do centro da Europa procuram já fomentar a aquisição de habitações secundárias, enquanto Portugal vive o seu primeiro ano de incentivo à primeira habitação, notam as conclusões de um simpósio europeu sobre construção.

O atraso generalizado de Portugal face aos outros países europeus, no domínio da habitação e das infra-estruturas de transportes, foi uma das conclusões ressaltadas durante o Primeiro Simpósio Europeu de Construção, realizado em Lyon, França, e que contou com a participação de seis centenas de especialistas do sector.

O atraso de Portugal no que se refere aos grandes projectos de infra-estruturas de transportes foi evidente ao comparar-se a implantação de linhas para comboios de sustentação magnética, capazes de atingir os 400 quilómetros horários, na RFA, Bélgica e França e o desenvolvimento do TGV, com médias de 260km/h, com os valores portugueses que, segundo a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, não atingem a metade.

Nas infra-estruturas de transportes, diz a AECOPS que a «total ausência de vias rápidas», «a insegurança» do transporte ferroviário e os «milhões de buracos que povoam» as estradas portuguesas contrastaram com o nível dos outros países, que procuram actualmente uma «melhoria do serviço prestado, através do aumento da sua velocidade e segurança».

Estado concede subsídios (a fundo perdido) para turismo

O novo sistema de incentivos financeiros ao investimento turístico assenta na concessão de subsídios a fundo perdido. É a mais recente medida tomada pelo Governo neste domínio habilitando o Estado a apoiar abertamente a construção hoteleira. O secretário de Estado do Turismo exaltou, em Londres, as virtualidades desta medida recentemente reprovada pelo Governo.

Durante um almoço que em sua honra foi promovido na capital inglesa pela Câmara Portuguesa do Comércio e Indústria do Reino Unido, Licínio Cunha adiantou que, através do Fundo de Turismo, o Estado concederá subsídios a fundo perdido para os investimentos turísticos, seja para a construção hoteleira seja para equipamentos de animação que, aliás, são aqueles de que o turismo português mais necessita.

Novas regras para produtos de lavagem

A embalagem e rotulagem de produtos de lavagem, conservação e limpeza, passam a dispor, a partir de 1 de Janeiro do próximo ano, de novas regras, nos termos de um diploma publicado no «Diário da República».

«Toda a informação veiculada pela rotulagem, quando verídica, protege os interesses económicos, a saúde e segurança do consumidor, orientando a escolha e contribuindo para a prevenção de riscos», afirma-se no preâmbulo do Decreto-Lei 397/86, de 25 de Novembro, que constitui um documento de grande importância no domínio das políticas de defesa do consumidor que o INDC vem desenvolvendo desde a sua criação.

Nos termos do diploma aprovado, que se destina a complementar o quadro legal já existente, são obrigatórias nos rótulos dos produtos de lavagem, conservação e limpeza as menções relativas a denominação de venda (nome do produto), nome, firma ou denominação social e morada do fabricante, quantidade nominal no momento do acondicionamento, fins a que se destina, código de lote de fabrico ou referência que permita a sua identificação, e a inscrição «importante — manter fora do alcance das crianças», sempre que os produtos incluam substâncias tóxicas ou perigosas.

As indicações obrigatórias, atrás referidas, devem ser inscritas em caracteres indeléveis, facilmente visíveis e redigidas em termos correctos de modo a permitirem uma informação clara ao consumidor. Por outro lado são proibidas quaisquer menções publicitárias que possam induzir o consumidor em erro relativamente à origem, natureza, quantidade, composição e propriedade de lavagem, conservação e limpeza, a qualidade e fins a que o produto se destina, e a sinais figurativos que façam referência ou representem géneros alimentícios (esta última disposição apenas entra em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1989). As indicações inscritas no rótulo terão que ser sempre redigidas em português.

O diploma ocupa-se igualmente das características da embalagem, que deve ser adaptada à natureza do seu conteúdo e da sua utilização, concebida com robustez suficiente para assegurar o transporte, manutenção e conservação durável, resistente às pressões susceptíveis de se desenvolverem no seu interior, e estanque.

O capítulo da segurança, a embalagem deve permitir abertura e fecho fácil, possuir fecho que assegure a estanquicidade, sempre que a natureza do produto o exigir, e ser concebida de forma a dificultar ou impedir a abertura por parte de crianças.

O diploma, cuja entrada em vigor está marcada para 1 de Janeiro de 1987, estipula, na sua parte final, os quantitativos das multas a aplicar, por infracções publicitárias ou de outra natureza, que podem ir até 500 mil escudos.

Procurador afirmou ontem em Monsanto

FUP enquadrava politicamente acções efectuadas pelas FP-25

Um atentado mortal contra um administrador de uma empresa em situação económica difícil foi ontem evocado no Tribunal de Monsanto como «um demonstrativo exemplo da articulação» entre a FUP e as FP-25.

Trata-se do assassinato do administrador da Gelmar Canha e Sá, em Maio de 84, em Odivelas, arredores de Lisboa, acção reivindicada pelas FP-25, que o qualificava como «agente do capitalismo».

Durante a 225.ª sessão do julgamento do 1.º processo das FP-25, o representante do Ministério Público salientou que antes do atentado o referido administrador era denunciado em comunicados da FUP como «responsável pela dramática situação em que vivem os trabalhadores».

Segundo o Procurador da República, Teodósio Jacinto, está provado que à FUP competia o «enquadramento político» das acções efectuadas pelas FP-25, no âmbito do «Projecto Global» de Otelo Saraiva de Carvalho.

O antigo comandante do Copcon já admitiu que elementos das FP-25 se tinham «infiltrado» na sua organização, mas nega qualquer ligação orgânica entre elas.

O julgamento prossegue esta tarde

Arquitectos insurgem-se

Encomendas públicas são "um mundo sórdido de compadrios, corrupções e manobras"

Em Portugal apenas cinco por cento dos projectos particulares são assinados por arquitectos, índice baixo que nos faz estar na cauda da Europa! Quem o revela é a Associação de Arquitectos de Portugal, considerando ser a encomenda pública de trabalhos de arquitectura «um mundo sórdido de compadrios, corrupções e manobras».

Contribuindo para o facto está a quase inexistência de concursos para adjudicação de trabalhos de arquitectura, o que favorece «a concorrência selvagem e a degradação das condições da prática profissional».

A AAP aponta soluções para a situação: um verdadeiro ordenamento do território, a revisão da legislação sobre concursos, e também da portaria de honorários, do licenciamento municipal e do Decreto 73/73, de modo a impedir os não-arquitectos de fazerem projectos de arquitectura.

Entre estes encontram-se engenheiros, engenheiros técnicos e construtores civis, sabendo-se que existem no nosso país cerca de 3000 arquitectos, dos quais apenas a metade vive da profissão e só 500 fora de Lisboa. Consequência: 65% das câmaras não têm arquitectos a trabalhar.

Por isso mesmo elogia a Associação de Arquitectos um despacho há pouco publicado pela Secretaria de Estado do Turismo obrigando a que os projectos que sejam sujeitos à sua aprovação tenham a assinatura de um arquitecto.

SINGER* LANÇA NOVOS ÊXITOS!

Venha já conhecê-los.

Chegaram os novos êxitos da Singer! Novos e atractivos modelos que vão ser um êxito no seu lar! A preços que só na Singer! Decida-se agora! Ganhe em qualidade — e poupe ainda mais — com os novos êxitos da Singer!

TELEVISOR 51 N
— MÓVEL GRÁTIS
— DISPONÍVEL TAMBÉM O MODELO 51 NC COM COMANDO À DISTÂNCIA.

VIDEO VB 520 T
— 5 VIDEOCASSETES GRÁTIS
— 10% DE DESCONTO, DURANTE UM ANO, NA COMPRA DE CASSETES NÃO GRAVADAS.

MÓVEL GRÁTIS

MAQUINA DE LAVAR E SECAR ROUPA LVS 4000

FOGÃO INOX SM 682

MÁQUINA DE TRICOTAR 601

HIFI S 3520
— O NOVO HIFI DA SINGER
— TAMBÉM DISPONÍVEL O MODELO S 3320.

ARCA VERTICAL SAV 250
A NOVA ARCA VERTICAL SINGER COM 4 GAVETAS

FRIGORÍFICO COMBINADO SC 345
— UM ÓPTIMO COMBI DE 2 PORTAS COM CONGELADOR SEPARADO DE 150 LITROS

Ganhe fabulosas viagens!

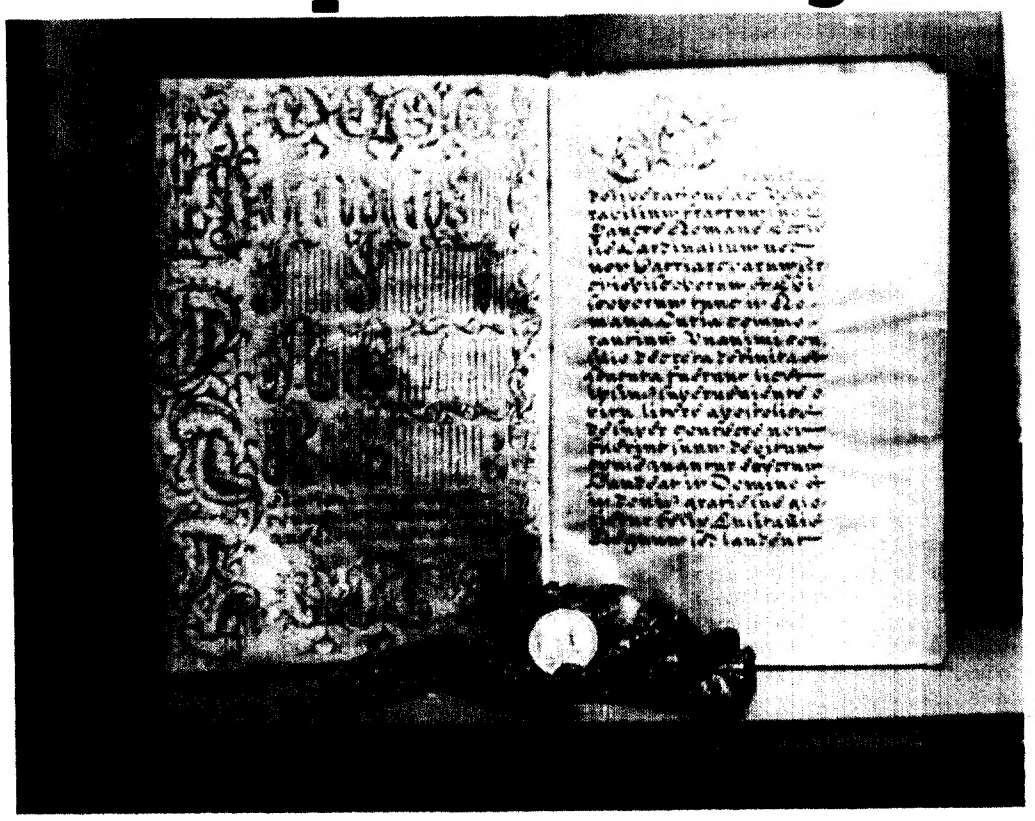
Compre Singer, e participe no sorteio de 3 viagens de sonho para 2 pessoas — com tudo incluído!
• 1.º Prémio — 1 viagem ao BRASIL
• 2.º Prémio — 1 viagem à UNIÃO SOVIÉTICA
• 3.º Prémio — 1 viagem a PALMA DE MAIORCA
— O sorteio será realizado no dia 20/2/87 pelas 18.30 horas nos serviços da EHP — Praceta da Tabaqueira, Lote A, Armazém 2/3 — Matinha — 1900 Lisboa.

SINGER*
* UMA MARCA DE FÁBRICA DA THE SINGER COMPANY

Sábado passado

Torre do Tombo abriu as portas a Amigos de Lisboa

Numa iniciativa dos Amigos de Lisboa, a Torre do Tombo abriu na manhã de sábado passado as suas portas a um público que não é o que mais costumava visitá-lo. E não foi para consultar nenhum dos volumes e documentos que naquelas salas se acumulam mas para mais alguém que não apenas o estudioso e historiador visse como se organiza o nosso depósito maior de uma História que está registada em dez séculos: mil anos de papelada que precisa constantemente ser recuperada.



A visita guiada pelo próprio director da Torre do Tombo, José Pereira da Costa, visou dois objectivos: um foi o de mostrar que, se o nosso Arquivo Nacional tem de facto problemas, e alguns deles graves, a situação não é tão negativa, segundo Pereira da Costa, quando **«alguns meios de comunicação dão a entender». O outro foi como que uma despedida, pois já em 89 um novo edifício, situado na Cidade Universitária, espera as toneladas da História portuguesa: «E ainda bem que para lá vamos, porque o sítio onde estamos agora** — o Palácio de São Bento, onde funciona a Assembleia da República — **é politicamente quente, e houve alturas em que eu temi o que pudesse suceder ao arquivo. Se entrasse por uma destas janelas alguma bomba incendiária seria uma calamidade nacional»**, disse o doutor Pereira da Costa, 75 anos e muita dedicação, um homem com uma admiração grande por essa figura histórica da Torre do Tombo que foi Manuel da Maia, aquele que após o Terramoto» de 1755 soube salvar o património documental português de modo a fazê-lo chegar até nós.

O mais rápido arquivo do mundo

Os Amigos de Lisboa puderam assim saber que em Portugal temos os maiores arquivos do mundo em pergaminhos e uma riqueza ímpar em iluminuras, que o melhor espólio da Europa em documentos da Inquisição se encontra aqui em Lisboa ou que o material que temos ilustrando a presença portuguesa no Oriente, na América e em África é sem igual.

Igualmente se pôde tomar nota que **«somos dos mais rápidos arquivos do mundo»**, existindo todas as facilidades de acesso seja para quem for, bastando apresentar o bilhete de identidade à entrada e perguntar pela obra que se deseja. **Obviamente que quem pedir algo sobre o comércio de conchas no Senegal no século não sei quantos, como fez recentemente um americano, é difícil de satisfazer, porque não podemos saber concretamente onde existem essas referências, mas de resto estou em crer que enquanto noutros arquivos as pessoas ficam uma hora à espera que encontrem o que pretendem isso aqui não acontece».**

Para além do mais podem-se fazer requisições pelo telefone, por carta ou por postal, o que não é possível noutros países. É o lado positivo. O negativo está por exemplo no facto de haver na Torre do Tombo apenas 39 funcionários, estando vagos os restantes 56 lugares, o que acontece pela restrição de verbas que vem existindo. Ligado a este problema está um outro, que é a falta de candidatos com habilitações superiores para determinadas funções, nomeadamente restauradores.

Estado precisa de ajudas suplementares

José Pereira da Costa tinha sobre a sua secretária o projecto de lei sobre as Grandes Opções do Plano para 1987 — entretanto reprovado pelo Parlamento — e fez o seguinte comentário: **«A cultura é sempre a última a ser contemplada. Vejam bem: 0,24% é o pouco que lhe é devido no Plano. Na França, por exemplo, também é pouco, mas sempre é um pouco mais: 1%» E assim que, pelo que parece, as coisas só se vão podendo fazer quando uma entidade privada ou a CEE ajudam o Estado. No caso foi a Fundação Gulbenkian que contribuiu para o novo edifício com 570 mil contos e ofereceu à Torre do Tombo a maquinaria necessária para se fazer a microfilmagem da documentação que entrou em irremediável processo de deterioração.**

A nova Torre oferecerá um espaço muito superior (que falta manifestamente nas 35 divisões, quatro pavimentos e 25 km de prateleira actuais), tanto para os arquivos como para os utentes, tendo-se reservado ainda terreno para ampliação que se torne necessária daqui a cem ou duzentos anos. De salientar uma sala especificamente destinada para consulta de microfilmes, sabendo-se desde já que o futuro da arquivação histórica é aí que está. Para lá irão convergir igualmente os arquivos da Quinta da Amora, do Ministério das Finanças e mesmo o da PIDE/DGS.

Oportunidade ainda para os Amigos de Lisboa visitarem a exposição comemorativa do VI Centenário do Tratado de Windsor, numa cave que em distantes tempos havia sido cavalariça e adega. Foi aí que Pereira da Costa mostrou aos Amigos o «Apocalipse de Lorvão», datado de 1189 e que está segurado em 1 milhão de contos, só podendo sair dali (foi recentemente levado a Espanha no âmbito da sua 'Europália') com guardas de segurança.

R.E.P.

Surge a versão oficial

DCCB localizou Cavacos e brigada especial prendeu-os

Os presos evadidos, Clemente e Faustino Cavaco, foram localizados por um elemento da Direcção Central do Combate ao Banditismo mas a recaptura foi entregue ao grupo criado com esse objectivo, revelou à Anop o director-geral da Polícia Judiciária.

Depois de recebida uma informação, testada também pelo mesmo elemento da DCCB no local, foi informada a Directoria de Lisboa para que a recaptura fosse efectuada pelo grupo constituído após a fuga dos Cavacos de Pinheiro da Cruz, disse Marques Vidal.

Segundo o director-geral da Polícia Judiciária, o êxito da operação deveu-se a um trabalho conjunto de diferentes departamentos da PJ que «se me afigura modelar em sua expressão colectiva».

Marques Vidal, que se encontra em Madrid, reconheceu que a operação de recaptura, depois de feito o trabalho da localização, poderia ter sido realizado pelo departamento que obteve a informação, mas foi preferível o trabalho de colaboração entre diversos departamentos da PJ.

O director-geral sublinhou que a informação base que permitiu avançar para a operação da recaptura foi obtida por um elemento da DCCB, cuja identidade se recusou a revelar, indicando que ninguém deve «apropriar-se indevidamente» dos méritos da operação.

Marques Vidal também não quis dizer donde partiu a informação inicial, desmentindo que tenha sido por denúncia ou telefonema anónimo.

«Apesar do esquema inicial instalado no Algarve ter sido desmontado, ficámos sempre a trabalhar neste assunto e chegou de lá a recolha de informação diversa que devidamente analisada e testada permitiu a localização e recaptura dos Cavacos», disse Marques Vidal.

O director-geral da PJ, que se encontra em Madrid para uma visita oficial de trabalho, disse que, desde a fuga dos Cavacos, a Polícia Judiciária não deixou de trabalhar e contou com a colaboração das polícias de Espanha e França em diversas fases da investigação.

José Faustino Cavaco e Vítor Clemente Cavaco, os dois cadastrados evadidos de Pinheiro da Cruz e recapturados no Algarve, vão aqui passar 30 dias em regime de cela disciplinar.

O regime de isolamento é habitual em casos como este, de evasão e recaptura de presos, disse uma fonte prisional, que especificou que este período de prisão disciplinar vai ser cumprido pelos reclusos na zona de Lisboa, dado que ainda se encontram à disposição da Polícia Judiciária.

Refugiados do Jamor sem água

O abastecimento de água foi cortado a aproximadamente 80 habitações de refugiados do Vale do Jamor, devido à degradação das canalizações — informou um responsável da Câmara Municipal de Oeiras.

O vereador do pelouro da habitação daquele órgão autárquico, Vieira da Luz, expôs as razões da medida, que afecta cerca de 80 famílias de retornados das ex-colónias a residirem provisoriamentew na Quinta do Balteiro, no limite ocidental do concelho de Oeiras, famílias que desde terça-feira deixaram de dispor de água nos domicílios.

Foi no princípio da semana que funcionários dos serviços municipalizados de Oeiras procederam ao corte daquele abastecimento, compensando-o com a abertura de dois chafarizes de utilização pública.

Vieira da Luz explicou a iniciativa pelas roturas da rede de distribuição, as quais originavam perdas de água estimadas em 70 por ento, com elevado prejuízo camarário.

Reagan ordena investigação às actividades do Conselho Nacional de Segurança

O presidente Ronald Reagan nomeou ontem uma comissão para investigar as actividades do Conselho de Segurança Nacional que coordenou a venda de armas dos Estados Unidos ao Irão. A investigação surge na sequência do anúncio de desvio de fundos daquela operação para a ajuda aos «contras» nicaraguenses, que levou à demissão do responsável pelo Conselho e do seu adjunto. Entretanto, uma publicacão inglesa revelou ontem que está em curso uma vasta operação internacional de apoio militar a Teerão.

A comissão de três membros nomeada por Ronald Reagan é chefiada pelo ex-senador republicano John Tower e integra o ex-secretário de Estado do presidente Carter, Edmund Muskie e o antigo conselheiro de segurança nacional de Gerald Ford, Brent Scowcroft.

O Departamento de Justiça continua, entretanto, com a sua investigação que levou já à descoberta que fundos provenientes da venda de armas norte-americanas ao Irão, no valor de 30 milhões de dólares, foram transferidos para uma conta bancária suiça para financiar actividades dos «contras» nicaraguenses.

O responsável pelo Departamento, Edwin Meese, disse ontem ser muito possível que mais pessoas estejam envolvidas no desvio de dinheiro. Conforme ontem noticiámos, as primeiras revelações de Meese levaram à demissão do conselheiro nacional de segurança, John Poindexter e o do seu assessor, Oliver North.

«A nossa investigação vai revelar quem esteve envolvido», garantiu Edwin Meese numa entrevista à televisão norte-americana. Meese salientou, porém, não haver dúvidas quanto à inocência de Ronald Reagan, do vice-presidente George Bush e de todos os secretários do governo e conselheiros da Casa Branca.

A imprensa norte-americana manifestara dúvidas quanto à inocência do presidente e de outros membros da administração, adiantando que Poindexter e North poderiam ser apenas «bodes expiatórios sacrificados para salvar a honra da Casa Branca».

Ponta do iceberg

O semanário inglês de assuntos de defesa, «Janes Defence Weekly», revelou entretanto que a venda de armas norte-americanas ao Irão é apenas «a ponta do iceberg» de uma vasta operação internacional de apoio militar a Teerão.

Segundo a publicação, pelo menos oito outras nações estão envolvidas no fornecimento de armas ao Irão. O Brasil, a Coreia do Norte, a China, a Síria, a Argentina, a Líbia, Bélgica e a Áustria estão entre os países a que o Irão adquiriu parte significartva do seu arsenal militar, refera publicação.

A notícia foi já desmentida pelo governo brasileiro que afirmou que as industrias nacionais de armamento não estão a vender equipamento bélico ao Irão.

A «moral» de Israel

A revista britânica adiantou também que Israel, que esta semana admitiu ter agido como intermediário nos fornecimentos secretos de armas norte-americanas ao Irão, conseguiu por seu lado vender a este país equipamento bélico antiquado no valor de 500 milhões de dólares, através de terceiros países.

Respondendo a uma interpelação do Parlamento, o ex-primeiro ministro israelita, Shimon Peres, declarou que Israel entregou um carregamento de armas ao Irão «apenas por principios morais» e a pedido dos Estados Unidos. Peres disse que Israel « não ganhou sequer um centimo furado com isso» e garantiu «nada ter a ver com os contras da Nicarágua».

Entretanto, no Golfo, a guerra continua tendo o Irão anunciado que mais de 200 pessoas foram mortas na terça-feira durante ataques iranianos a duas cidades do Iraque. Este país anunciou, por seu lado, que a sua força aérea atacou ontem sete aquartelamentos no Norte e Oeste do Irão.

Acordo de tréguas assinado nas Filipinas

Representantes do Governo filipino e da guerrilha comunista do «Novo Exército do Povo» (NEP) assinaram hoje um acordo de tréguas militares, a vigorar a partir de 10 de Dezembro e que põe termo a 17 anos de guerra civil.

O acordo, encarado como grande vitória política para a presidenta Corazon Aquino, foi assinado num clube privado de Manila, ao fim de longos meses de difíceis negociações entre as partes, pelos negociadores Ramon Mitra e Teofisto Guingona, por parte do Governo e Stur Ocampo e António Zumel, representantes da Frente Democrática Nacional e do NEP.

O acordo prevê um período de tréguas de 60 dias, mas estipula também que as partes se voltem a reunir dentro de 30 dias para encetar «conversações substanciais» sobre questões como a reforma agrária, os Direitos Humanos e o papel dos militares norte-ammericanos nas Filipinas.

URSS anuncia intenção de suspender moratória

A União Soviética tenciona suspender a moratória nuclear unilateral, a que os Estados Unidos não quiseram aderir, em 1 de Janeiro de 1987 — afirmou o Chefe de Estado-Maior do Exército soviético, general Serguei Ajromeyev.

Em declarações ao semanário alemão-federal «Stern» e que são publicadas na edição de hoje, Ajromeyev explicou a decisão do Kremlin da seguinte forma: «todas as nossas medidas de desarmamento têm um limite, incluindo esta».

O marechal não afasta, por outro lado, a hipótese de chegar a um acordo com o Ocidente no caso dos mísseis nucleares de curto alcance, mesmo se os Estados Unidos prosseguirem com o programa de iniciativa de Defesa Estratégica (IDE).

Ajromeyev exclui, no entanto, qualquer acordo parcial sobre os sistemas de médio alcance (mísseis «Cruzeiro» e «Pershing-2») norte-americanos face aos SS-20 soviéticos, se Washington insistir na Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE, vulgarmente conhecida por «Guerra das Estrelas», que o marechal classificou de sistema «ofensivo».

O general soviético considerou a IDE gravemente desestabilizadora, dado que pode permitir aos Estados Unidos o reforço do seu potencial ofensivo com a esperança de acertar na União Soviética um primeiro ataque nuclear de surpresa e ficar incólume.

O entrevistado salientou que «de nada serviria aos Estados Unidos esta estratégica, dado que Moscovo pode responder com medidas menos dispendiosas, mas capazes de neutralizar um eventual ataque norte-americano».

Gorbachev na Índia

O líder soviético Mikhail Gorbachev e o primeiro-ministro indiano Rajiv Gandhi apelaram à proibição de armas espaciais e para a instituição de uma convenção internacional que proíba «a utilização ou ameaça de uso de armas nucleares».

«É necessário alterar a actual situação mundial e construir um mundo livre de armas nucleares», afirma-se numa declaração conjunta assinada pelos dois líderes.

Ambos apelaram para «os povos e líderes de todos os países no sentido de tomarem acções urgentes conducentes a um mundo livre de armas de destruição em massa».

Gorbachev, no terceiro dos quatro dias de visita oficial à Índia, e Gandhi assinaram uma declaração, rodeados por cerca de 40 responsáveis governamentais soviéticos e indianos, no Palácio Presidencial.

Delegação do Malawi recebida por Chissano

O presidente moçambicano, Joaquim Chissano, convidou o governo do Malawi a não ficar pelas simples declarações de que não presta apoio à Renamo e a ajudar a «criar condições para a segurança» na região.

Chissano falava na abertura das conversações havidas em Maputo com uma delegação chefiada por John Tembo, membro do comité executivo do Congress Party do Malawi.

John Tembo, considerado o segundo homem do poder malawiano, entregou ao presidente moçambicano uma carta do seu homólogo, Kamuzu Banda.

Falando no encontro, Tembo voltou a negar «qualquer envolvimento do seu país na agressão sul-africana a Moçambique, através dos bandidos armados» — noticia a agência AIM.

O presidente Banda «gostaria de reafirmar que o Malawi não apoia e não apoiarseja qual for o grupo que pretenda desestabilizar Moçambique» e que o governo do Malawi quer paz e harmonia com Moçambique — disse Tembo.

O presidente Chissano respondeu que se tinha disposto «sem hesitações» a receber a delegação malawiana «porque vivemos um período de problemas graves entre os nossos países, e não podemos esconder isso».

Segundo o chefe de Estado moçambicano, os problemas entre Moçambique e o Malawi são de «longa data» e o governo moçambicano trabalhou «imensamente» para eliminar «tudo o que pudesse dividir».

John Tembo transmitiu um convite do presidente vitalício malawiano ao presidente moçambicano para «enviar a sua delegação à reunião da Comissão Conjunta de Segurança, numa data que lhe convenha».

O presidente Chissano respondeu que Moçambique também desejava a realização de tal encontro num futuro próximo, e adiantou que antes da sua morte «o presidente Samora Machel estava impaciente pela demora deste encontro».

A data e local da realização do encontro ficou porém por acordar.

O presidente moçambicano era acompanhado na ocasião por um membro do «bureau» político, tenente-general Armando Guebuza, pelo vice-ministro da Defesa, Armando Panguene, pelo ministro da Informação, Teodato Hunguana, e pelo major-general Bonifácio Gruveta.

EXCURSÕES
NATAL E FIM-DE-ANO
AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTEIS DE 1.ª
MARROCOS • CIDADES IMPERIAIS
SANGALHOS • F. FOZ • BUCACO
NEVE NA SERRA DA ESTRELA
VALE DO MONDEGO E SERRA DA ESTRELA
ALMOÇO REGIONAL EM OBIDOS
ALMOÇO NO «CANGALHO»
CIRCUITO DA SERRA DA ESTRELA
MADRID • VALE DOS CAIDOS • NAVACERRADA
SEVILHA • GRANADA
SERRA DA ESTRELA E BARRAGEM DA AGUIEIRA
FIM-DE-ANO EM TANGER
FIM-DE-ANO EM MADRID
ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA
SANTIAGO DE COMPOSTELA • MINHO • VIGO
BIARRITZ • LOURDES • ANDORRA
CEUTA • GIBRALTAR • TORREMOLINOS
FIM-DE-ANO EM BADAJOZ
FIM-DE-ANO EM SALAMANCA
SERRA DA ESTRELA • SALAMANCA
SALAMANCA • MADRID
GIBRALTAR • CEUTA • SEVILHA
FERIADOS DE DEZEMBRO
CONSULTE O NOSSO PROGRAMA
Peça programas e informações na sua agência de viagens ou na
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO 53 — LISBOA
Telefones 52116, 52117, 57290

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

3.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 5 de Dezembro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5 - 4 º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a JOSÉ SACRAMENTO FARIA COUTINHO, com sede na Rua Conselheiro Barjona de Freitas, n.º 10 em Lisboa, no processo executivo n.º 1859/80.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 6 — Um quadro eléctrico da marca «MERLIN GERIM», com três corpos Compact F-10, com capacidade de 650 Wts.

Verba n.º 7 — Uma máquina de fotocopiar da marca «OLIMPIA» - Internacional Omega 1000, em bom estado.

Verba n.º 8 — Uma máquina de calcular, digo, contabilidade da marca «OLIVETTI-AUDIT 1513» em razoável estado de funcionamento.

Estes bens vão à praça sem qualquer valor base de licitação.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
(JOÃO CORDEIRO DIAS)
O Liq. Trib.
(F. LOPES)

«DL» 27/11/1986

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
2.ª Praça

Faz-se publico, que pelo 1.º Juizo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 4 de Dezembro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braancamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: A+P — Fabrico e Comércio de Equipamentos Industriais, Lda., com sede na Praça do Campo Pequeno, n.º 21-4 º/5 º E em Lisboa, no processo executivo n º 6213/84

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Contabilidade: Duas secretárias com os respetivos tampos auxiliares; três cadeiras giratórias; uma cadeira de braços; um computador da marca «PHILIPS», mod. P/320; dois ficheiros, um alto e outro baixo, das marcas «Foca» e «Longra»; um armário estante; uma máquina de calcular da marca «BROTHER», mod. MPD-120, com o n.º NM20310; uma máquina de calcular da marca «BROTHER», mod. PD1000, com o n.º N040566; uma máquina de calcular da marca «BROTHER», mod. MPD-120, com o n.º 20332; um aquecedor da marca «EFACEC» mod. mirage; uma estante metálica, tudo em bom estado no valor de 250 000$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 2 — Secretaria: — Duas secretárias, sendo uma com tampo auxiliar e outra com um bloco; duas cadeiras, sendo uma giratória; uma estante com duas prateleiras, um ficheiro pequeno; uma máquina de escrever da marca «IBM», com o n.º 21247626; um aquecedor da marca «EFACEC», tudo no valor de 25 000$00 (vinte e cinco mil escudos).

Verba n.º 3 — Sala de Reuniões: — Uma mesa com tampo em madeira e estrutura metálica, rectangular; quatro cadeirões forrados a napa preta, com braços, tudo no valor de 12 500$00 (doze mil e quinheiros escudos).

Verba n.º 4 — Cozinha: — Duas cadeiras cor de laranja; um cadeirão em napa; um frigorífico da marca «Fagor» mode & Line, tudo no valor de 15 000$00 (quinze mil escudos).

Verba n.º 5 — Controle de Gestão: — Uma secretária e uma cadeira giratória; um armário estante sem portas; uma máquina de calcular da marca «BROTHER» mod. MPD-120, com o n.º 220025, tudo no valor de 17 500$00 (dezassete mil e quinhentos escudos).

Verba n.º 6 — Direcção Financeira: — Uma secretária e uma cadeira com braços, um armario estante, dois sofás, uma mesa de vidro; uma mesa para telefone, uma máquina de calcular da marca «BROTHER», mod 12 PDX, com o n.º P740421, duas cadeiras, tudo no valor de 40 000$00 (quarenta mil escudos).

Verba n.º 7 — Pessoal e Facturação: — Dois ficheiros de quatro gavetas, uma secretária metálica com tampo auxiliar; três armários com quatro prateleiras, uma cadeira giratória; uma cadeira cor de laranja; uma máquina de calcular da marca «TEAL» mod. TL 7121 PD, com o n.º 924166; um aquecedor da marca «EFACEC», tudo no valor de 50 000$00 (cinquenta mil escudos).

Verba n.º 8 — Serviços Financeiros e Tesouraria: — Uma mesa para telefone; uma secretária com seis gavetas; uma secretária de madeira escura com três gavetas e um apoio; um armário estante de quatro prateleiras; uma cadeira giratória; um cofre monobloco, com segredo de quatro combinações; um cofre portátil, uma máquina de calcular da marca «BROTHER», mod. 12-PDX, com o n.º P740425; uma cadeira cor de laranja; uma cadeira giratória, tudo no valor de 50 000$00 (cinquenta mil escudos).

Verba n.º 9 — O direito ao arrendamento e trespasse do escritório sito na Praça do Campo Pequeno, n.º 21-3.ºDto., em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 60 000$00, a que foi atribuído o valor de 7 000 000$00 (sete milhões de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 19 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F. Lopes

D.L. 27/11/1986

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
2.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juizo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 4 de Dezembro, de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a FÁBRICA DE CONFECÇÕES CARDOSO E COSTA, Ld.ª, com sede na Rua Alexandre Herculano, n.º 11-A em Lisboa, no processo executivo n.º 5 671/84

BENS PENHORADOS

Verba n.º1 — Cinco expositores metálicos para roupas, a que se atribui o valor presumível de quarenta mil escudos (40 000$00).

Verba n.º2 — Um cinzeiro de pé com porta papéis, a que se atribui o valor presumível de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º3 — Uma máquina registadora marca «Unice» a que se atribui o valor presumível de 15 000$00 (quinze mil escudos).

Verba n.º4 — Um balcão com tampo de vidro, a que se atribui o valor de 10 000$00 (dez mil escudos).

Verba n.º5 — Dois manequins de montra, a que se atribui o valor presumível de 20 000$00 (vinte mil escudos).

Verba n.º6 — Duas cadeiras forradas a napa, a que se atribui o valor presumível de 2 500$oo (dois mil e quinhentos escudos).

Verba n.º7 — Um expositor de roupas com varões, a que se atribui o valor presumível de 10 000$00 (dez mil escudos).

Verba n.º8 — Uma estante metálica, com armários, a que se atribuiu o valor presumível de 7 500$00 (sete mil e quinhentos escudos)

Verba n.º9 — Uma mesa com tampo de vidro a que se atribui o valor presumível de 3 750$00 (três mil setecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º10 — Duas cadeiras a que se atribui o valor presumível de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º11 — Três secretarias «Nacetal», a que se atribui a valor presumível de 25 000$00 (vinte e cinco mil escudos).

Verba n.º12 — Uma móquina de escrever, a que se atribui o valor presumível de 2 500$00 (dois mil e quinhentos escudos).

Verba n.º13 — Uma máquina de calcular marca «Monroe», a que se atribui o valor de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º14 — Três cadeiras giratórias, a que se atribui o valor presumível de 12 500$00 (doze mil e quinhentos escudos).

Verba n.º15 — Uma máquina de escrever eléctrica marca «FACIT», a que se atribui o valor presumível de 37 500$00 (trinta e sete mil e quinhentos escudos).

Verba n.º16 — Um calorífico eléctrico «EFACEC», a que se atribui o valor presumível de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º17 — Um calorífico eléctrico s/marca, a que se atribui o valor presumível de 1 250$00 (mil duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º18 — Uma estante metálica tipo «Handy», a que se atribui o valor presumível de 2 500$00 (dois mil e quinhentos escudos).

Verba n.º19 — Uma ventoinha a que se atribui o valor presumível de 3 750$00 (três mil setecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º20 — Uma balança para papel, a que se atribui o valor presumível de 500$00 (quinhentos escudos).

Verba n.º21 — Uma mesa de corte com 2m e outra mesa também de corte com 1,20m, a que se atribui o valor presumível de 7 500$00 (sete mil e quinhentos escudos).

Verba n.º22 — Um ferro eléctrico de engomar com suporte a que se atribui o valor presumível de 2 500$00 (dois mil e quinhetos escudos).

Verba n.º23 — Uma estante metálica com três metros, a que se atribui o valor presumível de 10 000$00 (dez mil escudos).

Verba n.º24 — Duas cadeiras giratórias, a que se atribui o valor presumível de 5 000$00 (cinco mil escudos)

Verba n.º25 — Três bancos de madeira, a que se atribui o valor de 375$00 (trezentos e setenta e cinco escudos).

Verba n.º26 — Nove mesas em fórmica, a que se atribui o valor presumível de 45 000$00 (quarenta e cinco mil escudos)

Verba n.º27 — Trinta e três cadeiras com tampo em fórmica, a que se atribui o valor presumível de 30 000$00 (trinta mil escudos).

Verba n.º28 — Oito armários roupeiros com dois compartimentos, tipo «Handy» a que se atribui o valor presumível de 25 000$00 (vinte e cinco mil escudos).

Verba n.º29 — Um fogão a gás «Liys» com forno, a que se atribui o valor presumível de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º30 — Um fogareiro com três bicos a gás, a que se atribui o valor presumível de 1 250$00 (mil duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º31 — Um frigorífico «Brandt», a que se atribui o valor presumível de 1 500$00 (mil e quinhentos escudos).

Verba n.º32 — Um calorífero a gás, a que se atribui o valor presumível de 3 750$00 (três mil setecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º33 — Um carro metálico para transporte de confecção, a que se atribui o valor presumível de 6 250$00 (seis mil duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º34 — Uma mesa metálica com tampo em madeira, a que se atribui o valor presumível de 7 500$00 (sete mil e quinhentos escudos).

Verba n.º35 — Uma estante de madeira marca «Olaio», a que se atribui o valor de 1 750$00 (mil setecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º36 — Quatro extintores de incêndio, a que se atribui o valor presumível de 12 500$00 (doze mil e quinhentos escudos).

Verba n.º37 — Duas ventoinhas com pés, a que se atribui o valor presumível de 10 000$00 (dez mil escudos).

Verba n.º38 — Dois mapas «Planing», a que se atribui o valor presumível de 6 000$00 (seis mil escudos)

Verba n.º39 — Quatro armários metálicos sendo dois com 3 compartimentos e dois com 4 compartimentos respectivamente, a que se atribui o valor presumível de 17 500$00 (desassete mil e quinhentos escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F. Lopes

«DL» 27/11/1986

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pelo 4.º Juízo/2.ª Secção do Tribunal Judicial da Comarca de Cascais, correm termos uns autos de A. Despejo registados sob o n.º 67/86 em que é autor LUÍS ARRUDA PACHECO, residente na Av.ª Estados Unidos da América, 91-5.º-Dt.º, em Lisboa, e réus LUCIA MARIA ALVES COELHO DA SILVA, com última residência conhecida na Av.ª N. Senhora do Monte da Saúde, lote 1, r/c, no Monte Estoril, e ALFREDO MANUEL GASPAR MUCHAGATA, também com última residência conhecida no Parque de St.º António, na Costa da Capanca, Almada, sendo estes últimos citados para comparecerem pessoalmente neste Tribunal no dia 10 de Dezembro próximo, pelas 14.30 horas, a fim de tomarem parte numa tentativa de conciliação nos termos do art.º 972.º do C.P. Civil.

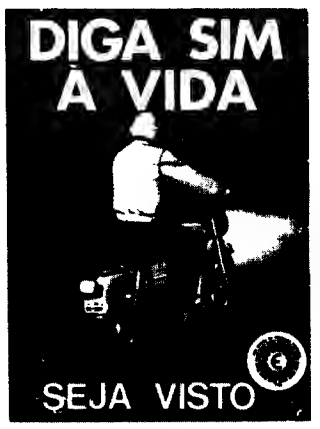
Os refendos réus são advertidos de que a sua comparência é obrigatória, mas poderão fazer-se representar por mandatário com poderes especiais para o acto caso estejam impossibilitados de comparecer ou ausentes do continente, e ainda de que são desde já citados para, nos DEZ DIAS seguintes a contar daquela diligência e findos que sejam os TRINTA DIAS dos éditos, e isto no caso da tentativa se frustrar ou a ela não comparecerem, contestarem, querendo, a presente acção pelos fundamentos constantes da petição inicial cujo duplicado fica à sua disposição na secretaria deste Tribunal, podendo deduzir em reconvenção o seu direito a benfeitorias ou a indemnização.

Cascais, 29 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,
(Francisco Costa Fidalgo)

O Escrivão de Direito,
(Fernando Teodoro de Gália)

"D.L." 27/11/86 – 2.ª Pub.



Orçamento em debate na especialidade

PCP quer hospital no S e PRD os ministros gast

A oposição apresentou na Assembleia, até ao momento, duas propostas de alteração do Orçamento para 1987 proposto pelo Governo. Uma das propostas, do PCP, prevê uma dotação de 5 mil contos para estudos de construção de um hospital no Algarve, na zona de Portimão-Lagos. A outra, do PRD, conforme já noticiado, foi referida na declaração final daquele partido durante o debate na generalidade, fixando penas de 3 anos ou multa até 100 dias para membros do Governo que, entre outras razões, contraiam encargos para os quais não haja dotação orçamental. Prevê-se a apresentação de outras propostas até sábado quando serão votadas e elaborado o relatório da comissão parlamentar de Economia e Finanças sobre o debate na especialidade do Orçamento das despesas. Espera-se, com alguma expectativa, as sessões plenárias da Assembleia da República destinadas à discussão e votação na especialidade das receitas que decorrerão de terça a quinta feira da próxima semana.

«Ia fazer um aparte, é que, às vezes, também me apetece desligar o meu microfone, mas era capaz de não ficar muito bem», disse ontem o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, na sessão da tarde de discussão na especialidade do Orçamento para Educação e Cultura. Durante essa sessão, o ministro tentou responder a mais de três horas de perguntas postas pelas diversas bancadas.

Nem o pedido do ministro para interromper a sessão, para cumprimento de uma formalidade oficial, obteve dos deputados uma resposta favorável. João de Deus Pinheiro iniciou o período de respostas afirmando que «um orçamento de educação é extremamente rígido», face às despesas fixas e «de difícil quantificação», acrescentando haver «uma falta de rigor intrínseca», não sendo apenas assim o caso português. «Não é possível fazer um orçamento com base nas queixas» disse o ministro.

Queixas que foram trazidas para o hemiciclo sobre a exiguidade de dotações, a atribuição de verbas para funcionamento escolar, equipamento e instalações, serviços sociais, atribuição de subsídios, mas sobretudo sobre a informatização na Educação e do corte de verbas para investimentos universitários.

Informatização em «estado miserável»

João Cravinho afirmou estar a «formar-se engenheiros que não estão familiarizados com as técnicas que vão ser dominantes nos próximos anos», tendo sublinhado o «estado miserável das escolas de informática», como é o exemplo da de Coimbra a funcionar num sotão e sem equipamento.

Sobre esta questão, aquele deputado socialista salientou a importância de laboratórios de computação gráfica, inexistentes em Portugal, dizendo que «sem um bom ensino apoiado por computação gráfica os nossos engenheiros estarão para os outros engenheiros estrangeiros como curandeiros para os futuros médicos». Cravinho propôs a inscrição de dotação para laboratórios micro-informáticos que, afirmou, ser possível com poucas centenas de milhar de contos. João Cravinho disse ainda não poderem consentir que a situação se mantenha.

Esgotaram no primeiro dia as acções da CEL-CAT

A emissão de 180 mil acções da CEL-CAT e a venda pública de outras 50 mil esgotou ontem, no primeiro dia das duas operações conjuntas, informou a Sociedade de Investimentos MDM.

António de Saldanha, director da MDM, que coordenou a operação, acrescentou que depois de terem entrado em contacto com todos os bancos que tomaram firme a emissão e a venda pública chegaram à conclusão de que todos eles esgotaram os papéis, tendo havido mesmo casos em que foi necessário proceder a um rateio dos pedidos.

«Esta procura do público demonstrou como o Governo autorizou bem a operação e como as instituições financeiras nela apostaram acertadamente», acrescentou.

As acções da CEL-CAT, que foram sexta-feira passada admitidas no mercado oficial, foram vendidas ao preço unitário de 3 100 escudos. O capital social da empresa agora aumentado passa a ser de 900 mil contos.

Emissões da Crisal e Sofinloc

Também as empresas Crisal-Cristais de Alcobaça e Sofinloc-Sociedade Financeira de Locação foram autorizadas por portarias hoje publicadas no «Diário da República» da aumentar o seu capital social pelo recurso à emissão de acções, para subscrição pública.

As acções da Crisal-130 mil a 3.800 cada — serão emitidas já nos próximos dias 2,3 e 4 e correspondem a um aumento de capital social - juntamente com os títulos colocados à disposição dos funcionários da empresa de 540 mil para 675 mil contos.

Quanto à Sofinloc, desconhecendo-se a data da emissão, a autorização é para emitir 100 mil acções no valor nominal de mil escudos e ao preço de emissão de 5 000. Esta emissão corresponde ao aumento do capital social de 350 mil para 450 mil contos.

Comunidade

O Conselho de Ministros do Orçamento da CEE aprovou hoje um projecto de orçamento de 36,2 mil milhões de ECU's (Unidade de Conta Europeia), mas rejeitou uma proposta do Parlamento Europeu sobre a criação de um fundi especial para por termo aos «stocks» de produtos alimentares.

O orçamento vai agora para o Parlamento Europeu, para aprovação final durante o próximo mês. A última reunião do Conselho arrastou-se por 21 horas até ser obtido o consenso.

Fontes diplomáticas afirmaram que o Orçamento, que na sua forma inicial previa 35,9 milhões de dólares, não será

PEDIP já foi

O Conselho de Ministros da CEE aprovou também, depois de difíceis negociações, um linha orçamental «para memória» destinada ao Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP).

Esta linha orçamental agora aceite pelo Conselho de Mi-

Sotavento algarvio stadores na cadeia

tendo o ministro respondido que novos projectos seriam aceites desde que não agravassem o défice.

Relacionada com esta, foi questão levantada por Raul Junqueiro (PS) ao afirmar que «os poucos subsídios concedidos por diversas instituições são destinados a pagar impostos», sobretudo o IVA, incidentes sobre equipamento adquirido e mesmo doado, contrariamente ao que se passa na CEE.

Em resposta, o ministro disse que iria ser feita uma proposta no sentido de isenção de imposto desse tipo de equipamento, classificando a questão posta por João Cravinho como «extraordinariamente difícil de responder». Disse tratar-se de uma «situação que todos nós herdámos», em que «vários cursos foram postos a funcionar sem condições».

O ministro disse ainda, sobre a investigação universitária, que a atribuição de verbas deve ser compensada com receitas próprias, vindas de clientes, exemplificando com o caso inglês, onde, disse, o Estado subsidia no montante igual às receitas exteriores conseguidas.

Universidades em debate

A situação das universidades foi referida por José Tengarrinha (MDP/CDE) ao preocupar-se com a verba destinada a contratação de docentes. Segundo este deputado, anteontem e ontem «na Faculdade de Letras, as aulas estiveram paralisadas, mil alunos estiveram sem aulas por falta de docentes, por falta de verbas». Sobre verbas, mas para pessoal auxiliar, Jorge Lemos (PCP) afirmou que «não acompanham o ritmo da inflação», tendo acrescentado estar a fazer-se «recurso constante a contratados a prazo» quando o quadro está por preencher. António Osório (PCP) afirmou ter se procedido, no Orçamento para 1987, um corte nos investimentos para as Universidades, facto que Jorge Lemos já aludira na sua intervenção ao perguntar pela verba de 100 mil contos, destinadas a bibliotecas, que «os reitores afirmam não terem visto um tostão».

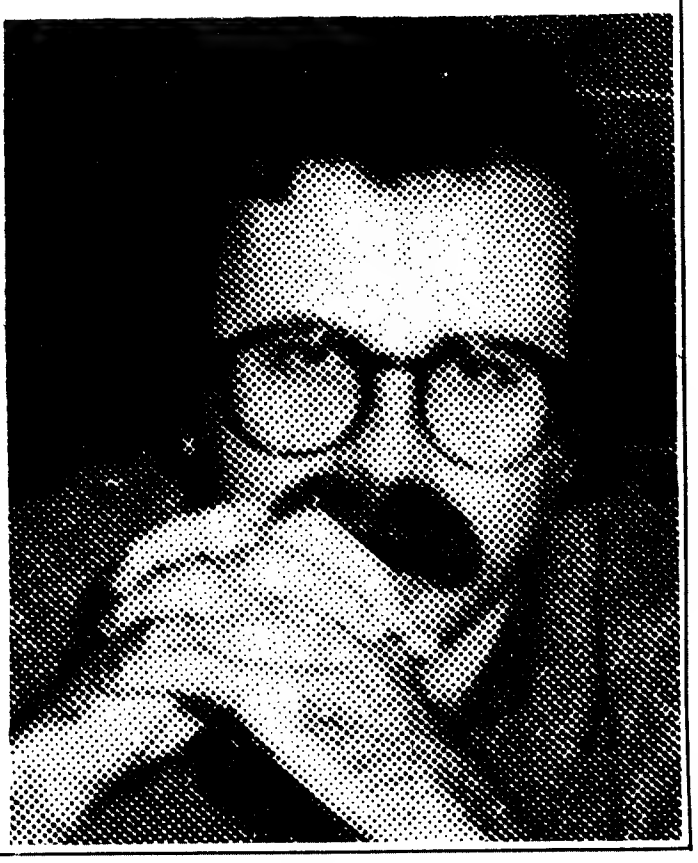
Respondendo a estas questões, João de Deus Pinheiro obteve no momento, pela boca do secretário de Estado, a confirmação de que haviam sido «só agora entregues». Sobre a situação da Faculdade de Letras, o ministro afirmou que a autonomia pressupunha responsabilidade, perguntando que, se não se preparam «para tapar todos os buracos, que autonomia é esta?», tendo ainda questionado o facto do ano passado haver professores e neste não.«Eu sei lá se é por falta de verba?» interrogou-se o ministro, escusando-se a debater a questão que considerou fora do conjunto da do Orçamento.

Ficou sem resposta a pergunta relativa à atribuição de subsídios a 3 universidades privadas, ainda em 1986, num total de 45 mil contos, quando estava previsto um limite de 65 mil contos para os estabelecimentos de ensino particular e cooperativo.

No debate, participou ainda a secretária de Estado da Cultura, Teresa Gouveia, que respondeu, relativamente à concretização do previsto para este ano, «tudo apontar para um número superior a 90 por cento». Teresa Gouveia disse ainda estrar o Museu Grão Vasco, no Porto, concluído em 1989 e que têm surgido dificuldades na aquisição do Teatro S.João do Porto por parte dos proprietários que «não querem vendê-lo».

O debate na especialidade continuou, esta manhã, com a discussão dos orçamentos para os ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Indústria e Comércio, prevendo-se que a apreciação das despesas do Orçamento atinja o seu ponto alto, amanhã à tarde, com o debate das verbas afectadas ao próprio ministério das Finanças.

Eleições na Função Pública ganhas pela lista da direcção cessante



A lista A, proposta pela direcção cessante e que tem como coordenador Vítor Gonçalves, ganhou as eleições para o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, ontem realizadas.

Segundo informações obtidas pelo «DL» junto daquele sindicato, estavam escrutinados ao fim da manhã cerca de 70% dos votos, cabendo 86% deles à lista A, 10% à B, 3% a votos em branco e 1% a votos nulos.

De acordo com a mesma fonte, a taxa de participação eleitoral deverá situar-se entre os 37 e os 40% e os resultados definitivos ficarão apurados a meio da tarde de hoje.

A lista A tem como lema «confiança e luta na defesa dos trabalhadores da Função Pública» e iclui diversos dirigentes da CGTP e da União dos Sindicatos de Lisboa.

Vítor Gonçalves, 34 anos técnico auxiliar de primeira classe passa a coordenar a Direcção do Sindicato da Função Pública

Meridien garante continuar em Luanda

A cadeia hoteleira Meridien continuará a gerir o hotel Presidente, em Luanda, não havendo qualquer projecto para de lá sair antes do fim do contrato de gestão, disse à agência NP um porta-voz da empresa, uma filial da Air France.

Este desmentido foi provocado pela publicidade de uma notícia na Imprensa portuguesa, segundo a qual a Meridien irá retirar-se em breve da gestão do hotel Presidente, por diversas razões.

«A vida não é fácil em Luanda» — acrescentou o mesmo porta-voz. «Mas estamos lá para as aplanar (as dificuldades).

«A taxa de ocupação é boa, o hotel funciona bem, e nós contamos lá ficar até ao fim do contrato», concluiu.

e aprova Orçamento em 21 horas

suficiente para cobrir as necessidades, a menos que sejam reduzidas.

O secretário de Estado alemão, Hans Tietmeyer, declarou que as negociações foram «muito difíceis», tendo a Espanha mostrado até final reticências quanto à aceitação da solução de compromisso.

A posição espanhola — acrescentou Tietmeyer — só foi alterada, depois de ter recebido garantias em relação ao Fundo Social.

O projecto de Orçamento aprovado, e que deverá ser discutido, votado e aprovado pelo Parlamento, fixa o Orçamento para 1987 em 36,240 milhões de ECU's (Unidades Monetárias Europeias) o que significa um aumento de 3,05 por cento em relação ao exercício precedente (1986).

Os números actuais são inferiores aos aprovados pelo Parlamento Europeu (36,600 milhões de ECU's), mas superiores ao que o Conselho tinha adoptado em Setembro quando da primeira leitura.

Regista-se, no entanto, uma redução a nível dos fundos estruturais de 251 milhões de ECU no Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e 9 milhões a nível do Fundo Social.

A margem de manobra nas despesas não obrigatórias que o Parlamento Europeu tinha ultrapassado há cerca de duas semanas (cerca de 235 milhões de ECU's) foi alvo de cortes pelo conselho que no entanto deixa ao Parlamento e a nível dos créditos de pagamento uma possibilidade de aumentar de novo estas despesas.

A atitude do conselho de ministros traduz a vontade de evitar o conflito mesmo se a margem de manobra de que dispõe o Parlamento é mínima (0,73 por cento).

Outro «gesto» dos ministros em relação é a decisão de abrir uma linha de crédito «para memória» (e sem números) destinadas a cobrir certas despesas que eventualmente possam vir a ser decididas pelos ministros da Agricultura em relação com a reforma da política agrícola comum.

i aceite "para memória"

nistros tinha sido proposta e aprovada pelo Parlamento Europeu há cerca de duas semanas. No entanto as outras linhas orçamentais destinadas a Portugal, programas integrados e estudos, não foram aceites pelo Concelho de Ministros.

O secretário de Estado para o Orçamento, Rui Carp, declarou-se satisfeito no final da reunião com o resultado alcançado. Rui Carp, que no início da noite de quarta-feira se mostrara pessimista quanto ao sucesso da «missão impossível» de manter a linha de créditos para o PEDIP, disse ter «um significado especial» o resultado agora alcançado.

Rui Carp sublinhou o facto de «pela primeira vez o Conselho de Ministros ter aceitedo o PEDIP». Referindo-se à fórmula adoptada — «para memória» — o responsável português declarou ser preferível esta designação à «inclusão de uma verba reduzida .

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$90	57$90
ALEMANHA FED. (marco)	73$65	74$85
ÁUSTRIA (xelim)	10$40	10$60
BÉLGICA (franco)	3$333	3$583
BRASIL (cruzado)	3$850	6$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$50	108$00
(notas de 5 a 1000)	106$00	108$50
DINAMARCA (coroa)	19$50	19$90
ESPANHA (peseta)	1$061	1$181
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$30	149$80
(notas de 5 a 1000)	146$80	150$30
FINLÂNDIA (marka)	29$85	30$45
FRANÇA (franco)	22$50	23$20
HOLANDA (florim)	65$20	66$30
IRLANDA (libra)	201$20	205$20
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$855	$910
NORUEGA (coroa)	19$40	19$90
REINO UNIDO (libra)	210$45	214$95
SUÉCIA (coroa)	21$20	21$70
SUÍÇA (franco)	88$35	89$85
VENEZUELA (bolívar)	5$15	6$15

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

2.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 4 de Dezembro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: FACO – Manufacturas de Utilidades Industriais D. e Comércio, Ld.ª, com sede na Rua Domingos Jardo, n.º 17-A, 2.º piso em Lisboa, no processo executivo n.º 4 475/84.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – Uma quinadeira da marca «ADIRA», com a largura de 2,5 metros, aproximadamente, com o n.º 95/539, em bom estado no valor de 1 000 000$ (um milhão de escudos).

Verba n.º 2 – Uma guilhotina da marca «ROMAR» LVD com o n.º 1 610, em bom estado no valor de um milhão de escudos (1 000 000$).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 17 de Novembro de 1986

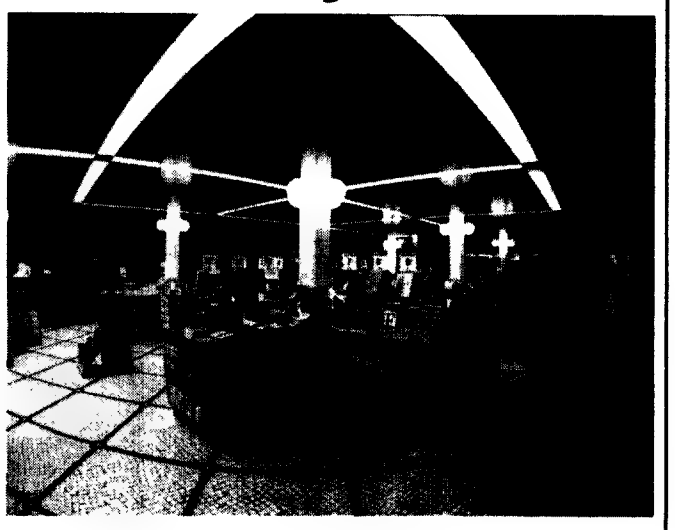
O JUIZ DE DIREITO
João Cordeiro Dias

O LIQ. TRIB.
F. Lopes

D.L. 27/11/1986

U.A.C.D.L. atribui "Caduceus de Ouro"

Livraria Barata é a "Loja do Ano"



Organizada pela **União das Associações de Comerciantes do Distrito de Lisboa,** a «**Semana do Comércio**», teve como ponto alto o jantar solene, durante o qual foram atribuídos os «**Caduceus de Ouro**». O dr. **José Hermano Saraiva** realçou o espírito associativo dos comerciantes do burgo lisboeta, relembrando a «Casa dos 24» e a história deste movimento associativo.

Na presença do presidente da C.M.L., eng. **Krus Abecassis,** do representante do Presidente da República e vice-presidnete da **A.I.P., dr. Joaquim Silva Pinto** e dos órgãos directivos da **U.A.C.D.L.,** o seu presidente, eng. **Lage Raposo** fez a entrega dos prémios que distinguiram as seguintes individualidades: Loja do Ano-**Livraria Barata;** Empresário do Ano-**Pedro António Nazareth Costa;** Dirigente Associativo-**Francisco Lyon de Castro;** Prémio Prestígio-**Valadas Lda. e W.A. Sarmento Lda..**

O prémio atribuído a **António Barata,** consagra o espírito empreendedor deste livreiro. A **Livraria Barata** soube, ao longo de quase três décadas, merecer a estima dos seus clientes e o respeito dos seus colegas, renovando-se durante o último ano e dando passos seguros num caminho de há muito delineado, sempre com o fito de melhor servir.

Ultrapassando a sua missão de livreiro, **António Barata** dispõe na actualidade de um espaço que é já um Centro Cultural, lugar privilegiado de encontro e convívio entre aqueles que pela Cultura se interessam.

Oferecendo aos seus clientes um serviço personalizado, único em Portugal e consubstanciado na criação do **Clube Barata Card,** a **Livraria Barata** encontra-se aberta num horário alargado, até às 23.00 horas, sábados incluídos, possibilitando o seu acesso a todos aqueles que sentiam dificuldade em utilizar o horário normal do comércio.

Rank Xerox apresentou novos equipamentos

A **Rank Xerox Portugal** apresentou no **Hotel Sheraton** novos equipamentos, como sempre representativos da inovação tecnológica que caracteriza a dinâmica da empresa. Os lançamentos efectuados correspondem ao início de mais um ano comercial da **Rank Xerox Portugal** e esses equipamentos estarão à disposição do mercado ainda no corrente mês. As novidades lançadas são as seguintes:

Xerox 1012, um pequeno copiador «leader» deste segmento do mercado. Além das duas «performances» excepcionais, o **Xerox** 1012 é um copiador que beneficia de uma garantia de três anos.

Xerox 6020, a mais simples máquina de escrever electrónica com tratamento de texto e memória de 16.000 a 64.000 caracteres.

Xerox 2510, copiador directamente vocacionado para arquitectos e engenheiros que reproduz em papel comum e a seco originais de grandes formatos, translúcidos ou opacos.

Xerox 1005, a última palavra da reprodução em policromia, uma técnica lançada pela **Xerox** já em 1973.

Todos estes lançamentos bem como o do **Documenter** — o mais sofisticado «**topdesk publishing**» — confirmam a liderança da **Rank Xerox** no mercado.

"Thanks Giving Day" comemorado em jantar no Meridien Lisboa

O dia 28 de Novembro é uma data intensamente comemorada nos EUA: é o **Thanks Giving Day** (Dia da Acção de Graças).

Este ano, o **Hotel Méridien** vai facultar à «colónia» americana radicada em Lisboa, e aos portugueses que o desejarem, a possibilidade de festejar a data, organizando para isso um **Jantar Especial** com um menu típico da ocasião nos EUA.

Assim, e por 2200$00 por adulto (as crianças pagam 100$00 por cada ano de vida), os celebrantes da data terão ao seu dispor ananás recheado com maçãs e nozes, consomé de almôndegas de vitela com Vinho do Porto, peru com castanhas, tarte de abóbora, café, «petit fours» e «cookies».

GAPTEC e Philips organizaram seminário de Design Industrial

O **Gaptec – Gabinete de Apoio à Universidade Técnica,** instituição que visa estreitar os laços de colaboração entre a Comunidade Empresarial, nomeadamente a Indústria como a **Universidade Técnica,** e a **Philips Portuguesa,** membro do Conselho Consultivo Empresarial do **Gaptec,** organizaram um **Seminário sobre Design Industrial,** que se realizou na passada segunda-feira no Auditório n.º 1 da FIL – **Feira das Indústrias Portuguesas,** com o apoio da AIP – **Associação Industrial Portuguesa.**

Estiveram presentes neste Seminário, entre outros, Professores da **Universidade Técnica,** Especialistas e Empresários a quem o tema muito interessa, representantes das Empresas Associadas da **Associação Industrial Portuguesa,** Quadros da **Organização Philips** em Portugal, associados da APM – **Associação Portuguesa de Management** e ainda os organizadores do I Seminário Nacional de Design em Leiria **(Rotary Club de Leiria).**

Foram conferencistas o professor **Robert Blaich** — FIDSA, FRSA, director-geral do Corporate Industrial Design da **Organização Mundial Philips** que fez uma apresentação subordinada ao tema **«Design Management & Innovation – The Search for Integration»,** o engenheiro **Luciano Faria,** professor catedrático do IST, director-geral delegado do CIMAF – **Centro de Cooperação das Indústrias de Máquinas Ferramentas,** que abordou um tema sobre a importância do Design na Actividade Industrial. Destaque-se também a participação do arquitecto **António Sena da Silva,** administrador-delegado da **Autosil – Acumuladores Autosil, SARL. Após as comunicações teve lugar um debate sobre os temas apresentados.**

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

16.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução: Ordinária n.º 8643, 1.ª secção

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Executado — TRANSPORTES ARMINDO DUARTE, Lda., com sede no Cruzamento de Alcaria — FUNDÃO.

Lisboa, 10 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
Armando Moita dos Santos Lourenço

Pel'O Escrivão de Direito,
Amílcar Augusto Abrunhosa

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

SEGUNDO JUÍZO

ANÚNCIO

P.º n.º 6561 2.ª Secção

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados à Executada, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de DEZ dias, depois de decorrida a dilação de VINTE dias que começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio, nos autos de Execução Ordinária em que é Exequente a COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.; e Executada, INALBA – INDÚSTRIAS NÁUTICAS ALVES BARBOSA, Ld.ª, com sede na Rua Comandante da Rocha e Cunha, 114 – AVEIRO.

Lisboa, 6 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
a) Domingos Manuel G. Rodrigues

O Escrivão-Adjunto,
a) José do Patrocínio Falgado

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 1.ª secção do 3.º Juízo Cível de Lisboa, correm éditos, citando os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados ao executado, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 946/85 da 1.ª secção.

Exequente: Companhia de Seguros Império, EP., com sede e domicílio em Lisboa, na Rua Garrett, 56.

Executado: Luís d'Avo Ribeiro, casado, industrial, residente em Turquel, Alcobaça.

Lisboa, 5 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
a) Francisco José Capelo Bento da Costa

O Escrivão-Adjunto,
a) António José da Silva Martins

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 11 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: OLIVAUTO – Automóveis de Aluguer, Ld.ª, com sede na Rua Av. João XXI-12-D em Lisboa, no processo executivo n.º 267/86.

BENS PENHORADOS

Verba única – Fracção autónoma designada pela letra "B" correspondente à loja com entrada pelos n.os 12-D, 12-C e 12-F da Av. João XXI em Lisboa, composta por três divisões, casa de banho e arrecadação na cave, a que corresponde o valor matricial de 507 740$00 (quinhento e sete mil setecentos e quarenta escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 25 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(João Cardoso Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

«D.L.» 27/11/86 — 2.º Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 9 de Dezembro de 1986, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: LOURENÇO BORGES, Ld.ª, com sede na Rua Barata Salgueiro, n.º 55-R/C em Lisboa, no processo executivo n.º 89/84.

BENS PENHORADOS

Verba única – O direito ao arrendamento e trespasse do 1.º andar direito do n.º 33 da Rua Cruz dos Poiais, em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 2500$00, e o respectivo recheio composto por uma estante de madeira com um corpo de 3 armários e 6 gavetas e três corpos de prateleiras, uma secretária de madeira com 2 corpos de gavetas, 4 cadeiras de madeira, um móvel de madeira com 3 gavetas por baixo e um armário com porta de correr e 2 prateleiras por cima, dois estores metálicos e um copiador de marca Luxathern, n.º 5662/1126, tudo em mau estado, no valor total presumível de 200 000$00 (duzentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 25 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(João Cardoso Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 9 de Dezembro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: JOTOCAR – João Tomás Cardoso, com sede na Av.ª Marechal Gomes da Costa, 21-A-Lisboa, no processo executivo n.º 4369/84.

BENS PENHORADOS

Verba única – O direito ao arrendamento e trespasse dos armazéns sitos na Av.ª Marechal Gomes da Costa, 21-A, designados pelas letras A e B, pelos quais é paga a renda mensal de 71 500$00, por cada um, e respectivas instalações, móveis e utensílios, a que se atribui o valor presumível de 10 000 000$00 (dez milhões de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(João Cardoso Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestar, querendo o pedido feito na acção pela Autora e que em extracto é o seguinte: ser a acção julgada procedente e por provada e o réu condenado a pagar-lhe a quantia de cento e sete mil quinhentos e treze escudos e cinquenta centavos (107 513$50), juros e custas, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição do citando na secretária deste Juízo.

Acção Sumária n.º 2705 2.ª secção

Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP., com sede em Lisboa na Rua Garrett, 62.

Réu JOSÉ ANTÓNIO NEVES CORREIA, maior, pescador, com última residência conhecida na Av. Cinco de Outubro, 65-r/c, em Faro e actualmente ausente em parte incerta.

Lisboa, 6 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
a) António Manuel Fonseca

O Escrivão de Direito,
a) António Lopes Martins

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de 20 (vinte) dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: pagamento à Autora da quantia de Esc. 3 149 008$30, proveniente de prémios de seguros, acrescida da quantia de Esc. 572 159$80 de juros de mora vencidos até à data da propositura da acção e dos juros de mora vincendos até integral pagamento. Mais pede a condenação do Réu nas custas.

Acção Ordinária n.º 292 1.ª secção

Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP., com sede na Rua Garrett, 56, em LISBOA.

Réu RAUL LUÍS OLIVEIRA PEIXOTO, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua da Conceição, 107-2.º, em LISBOA.

Lisboa, 12 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(Joaquim Manuel Cabral e Paulos de Silva)

Pel'O Escrivão de Direito,
(Ilda Maria Paiva Isidoro Augusto Fernandes)

D.L. 27/11/86 — 2.º Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Ordinária com o n.º 169/84 em que é Autora, Maria José Robalo Lopes Caroça e Ré, BERKOWITZ & KERN, Ld.ª, ausente em parte incerta e que teve a última sede conhecida na Quinta do Figo Maduro – Camarate – Loures, nos quais se encontra designado o dia 16 de Dezembro de 1986 pelas 9.30 horas, para a realização de Julgamento Singular, seguindo os termos à sua revelia se não se fizer representar em Tribunal, devendo efectuar no prazo de 7 dias o preparo para julgamento no montante de 3540$00.

Lisboa, 18 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(Dr. António Magro Alexandre Mendes)

O Escrivão Adjunto,
(Luís Manuel Paula Antunes)

"D.L." 27/11/86 – 2.º Pub.

Supertaça: Benfica,2-Porto,4

Exército desbaratou guerrilha

● *Salve-se a honra dos artistas e aplauda-se o fabuloso Futre*

Neves de Sousa

Não aceito recados, nem opiniões encomendadas. Tão-pouco alinho pela generalidade dos crentes deste mundo que, mal vêem um homem em desgraça, logo o abocanham por tudo o que seja réstia de carne. Daí, portanto, que esteja (sempre:) perfeitamente à vontade para emitir o meu muito pessoal ponto de vista, a minha própria opinião, até porque nos meus locais de trabalho jamais fui colocado perante qualquer outra alternativa: e a verdade resistirá sempre ao tempo. Queiram ou não quantos alternam os apupos com o carrego em ombros.

Logicamente que, como qualquer ser humano, também um sereno crítico de bancada, embora conhecendo que o futebol se rege por 17 leis e até possuindo apetrechamento para poder discutir situações tácticas ou lances técnicos, está sujeito a errar. Espero, porém que isso não aconteça ao afirmar que nem o pobre Neno merecia aquela dupla apupadela que o pode marcar por largos anos (lembrem-se do que sucedeu a Melo, após os quatro golos de Lourenço) nem o súbdito inglês Mortimore, por muito correcto e educado que aparente ser, como todo o verniz que procura não estalar, é técnico à altura de um Benfica sempre supercandidato a todos os títulos.

Vou explicar melhor: acontece com Neno o mesmo que com Silvino. Isto é: quando entram em cena vão sobre pilhas de toros incendiados, com coletes de arame farpado. Porquê? Basicamente porque Mortimore, a toda a gente e bem publicamente, proclama que não gurda-redes e que espera ansiosamente o regresso do meu bom amigo Manuel Bento. Claro: Manuel Galrinho Bento é um guardião excepcional, do melhor que alguma vez pisou palcos mundiais. Mas, quem não tem cão é obrigado a caçar com gato: Mortimore, destruindo consecutivamente todo o lado anímico dos dois homens que tem à disposição, está na primeira linha do afundamento tremendo de Neno na velada benfiquista de ontem.

Depois, é erro mais que crasso, aquilo que o britânico também fez a Oliveira: mal o rapaz falhou no lance de um golo de Futre, toca a tirá-lo do «team», como que para jogá-lo perante a opinião da bancada como o grande asneirento. Para cúmulo, não sei que raio de coisas passou pelo cérebro do subdito de Sua Majestade a Rainha, eis que (com a maior estupefacção e quando o Benfica, perdendo por dois-zero, carecia de força e vigor na linha dianteira) fez entrar o esguio Samuel (defesa trocado por defesa) que nada podia adiantar ou atrasar, antes pelo contrário, como se veria daí a pouco em novo KO da águia. Que raio: então Mortimore não se fartou de apregoar, desde o início da temporada, que tem lá um zairense que é um tal espanto que nem sequer o podia dispensar temporariamente ao Vitória de Setúbal? Pois, amigos, Tueba esteve ali à mão de semear, sentadinho do banco lateral, enregelando por dentro e por fora e vendo Rui Águas sistematicamente batido de cabeça e Chiquinho, mesmo tentando trocar a vista ao triunvirato defensivo portista, acabar sempre por ser chamuscado pela língua do «dragão».

Logo, fique-se nesta base: Neno, certamente que durante larga fatia de tempo vai ficar fora das melhores cogitações de quem organiza o «plantel» rubro, mas também Mortimore, por tantos erros de palmatória que vai oferecendo ao pagode, bem precisava de uma boa ensaboadela com barrela geral.

●

Claro que o Benfica poderá dizer, para tentar atenuar «banhada de bola» que apanhou de Futre e seus parceiros portistas, que não conseguiu contar com Carlos Manuel e Manniche, como aos «dragões» igualmente poderia ter feito falta a velocidade de Jaime Magalhães: só que, enquanto Dito e Rui Pedro se agigantavam à sua produtividade normal, também Madjer fez rapidamente esquecer o companheiro lesionado. Mas o correcto é, realmente, repisar-se uma certeza: no computo geral de erários, na balança do valor, o Porto dispõe do melhor grupo de «estrelas», insofismavelmente (e em termo comparativo) quase uma autêntica selecção nacional, se a considerássemos com a verdadeira expressão, e não apenas em estilo de «simulacro» ou «ameaça». Se o leitor retirar os estrangeiros ao dispor de Artur Jorge tem alguma dificuldade em organizar um «team» com capacidade para ostentar as cinco quinas ao peito, apenas se socorrendo de jogadores das Antas, se possível (claro...) também com o seu habitual técnico?

E que faria se estivesse com idêntico poder em relação ao Benfica? Mirava aquele esplêndido monumento que é um soberbo estádio e ficava sem saber que papinha lhe podia dar para o ver cheio como um ovoo. Custe o que custar, é forçoso notar: o Porto tem uma **estrelíssima** chamada Paulo Futre, que é (de momento e até ver) o mais fulgurante futebolista em acção nos campeonatos europeus, digno de bem justificar as palavras de enorme apreço que Maradona lhe dedicou (podem ler-se na entrevista que o maior futebolista mundial nos concedeu, em Paris), ao mesmo tempo que Fernando Gomes e Jaime Pacheco, Celso e Eduardo Luís, Madjer e Elói, João Pinto e André. Quim e até o palavroso Zé Beto são futebolistas de alta estirpe, como acontece com Sousa, Inácio e outros parceiros que não desdouram ao lado do relampejante Paulo Futre, menino de ouro a quem sempre tiro o chapéu com o maior respeito pelo seu talento futebolístico. Em contrapartida, para além do brilho que Diamantino teima em colocar em todos os instantes do seu trabalho, de Veloso e Dito, Álvaro e Oliveira tentarem o impossível para (com uma cortina de cetim) impedirem um temporal desfeito, que se vislumbra naquela confusa manobra benfiquista a meio do terreno, excluído Carlos Manuel por lesão e atiradas fora do palco as pantufinhas de Shéu, que eram um regalo para os nossos olhares?

Sem um **chefão** à altura, dentro como ao lado do relvado, restará ao Benfica continuar esticando a corda até onde lhe for possível. Muito estão conseguindo os honestos trabalhadores do seu emblema, que até se excedem para conseguir manter o símbolo de Cosme Damião e Domingos Claudino, de Joaquim Bogalho e Borges Coutinho no topo da galopada nacional.

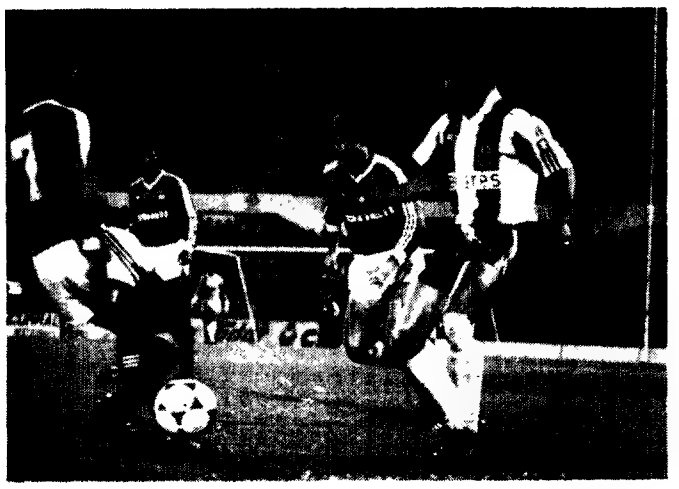
●

Evidentemente que o jogo deixaria muito mais para contar, que o espectáculo dentro e fora das quatro linhas: depois de um período de monótona auscultação das disposições alheias, atingiu belo nível. Foi impressionante notar aquele adepto benfiquista que, de bandeira desfraldada, estava atrás do banco de Mortimore e, certamente depois de lhe ter endereçado qualquer cumprimento em esperanto, sacou de sob a capa uma garrafa de champanhe, atirou a rolha para a beira do relvado e bebeu o líquido de um só fôlego: Luís César, portista de gema alta, assistiu e é testemunha.

E aconteceu, também, aquele caso da moeda que foi bater na cabeça de Inácio: o episódico suplente dos «dragões» ficou com um lenho na **tola,** mas pior aconteceu com Jorge Nuno Pinto da Costa que, em dois dos momentos em que saudou golos portistas, foi de encontro ao telhado do seu banco e igualmente arranjou dois «galos» que cantaram perto da meia-noite.

Isto, enquanto o tesoureiro do Benfica conferia a bilheteira: mais de 25 mil contos e, sem necessidade de dispêndio de prémios, dará para a primeira prestação de um «craque» como Josimar?

Centro de Diamantino, perante a oposição de André



Vando versus Frasco.

Assim não vale...

Carlos Pinhão, jornalista de «A Bola», dizia ontem à noite, com piada, ao sair do Estádio da Luz: **«Com o Futre, assim também eu ganhava. Olha a vantagem...**

Mas não era só Pinhão a fazer graça com Futre. Outro colega de profissão mostrava-se chateado porque se sentia obrigado a ir para um título que já não era novidade: **«Futrebol na Luz».** Outro ainda, alvitrava que o Benfica devia queixar-se a quem de direito pois jogar perante o Futre **«não vale»** e é **«Desonesto por parte do Porto».** E também havia quem afirmasse que, para haver verdade no futebol, o Futre devia jogar os primeiros minutos no Porto, e a segunda parte na equipa adversária.

O mais importante, no entanto, não passava por aí. Ontem toda a gente ficou a perceber como Futre, Diamantino, Gomes e Jaime Pacheco, por exemplo, continuam incapacitados para jogarem na selecção (em vez dos empates com a Suécia e a Suíça o que é que teria acontecido com estes jogadores lá dentro?) - e toda a gente ficou a entender como foi acertada a decisão de Torres ao deixar Futre como suplente no México. E digo acertada porque, se ele tivesse jogado, agora estaria certamente em Itália e a gente já o não poderia ver por cá. O Artur Jorge agradece.

R.C.

Cartaz

Com arbitragem de Carlos Valente (Setúbal), que esteve acompanhado por Carlos Cortiço e Jacinto Roque, alinharam:

Benfica: Neno; Veloso, Oliveira (Samuel, 65), Dito e Álvaro; Diamantino, Nunes, Rui Pedro e Vando (César Brito, 62); Rui Águas e Chiquinho.

F.C.Porto: Zé Beto; João Pinto, Celso e Eduardo Luís; Madjer (Elói, 73), Frasco (Sousa, 82), Jaime Pacheco, André e Quim; Gomes e Futre.

Dois óbices para que a arbitragem não tenha nota excelente: desencontro com algumas decissões tomadas pelo fiscal de linha do lado das cabinas e «delicado perdão» a dois jogadores que mereciam ter visto cartão «icterícia, ficando-se esse aviso apenas por Celso. Golos: Madjer (32 minutos), Futre (57), Diamantino (67), Futre (72), Gomes (81) e Dito (88)

Escama
ESCOLA CABELEIREIROS E MASSAGISTAS
CURSOS:
CABELEIREIRO • ESTÉTICA • MANICURE • PEDICURE
RUA DOS SAPATEIROS, 207, 2.º ESQ. (NA BAIXA)
☎ 36 30 39

Groningen,1 - Guimarães,0

Marinho Peres tem agora faca e queijo na mão

Magnífico comportamento dos vimaranenses em terras holandesas: o Vitória de Guimarães alcançou um resultado que lhe abre boas perspectivas de qualificação, ao perder por apenas 1-0 no estádio dos holandeses do Groningen, no jogo da 1.ª mão dos oitavos de final da Taça UEFA.

A equipa holandesa iniciou o encontro conduzindo as suas ofensivas pelos dois flancos, especialmente com o apoio dos seus homens do meio-campo (Rossien e Van Dijk) que acabaria por assinar excelente exibição. Logo aos 5 minutos, os locais obtiveram o golo que seria o do êxito final, na sequência de um alívio deficiente dos defensores do Guimarães: a bola foi até ao inglês Mason que, de imediato, progrediu no terreno e centrou com conta, peso e medida para a cabeça de De Kock, estranhamente isolado, que marcou sem qualquer dificuldade.

O «onze» vimaranense reagiu bem a este tento sofrido quase a frio, utilizando um jogo algo ríspido, quase de intimidação, que (em boa verdade) colocou algumas vezes alguns do seus elementos à beira do cartão amarelo.

A partir do primeiro quarto de hora, a equipa portuguesa foi para o ataque, mas os seus dianteiros (com Paulinho Cascavel em dia francamente negativo) não conseguiram criar autênticas situações de perigo.

Aos 20 minutos, Mason (de cabeça) esteve à beira de fazer o 2-0, obrigando Jesus a uma defesa «in-extremis» e, aos 41 minutos, de novo o Groningen falhou nova oportunidade, quando Riekerink (em excelente posição) perdeu o domínio do esférico.

Na 2.ª metade, o Guimarães lançou-se ostensivamente ao ataque e, aos 51 minutos, Ademir teve um magnífico centro, que não foi aproveitado pelos seus companheiros da frente, e três minutos depois o mesmo Ademir, de cabeça, rematou sobre a trave.

A passagem dos 65 minutos, os minhotos dominaram claramente a meio-campo, com especial destaque para o trabalho de Nascimento (nesta zona do terreno) e de Ademir (o sector dianteiro). Mas, a grande oportunidade do Guimarães surgiria aos 89 minutos, depois de um período de franco domínio, com Roldão a explorar bem a unica falha do «líbero» De Wolf, a entrar na área completamente isolado e a rematar ao lado.

Por parte dos vimaranenses destaque ainda para as boas exibições de N'Dinga e do guarda-redes Jesus. No Groningen devem sublinhar-se as actuações de Van Dijk, Paul Mason (excelente) e De Wolf.

Árbitro: Anatoli Botenko (URSS).

Equipas:

Groningen: Storm; Mason, Klaus Boekweg, De Wolfe, Verkuyl; Rossien, Van Der Berg, Van Dijk e Riekerink; De Kock e Peter Houtman.

Guimarães: Jesus; Costeado, Miguel, Nené e Rui Vieira; N'Dinga, Nascimento, Ademir e Adão; Paulinho Cascavel (N'Kama 80) e Roldão.

O golo holandês foi apontado por De Kock, aos 5 minutos de jogo.

Cartão amarelo a Miguel (aos 64 minutos) e N'Kama (85).

Roldão e Paulinho Cascavel cercados pela muralha do Groningen

"Taça UEFA": 13 golos

Barcelona: êxito na RFA

O Guimarães, apesar da derrota (1-0) no campo dos holandeses do Groningen, ficou com o papel de favorito para o jogo de desforra em casa, na 3.ª eliminatória da Taça UEFA em Futebol.

O Barcelona (Espanha), Inter de Milão (Itália) e Gotemburgo (Suécia) deixaram o seu «passaporte» praticamente carimbado para a fase seguinte da competição, ao ganharem fora os seus confrontos.

Os germânicos do Borússia Moenchenglabach ficaram também em posição privilegiada para prosseguir na competição, ao imporem um empate (1-1) no ambiente dos aguerridos escoceses do Glasgow Rangers.

Em Groningen, um golo de cabeça de Kokc (logo aos seis minutos) lançou o temor da goleada, mas os vimaranenses, com uma exibição de grande classe, souberam travar o ímpeto ofensivo dos locais e mesmo dominar nos últimos 45 minutos. Roldão, ao falhar (isolado) no último minuto, impediu que o Guimarães regressasse com um resultado ainda mais animador e com festa marcada para o seu terreno, no dia 10 de Dezembro.

Dois golos, num curto espaço de três minutos, através de Roberto (75) e Hughes (78) deram ao Barcelona («carrasco» do Sporting na prova) uma vitória clara, por 2-0, no campo do Bayer Uerdingen (RFA) e o total favoritismo para Nou Camp.

Perto de 30 mil espectadores viram Roberto fazer 1-0 num pontapé a 20 metros da baliza contrária, com o britânico Hughes a elevar para 2-0, de cabeça, na sequência de um cruzamento.

Um golo do internacional Alessandro Altobelli (logo aos 18 minutos) garantiu ao Inter de Milão um triunfo (1-0) no Estádio do Dukla de Praga, que acolheu 30 mil pessoas. O Inter de Milão, que procura reviver as glórias do passado nas competições europeias, ficou a um passo do êxito na eliminatória e podia ter obtido um sucesso mais expressivo se o dianteiro Karl-Heinz Rummenigge não tivesse falhado uma ocasião soberana de marcar, aos 72.

O Torino, outro dos clubes transalpinos com aspirações na prova, ficou em risco para a 2.ª mão, apesar de superar em casa os belgas do Beveren, por 3-1. Os italianos chegaram aos 2-0, com golos de Comi (48, «penalty») e de Ezzio Rossi (58) e, quando nada o fazia prever, os visitantes reduziram para 2-1, pelo britânico Fairclough, com este tento a poder valer «ouro» na 2.ª mão.

Um golo solitário de Rudanov (aos 26) deu ao Spartak de Moscovo um escasso triunfo frente aos austríacos do Tirol (1-0) deixando tudo em suspenso para o segundo encontro, daqui a 15 dias.

Rantanen, um jogador nórdico bem conhecido do futebol português (alinhou no Estoril), deu ao Gotemburgo (da Suécia) uma vitória (1-0) fora no reduto dos belgas do Ghent, causando uma das surpresas da ronda ueifeira.

O Rangers (que afastou o Boavista) começou da melhor forma frente aos alemães-federais do Borússia Moenchenglabach, com um golo de Durrant (aos 14), mas Uwe Rahn alterou os dados da eliminatória, ao empatar (1-1), aos 44, colocando a sua equipa no lote dos favoritos.

O Dundee United, outra das formações escocesas em prova, conseguiu um resultado mais tranquilizador, ao derrotar (em casa) o Hajduk Split, da Jugoslávia, por 2-0, com golos de McInally (27) e Clark (47).

Nenhuma das 16 equipas em prova conseguiu marcar mais de dois golos, tendo os oito jogos rendido apenas 13 golos, prova do nivelamento geral dos clubes envoltos na prova.

Quadro de resultados

Registo completo dos desfechos da primeira «mão» da 3.ª eliminatória da «Taça Uefa» em futebol: Dundee United (Escócia) — Hajduk Split (Jugoslávia) 2-0; Ghent (Bélgica) — Gotemburgo (Suécia) 0-1; Groningen (Holanda) — Vitória de Guimarães, 1-0; Dukla de Praga (Checoslováquia) — Inter de Milão (Itália) 0-1; Spartak de Moscovo (URSS) — Swarovski Tyrol (Áustria) 1-0; Bayer Uerdingen (RFA) — Barcelona (Espanha) 0-2; Torino (Itália) — Beveren (Bélgica) 2-1 e Glasgow Rangers (Escócia) — Borussia Moenchenglabach (RFA) 1-1.

A 2.ª «mão» destes embates processa-se a 10 de Dezembro

Europeu de juniores

Portugal entra com pé direito

Belo resultado para a turma nacional de juniores: Portugal, revelando melhor apuro técnico, empatou com a França (0-0) em jogo do Grupo Um de qualificação para o «Europeu» de futebol na categoria, disputado no Estádio de Moulonguet (Amiens).

A selecção portuguesa dominou a partida nos primeiros 45 minutos, neutralizando o ataque francês e revelando melhor apuro técnico. Na 2.ª parte, registou-se um equilíbrio maior entre as duas formações, tendo a equipa francesa sido mais ofensiva, particularmente após a expulsão (aos 73 minutos) do jogador da selecão nacional Nuno Guia.

Portugal poderia ter arrebatado a vitória frente à França, após Alves ter perdido a oportunidade de inaugurar o marcador, aos 55 minutos.

Um «empate com sabor a vitória» e o «domínio exercido sobre os franceses» resumiram o estado de espírito do técnico José Augusto, após o nulo conseguido pelos juniores portugueses frente aos gauleses.

«Fomos a equipa que mais oportunidades criou: e dominámos em largos períodos de jogo», referiu o técnico português. **«Poderíamos mesmo ter ganho: mas a sorte não quis nada connosco.»**

O próprio técnico da selecção principal francesa (Henri Michel), um espectador especialmente interessado no evoluir dos jogadores, referiu-se a eles em termos elogiosos: **«Foi um espectáculo de técnica, muito emotivo e competitivo»**, referiu, a propósito, o técnico gaulês.

José Augusto manifestou-se ainda especialmente reconhecido à qualidade da arbitragem do irlandês Aidan Gallagher e ao apoio garantido pelos numerosos emigrantes que acorreram ao Estádio Moulonguet.

Assistiram ao jogo oito mil pessoas, das quais cerca de sete mil eram jovens estudantes de escolas nos arredores do estádio.

Sob arbitragem do irlandês Aidan Gallagher, as equipas alinharam:

França: Asdier; Oposito, Guyot, M'Bae e Piguol; Gava (75, Iirazoyui), Mevrillon, Gadnac'h e Rodor; Lobe e Loko (75, Maufro).

Portugal: Vítor Baía; Abel, Évora. Tozé e Ricardo; Hélio, Amaral (84, Couto), Nuno Guia e Alves; Resende e Pedro Miguel (63, Secretário).

Cartão amarelo: Gava (58) e Guia (43). Encarnado: Guia (73).

Vitória de Setúbal demarca-se da sua Associação de Futebol?

Fernando de Oliveira, presidente da Direcção do Vitória de Setúbal, afirma que não exprimiu **qualquer concordância com a posição assumida pela Associação de Futebol de Setúbal, na reunião com a Federação Portuguesa de Futebol.**

O dirigente sadino disse ainda que **notícias tornadas públicas sobre o apoio do Vitória de Setúbal às posições da Associação de Futebol de Setúbal não correspondem à verdade; quer o clube sadino, quer a direcção do Amora, não tomaram qualquer posição de concordância.**

Fernando de Oliveira garante que **os dirigentes do Vitória de Setúbal, presentes na reunião dos clubes das segundas e terceiras divisões com a direcção da Associação de Futebol de Setúbal, limitaram-se a ouvir e não deixaram expressa qualquer identificação de concordância.**

Modalidades

Hóquei em patins: nacional acerta

A Sanjoanense venceu fora do seu reduto, o Barcelos, por 4-2, no jogo em atraso da 5.ª jornada do nacional de hóquei em patis.

Ténis: Cunha e Silva eliminado

João Cunha e Silva foi eliminado do torneio de ténis de Valkenswaard, (Holanda) ao perder com o sueco Conni Falk (4-6, 6-1, 6-2). Cunha e Silva foi afastado na 3.ª ronda do «qualifying», depois de ter ganho ao norueguês Olle Nielsen e ao alemão-federal Carlo Mailer.

Fronteira: treinador

Carlos Branquinho é o novo treinador da equipa de futebol do Atletico Fronteirense, clube que milita na 3.ª divisão nacional: se esta época, clube que ocupa o último lugar na série «e», sem ter alcançado qualquer vitória nos noves encontros já disputados.

"Stars" do futebol ajudam a Caritas

Vinte e seis jogadores de futebol da 1.ª Divisão italiana gravaram um disco «single» com uma canção de Natal, cuja venda reverte para fins beneficentes e que será apresentado no sábado pelo primeiro canal da Radiotelevisão Italiana (RAI). A canção «Allelujah» («Aleluia») e o respectivo vídeo serão apresentados em estreia no programa «Fantástico» (da RAI) e a receita da venda do disco reverte para a Caritas Internacional.

O grupo coral de 26 futebolistas (já baptizados na Itália como «Football Stars») é constituído por Rummenigge, Platini, Cabrini, Júnior, Paolo Rossi, Massaro, Bonetti, Antognoni, Giovanni, Filippo Galli, Bergreen, Kieft, Gullit, Brady, Altobelli, Elkjaer, Boniek, Conti, Corneliusson, Edinho, Dirceu, Graziani, Stromberg, Magrin, Bertoni e Trifunovich.

Josimar virá para Portugal? No Brasil, dizem que sim. Mais: que o destino do lateral direito da selecção «canarinho» é o Benfica. Preço: coisa como 300 mil dólares (cerca de 45 mil contos).

"Taça de Portugal": desempates cumpridos

O Derportivo de Chaves e o Paroquial de Fátima qualificaram-se para a 3.ª eliminatória da Taça de Portugal, em futebol, ao vencedor, respecivamente, o Felgueiras e o Almeirim, em jogos de desempate.

Em Chaves, o desportivo local goleou o Felgueiras (da 2.ª divisão) por 4-1, depois de ter chegado ao intervalo avencer por 2-0.

O primeiro jogo, em Felgueiras, terminara com uma igualdade a dois golos.

Por seu lado, o Parquial de Fátima, (da 3.ª Divisão) ganhou a União de Almeirim (do 2.º escalão) por 3-1. Ao intervalo, o Paroquial de Fátima ganhava já por 2-0. No primeiro encontro, em Almeirim, registara-se empate a um golo.

Hoje realizam-se os últimos dois jogos para desempate da Taça de Portugal: Ermesinde-Oliveira do Hospital (árbitro: Sérgio Miranda, Viana do Castelo) e Luso-Vieira (Abel Fernandes, Coimbra). Por seu lado, o Fafe-União foi marcado para 2 de Dezembro, às 15 horas.

Águeda adiou torneio

Um torneio de futebol infantil a organizar pelo Recreio de Águeda, de 1 a 8 de Dezembro, foi adiado para data a designar, devido à morte do presidente do clube, Soares Coutinho. Neste torneio, destinado a atletas até onze anos, estavam já confirmadas as presenças do Futebol Clube do Porto, União de Coimbra e Anadia, para além do clube organizador.

A organização anunciou (entretanto) que a competição irá denominar-se Torneio de Futebol Infantil «Engenheiro Soares Coutinho», como forma de reconhecimento «ao apoio que o presidente do Águeda dava a este sector da vida do clube». O presidente do Recreio de Águeda faleceu na semana passada, em consequência de um acidente de viação ocorrido em Santiago do Cacém.

Reservas lisboetas

Prossegue hoje, com jogos relativos à 11.ª jornada, o Campeonato de Reservas da I/II Divisão da Associação de Futebol de Lisboa, os quais têm os seguintes acasalamentos: Atlético-Benfica, no Estádio do Sport Lisboa e Benfica (campo n.º 3) por troca. Sporting-Oriental, no Estádio José Alvalade e Estoril-Torreense, no Campo António Coimbra da Mota, no Monte Estoril, todos às 21 horas.

McDonald: traumatismo craniano

O britânico McDonald, com episódicas actuações no «team» principal do Sporting, sofreu traumatismo craniano em choque com o colega Negrete, durante um treino: está em repouso até sábado.

Golfe: "Open Amador Tap"

Nos campos 1 e 2 de Vilamoura, disputou-se a 2.ª volta (18 buracos) do 9.º «Open» Amador TAP, organizado pelo Clube TAP Air Portugal. A relva (molhada, devido ao orvalho da madrugada) afectou os jogadores que actuaram mais cedo, a partir das 8 horas de ontem.

Classificações «gross» (consideradas somente as pancadas dadas pelo jogador), Primeira Categoria (8 jogadores): 1.º, Francisco Faustino (Portugal), 156 (82-76); 2.º, Luís Índio (Portugal), 166 (82-84); e 3.º, Yves Auberson (Suíça), 167 (85-82).

Alinharam 36 na 2.ª categoria e, na classificação, o português António Pires continua no lugar cimeiro, com 159 pancadas (78-81). O inglês McLaren está em 2.º, com mais 3 pancadas, tal como o francês Le Bellec.

Na 3.ª categoria, actuaram 77 jogadores e o sul-africano C. van der Merwe subiu ao 1.º lugar, com 174 pancadas, menos uma que o português Francisco Correia.

Na 4.ª categoria intervieram 40 jogadores e o norte-americano Corley ficou no 1.º lugar, com 185 pancadas. Os portugueses Cardoso Martins e Jacinto Duarte figuram no 8.º posto com 189 pancadas.

A classificação «net» ficou assim ordenada: 1.º, Corley (USA), 143; 2.º, António Pires (Portugal), 143; 3.º, McLaren (Grã-Bretanha), 144; 4.º, Jim McLrath (Grã-Bretanha), 144; 5.º, Francisco Correia (Portugal), 145. A suíça Danner comanda a classificação de senhoras com a vantagem de 9 pancadas sobre a sua compatriota Jolivet. O «Open» da TAP tem hoje o seu penúltimo dia.

Leixões: "doping" em três jogadores

O controlo «antidoping» no campeonato da 2.ª divisão apanhou três leixonenses nas suas malhas: Abreu, Mário Gomes e António Nunes, detectados «positivos» no encontro com o Salgueiros.

À venda em todo o país

Representação e distribuição —

Entre o corpo e as palavras

Carlos Porto

MEMÓRIAS DE UM CORPO, de José Figueiredo Martins. **Encenação:** Cucha Carvalheiro. **Cenografia:** João Pedro Costa. **Figurino: Isabel Telhinhos e L. Barbieri. Interpretação:** José Figueiredo Martins. **Produção:** Teatro do Século. **Estreia: 14.11.86 (23.11.86).**

O problema, di-lo a encenadora que se estreou como tal, consistia em transformar um projecto que parecia mais um recital de poesia numa realidade teatral. Cucha Carvalheiro conseguiu resolver esse problema, embora não totalmente. Sente-se que o espectáculo foge às vezes para o mero recital, noutras vezes consegue assumir o corpo teatral — num projecto como este é quase inevitável.

O problema que a encenadora não podia resolver é o do texto, melhor, da qualidade dos textos propostos, da falta de homogeneidade que neles parece evidente. Entende-se que há uma linha mas essa linha tem altos, com Eugénio, Pessoa, e tem baixos — o jogo de uns e outros nem sempre é satisfatório.

Por isso, também por isso, é quando o todo se articula através da palavra certa, da música, do cenário, da iluminação, da marcação, e entre eles o actor, exprimindo, exprimindo-se, é então que o espectáculo é teatro, e por vezes com alguma beleza.

Entre rendas rasgadas, velhos espelhos, velas que evocam outros lugares — passando pelo «escorrega» da infância, evocando Cristo morto na cruz — José Figueiredo Martins é talvez o que há de melhor no espectáculo. Uma voz bonita, uma memória sem falhas, um posicionamento forte no espaço, é um trabalho sério e seguro. Vale a pena ir vê-lo ali à Rua do Século.

Fantasmas no Parque

AQUI HÁ FANTASMAS (Lisboa Horror Show!). Texto e Encenação: **Henrique Santana.** Cenografia: **João Quintão.** Interpretação: **Henrique Santana, Rita Ribeiro, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Henrique Santos, Carlos Quintas, Luís Alberto, António Feio, José Raposo, Cristina Oliveira, Francisco Braz.** Produção: **Vasco Morgado.** Estreia: **Teatro Variedades, 22.11.86.**

É verdade: com o Maria Vitória fechado, os «pornos» do Capitólio, as sombras nocturnas, o PARQUE Mayer é um lugar bem propício para os fantasmas assustarem os raros utentes do lugar. Fantasmas também, e esses bem reais, da crise, da falta de imaginação e criatividade, se calhar, da falta de dinheiro, capazes de aterrorizar o mais corajoso. Pela minha parte, sempre que sou obrigado a ir ao Parque — é um susto. E, infelizmente, não sem razão. E então com estes fantasmas de fantasmas...

Quem e facto não tem medo dos ditos é o Henrique Santana, autor, encenador, principal intérprete de uma peça feita e refeita, no entanto, ainda apta para dar uns cobres (depois das várias ocasiões em que já os proporcionou). Tudo bem, quem pode ser contra isso, agora que já nem existe teatro comercial?!

O Variedades foi transformado numa espécie de sucursal do comboio-fantasma, com manequins e máscaras carnavalescas, teias de aranha, luzes coloridas, e na plateia personagens com lençóis brancos — não deixa de ter piada para as crianças. O espectáculo também tem graça (como quer Henrique Santana no programa), em especial para quem tiver o riso fácil. Numa cena cujo desfecho era óbvio e em que o público, apesar disso, desatou à gargalhada, apanhei-me a pensar «como esta gente é estúpida». Na verdade, eu é que estava a ser estúpido, não me apercebendo do maquinismo daquele riso funcionando apenas através de sinais imediatamente reconhecíveis: é o facto de acontecer o que se espera que aconteça que provoca o riso, não a surpresa.

A comicidade deste espectáculo nasce mais dos diálogos, dos trocadilhos, dos absurdos da linguagem (embora pouco significativos) do que das situações e do jogo dos actores (é um dos problemas do «bulevar»); isto não significa que não haja um ou outro momento teatralmente bem trabalhado. Com ares de modernaço (ver subtítulo), **Aqui Há Fantasmas** é um espectáculo excessivamente marcado, que conserva, em pior, as carências, as debilidades da estreia de há já muitos anos. Entre este e **Pouco Barulho**, por exemplo, quem não percebe as diferenças? Pelos vistos, muita gente. Quanto aos actores, pouco há a dizer. Trata-se, do mesmo modo, de um trabalho sem criatividade, com um Henrique Santana repetindo-se, alguns momentos de histeria bem conseguidos de Rita Ribeiro, a sobriedade de Maria Helena Matos e Armando Cortez, entre outros. Se calhar a peça e as personagens não davam para mais.

Velharias e objectos de colecção na Estufa Fria

Por iniciativa e com exclusivo patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa e colaboração de uma comissão organizadora, vai ser inaugurado às 17.30 horas da próxima 6.ª feira, na nave de exposições da Estufa Fria, a 13.ª edição do Salão de Velharias e Objectos de Colecção.

Este salão, que se realiza duas vezes no ano — na Primavera e Outono — foi organizado, pela 1.ª vez, em Outubro de 1980, então sob a designação de Feira de Velharias e Objectos de Colecção. O interesse que desde logo despertou é testemunhado não só pelo número de expositores inscritos, mas também pela afluência dos milhares de visitantes que, nessas ocasiões, não desperdiçam a oportunidade de,simultaneamente e sem mais dispêndio, reverem a enorme variedade de espécies botânicas da Estufa Fria, considerada uma das mais belas da Europa.

Segundo os dados estatísticos relativos ao êxito do último salão de velharias, estima-se em mais de cinco mil os visitantes que nos fins-de-semana ali se deslocaram e em largas centenas nos restantes dias. O número de expositores inscritos (antiquários, coleccionadores e comerciantes da especialidade da Feira da Ladra) tem oscilado entre 70 e 90.

Esta venda-exposição que se destina, principalmente, aos munícipes de Lisboa, pode classificar-se, pelo seu conteúdo, de artística e cultural, tendo merecido, desde o início, a atenção e interesse de comerciantes e simples coleccionadores de velharias valorizadas pela sua antiguidade.

Dada a grande variedade dos objectos que neste XIII Salão de Velharias vão estar patentes ao público, poder-se-á dizer que esta exposição-venda possui capacidade de resposta para todos os gostos e potencialidades económicas, pois o seu multifacetado recheio vai desde raras peças artísticas e valiosas (ourivesaria, louças, móveis, relógios e outras) às simples caixas de fósforos, selos, bonecos, postais românticos, lunetas plásticas, etc.). De salientar ainda que todos os objectos expostos se enquadram em épocas posteriores ao séc. XVIII.

O horário da visita ao salão é o seguinte: sábados, domingos e feriados — das 15 às 24 horas: nos restantes dias, das 17 às 24 horas.

"Povos e culturas" uma nova revista

A realidade portuguesa «sob uma perspectiva diacrónica» é o tema do primeiro número da revista «Povos e Culturas» que o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP) lançou no Centro Nacional de Cultura.

Um artigo sobre o movimento de transformação da sociedade portuguesa ocupa a maioria das 450 páginas da revista, que é dirigida por Carlos Medeiros, professor da Universidade Nova, e Artur Teodoro de Matos, da Universidade Católica, ambos da direcção do CEPCEP.

A realidade portuguesa é analisada, nesse artigo, «sob uma perspectiva social, uma perspectiva institucional, do ponto de vista cultural e da emigração», disse Carlos Medeiros.

Os responsáveis pela nova publicação pretendem editar anualmente dois números da revista «Povos e Culturas», em que participam sociólogos, juristas, economistas, antropólogos, historiadores, geógrafos e especialistas em literaturas, «alguns dos quais são nomes já consagrados, outros desconhecidos cujos trabalhos são publicados pela primeira vez».

O primeiro livro da Colecção Estudos e Documentos, o «Islamismo ao Sul do Sara», de Ioan Lewis, foi lançado na mesma ocasião, pelo CEPCEP.

O Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, fundado em 1983, funciona no âmbito da Universidade Católica e tem como objectivo, segundo Carlos Medeiros, «o estudo e investigação, ensino e difusão de tudo o que se relaciona com cinco áreas geoculturais que tem a ver connosco, portugueses: Portugal, África, Oriente, Brasil e comunidades de expressão portuguesa».

«Pretendemos alargar os estudos do Centro a tudo o que diz respeito aos portugueses e à sua memória colectiva, não numa perspectiva saudosista, mas integrando os mitos do passado. Na procura de uma identidade portuguesa, interessa não só o que somos, mas o que fomos e com quem contactamos», afirmou Carlos Medeiros.

A próxima manifestação do CEPCEP será a segunda parte do colóquio «Portugal e o Oriente» (a primeira realizou-se em Abril/Maio), agora com a participação de investigadores portugueses, entre 10 e 18 de Dezembro.

Em Lisboa

O melhor circo que se faz entre nós

João de Melo Alvim

O «Chen» deu o mote no passado dia 21: pela terceira vez consecutiva instalou tenda no ventre do Campo Pequeno. O «Paquito» O «Cardinali», o «Atlas-Brasil» e o Coliseu seguiram-lhe os passos e o circo inunda a grande cidade.

Assim, e até aos «Reis», as «matinées» e as «soirées» estralejam pelos quatro cantos de Lisboa — e arredores, já que o «Jumbo», o «Dallas» e o «Manduca» por lá andam —, largando um rastro de luz e cor, erguendo «todo um mundo» de fantasia e ternura, que à época aproveita e dela, verdade também é, se aproveita.

Exemplo típico desta afirmação última, são as recentes companhias que têm actuado no Coliseu. Longe, na verdade, vão os tempos em que aquele espaço das Portas de Santo Antão personificava a catedral do circo português, e onde lá actuar, para qualquer artista do meio, era o sinal da consagração.

Actualmente — e que eu me engane este «Natal-Ano Novo» —, as companhias do Coliseu são uma pálida e triste imagem desse passado. Não propriamente pelos valores individuais — que não são representativos do melhor que em circo se faz entre nós —, mas, e essencialmente, devido à falta de sentido de espectáculo. É que o circo, acima de tudo, é uma arte «da globalidade», e como tal deve ser estruturado, distinguindo-se assim de um simples agregado de números tipo «variedades».

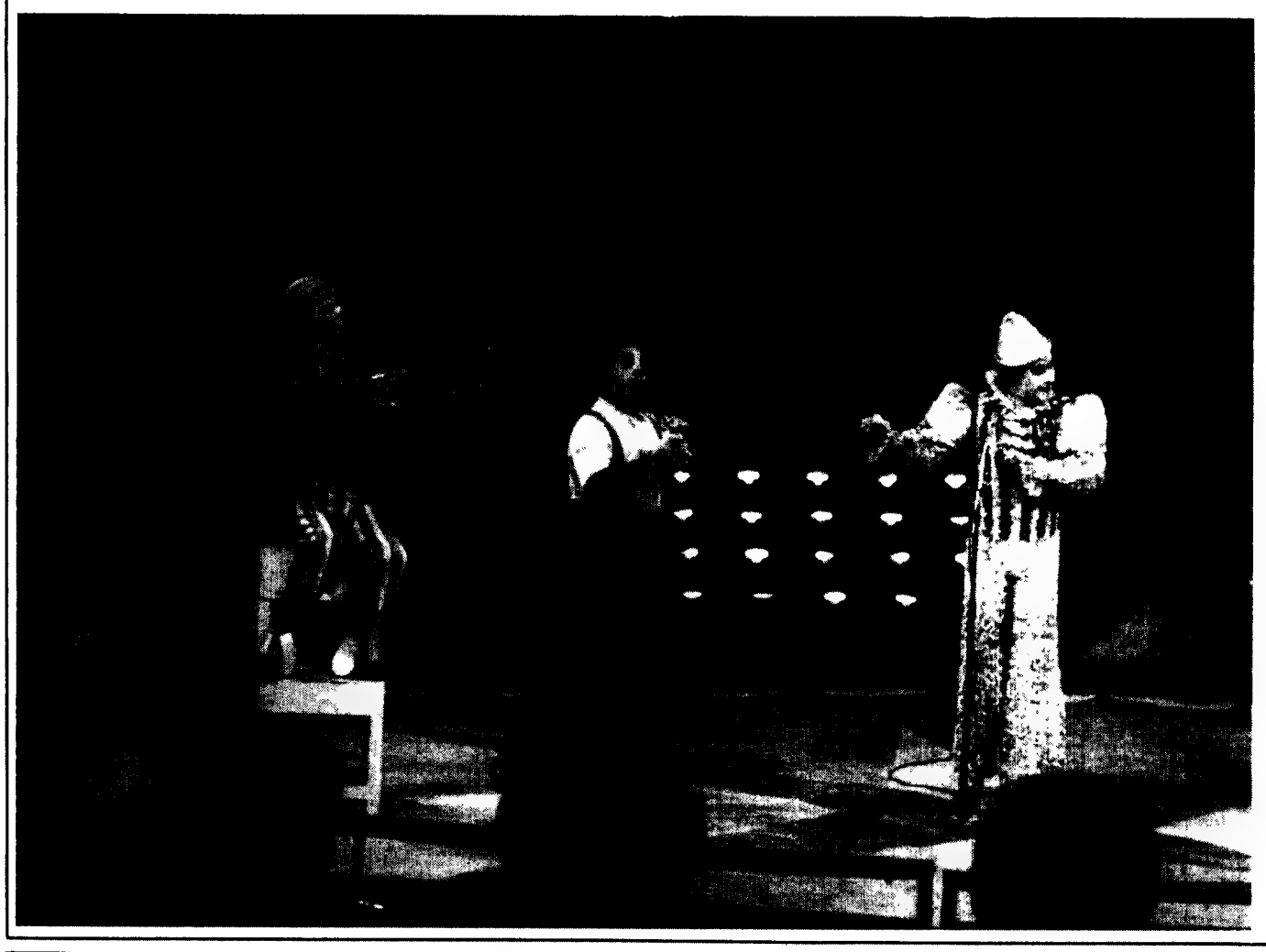
Ao contrário, a maioria das companhias itinerantes, quando se apresentam em Lisboa, vêm, na gerenalidade, com uma rodagem de sete a oito meses, tempo mais que suficiente para limar e reestruturar o que se provar necessário. Depois, a inclusão de mais um ou outro número — normal neste prolongamento de época —, não irá colidir com o «espírito do colectivo», de «totalidade», de espectáculo, então construído. Aqui está a grande diferença entre estas companhias (as itinerantes) e a «de ocasião» do Coliseu.

E exemplos do que digo, felizmente, por cá veremos nesta extensão de temporada.

Nem mais nem menos do que três das quatro grandes companhias nacionais instalaram na cidade e, por sinal, bem perto umas das outras: «Paquito», na Feira Popular; «Cardinali», na Praça de Espanha e o «Chen», como já se disse, no Campo Pequeno.

Para além de grandes no tamanho e na máquina organizativa, estas companhias transportam o que de melhor, em matéria de circo, se faz entre nós.

E se o leitor não acredita, e tem todo o direito, o que tem a fazer é, disponível, sem preconceitos, ir ao circo. E se começar por alguma destas três companhias assinaladas, e sem nunca perder o «sentido de globalidade», fixe, e arregale os olhos para: Paquito, o domador, no circo do mesmo nome; Néry Júnior, malabarista, no «Cardinali» e o Senhor Palhaço Llata, no «Chen». Depois diga-me alguma coisa...



Belas Artes comemora 150 anos

O Presidente da República, Mário Soares, presidiu ontem à sessão solene de abertura das comemorações dos 150 anos da fundação da Academia de Belas-Artes.

Nesta sessão solene, o pintor Aires de Carvalho — presidente da Academia — fez uma síntese histórica da instituição e o presidente da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, Augusto Barbosa, falou sobre a importância do património português através do Mundo e dos esforços que se impõem para a sua reconstrução e valorização.

O presidente da Escola de Belas-Artes de Lisboa falou da situação do ensino e da problemática estética em face da recente integração de Portugal na CEE.

Festival de Cinema e Video em Lisboa

Dois filmes e um concerto de música com projecção de vídeo e diaporamas abriu há dias em Lisboa uma mostra de produções audiovisuais que se prolongará até dia 30.

A iniciativa deverá constituir «uma festa do cinema, do vídeo, da luz, do som e de todas as formas de actividade», disse na sessão de abertura António Cunha, dirigente da entidade organizadora, a Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais.

Muita da produção portuguesa independente de cinema e vídeo vai ser exibida neste certame a par com trabalhos integrados em secções como «Cinema no Feminino» e «O Experimentalismo Alemão».

Doze filmes aqui exibidos concorrem ao prémio instituído pela Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais, que durante o certame realiza o seu 42.º encontro nacional.

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

Nos autos de Acção Especial de Depósito de Rendas n.º 120/83 da 1.ª Secção do 1.º Juízo que o Autor — IDALINO MARIA DE CARVALHO, residente na Quinta da Trindade ou dos Paulistas no Seixal, move c/ a Ré — CYBELE MARTINS GOMES DUARTE, viúva, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Av.ª Barbosa do Bocage, n.º 100 em LISBOA, é esta Ré citada dos depósitos de rendas efectuados pelo Autor acima identificado e para, querendo, no prazo de 10 (dez) dias, finda a dilação de 60 (sessenta) dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, impugná-los pelos meios legais sob pena de os mesmo serem considerados válidos e subsistentes com todos os efeitos e consequências legais, tudo como melhor consta da petição inical desta acção, cujo duplicado fica à disposição da citanda na Secretaria deste Tribunal.

Seixal, 18 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
Manuel Rapazote Fernandes
O Escrivão Adjunto,
(assinatura ilegível)

D.L. 27/11/86 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA

12.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de DEZ DIAS, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: Que a Ré seja condenada a pagar à A. a quantia de 172 091$00 e respectivos juros à taxa legal, desde a data da citação até integral pagamento como melhor consta da petição inicial cujo duplicado se encontra nesta Secretaria à disposição da citanda.

Acção SUMÁRIA n.º 4941 3.ª Secção

Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP

Réu SENDA – Sociedade Nacional de Restaurantes de Empresa, Ld.ª que teve a sua sede na Rua Vilar de Baixo, 600, NOGUEIRA, MAIA.

Lisboa, 13 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
(Ilegível)

O Escrivão de Direito,
(Ilegível)

"D.L." 27/11/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO

ANÚNCIO

EXECUÇÃO DE SENTENÇA n.º 3079/A da 3.ª Secção

EXEQUENTE – A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

EMÍDIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DA SILVA e marido MANUEL DOS SANTOS SIMÕES, com última morada conhecida na Rua Gomes Freire, 12-2.º Esq.º, Coimbra.

CITA-SE OS EXECUTADOS para no prazo de 5 DIAS, depois de decorridos 30 a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, pagarem ao exequente a quantia de 107 913$00, e juros vincendos à taxa legal sobre a quantia de 67 133$00, desde 16/5/86, e até integral pagamento ou, dentro do mesmo prazo, nomear bens à penhora suficientes para garantia da dita importância e acrescidos, sob pena de ser o mesmo direito devolvido à exequente.

Lisboa, 17 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
a) Jorge dos Santos

O Escrivão-Adj.,
a) José António Costa Penedo

"D.L." 27/11/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decornda a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sentença n.º 695/A 1.ª secção

Exequentes – C.ª de Seguros Império, EP

Executado – José Jesus Rodrigues, residente na Quinta da Sardinha, Santa Catarina da Serra, Comarca de Leiria.

Lisboa, 17 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
a) José Tavares de Paiva

O Escrivão de Direito,
a) Maria Teresa de Matos Dias

"D.L." 27/11/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução: Sumária, n.º 12077, 1.ª secção

Exequentes — C.ª de Seguros Império.

Executado — António Peres Guerreiro Martinho, residente na Rua da Madeira, n.º 12, Porto.

Lisboa, 13 de Novembro de 1986

O Juiz de Direito,
a) José António da Cruz

Pel'O Escrivão de Direito,
a) Maria Margarida de O. C. Esteves

D.L. 27/11/86 — 2.ª Pub.

G.D. e R. CORAÇÕES DE VALE DE FIGUEIRA

A Mesa da Assembleia convoca os associados para uma Assembleia Geral extraordinária para dia 29 de Novembro de 1986 às 20,30 h na colectividade.

Ordem dos Trabalhos

1.º Apresentação e discussão de novos estatutos.

O Presidente da Mesa
Fernando Alves Rocha

CRÓNICA DE TOUROS

Olés em Vila Franca

Soliloquio

Praça de Touros de Vila Franca. Terça-feira, 7 de Outubro de 1986. Novilhos de São Marcos para David e António Ribeiro Telles, Forcados Amadores de Lisboa, Miguel Baez «Litri» e Rafi Camino.

Novilhada da Feira de Outubro em Vila Franca, que as negaças da chuva acabaram poupando. E ainda bem. Porque foi um festejo que, dentro das limitações em vigor na nossa terra, se aproximou daquilo que se vive numa praça de Espanha, no ambiente e no calor. Por isso não admira que tenha ficado para recordar. E também não admira que tenha acontecido no único lugar português onde são possíveis esse ambiente e esse calor: em Vila Franca de Xira, na velha Palha Blanco.

Isto apesar das desigualdades dos cartazes que ali se montam, do critério de transformar uma novilhada com cartaz de luxo numa tourada mista onde se incluem, além de um grupo de forcados de rabo pelado, os Amadores de Lisboa, dois cavaleiros de alternativa mais que confirmada; sendo um deles veterano, até o mais veterano de todos quantos permanecem em activo: embora rareando cada vez mais as suas actuações — o que não explica, e ainda menos justifica, que essa raridade vá cair numa novilhada, mesmo sendo categorizados os jovens espadas, como era o caso.

De modo que, fora do seu escalão próprio, tomando o lugar que, a ser aberto, devia caber a praticantes, e enfrentando animais de reduzida presença, esfuma-se o bem que estiveram os dois cavaleiros. O pai Telles lidou o seu novilhote à maneira do moderno clássico, numa brega medida, chamando e consumando de frente, de praça a praça, primeiro contra querença e depois a favor dela, para acabar a sesgo, em cada momento conforme o apagar do bicho pedia, numa amostra de sabedoria do velho David, a que se juntou a de um senhor peão, chamado José Tinoca, que esta noite saiu a bregar para o patriarca de Coruche. E seu filho António, que se houve com dois novilhos, abusou no primeiro de circulações à volta do inimigo, que arrancava quando se lhe punham na frente, não precisava de tantas voltinhas; nem das cambiadas, naturalmente pescadas, e que, apesar da taurina música da Banda do Ateneu, a assistência acolheu com a competente frieza; mas no quinto da noite, brindado a Paco Camino, foi outro o luzimento, toureou António de frente e com garbo, fechou com o toque popular de dois ferros de palmo, ganhando para si todos os aplausos, já que o animal não se deixou pegar como seus irmãos, foi despejando da cara os moços, acabou agarrado de cernelha, sem pena nem glória.

★★★

A novilhada valeu, pois, como era devido que valesse, pelos novilheiros. Os dois novilheiros «punteros» da temporada, aqueles que de longe mais tourearam, mais orelhas cortaram. Miguel Litri e Rafi Camino. Eles confirmaram que dos seus progenitores famosos herdaram virtudes, que não se contentam em copiá-las, repeti-las. E puseram na praça de Vila Franca a vibração do toureio, essa vibração que se proonga para fora das bancadas, acompanha até à rua os passos felizes dos espectadores alguns fazendo gestos e falando sozinhos, de ansiosos que vão por poderem contar diante de um copo aquilo que viram. Como se a emoção do toureio pudesse ser contada.

A emoção do toureio, quando na praça sucede, tem um desabafo primeiro, imediato. Não falando das vezes em que esse coro se levanta, cruel, para diminuir o espada amedrontado, é chacota acompanhando suas trapadas defensivas. Entre os olés verdadeiros, os do real entusiasmo, há aqueles que estão ao pé da boca, esperando para se soltarem dela ao primeiro sinal, que muitas vezes basta ser o valor. São olés rápidos, gritados, onde a alegria alterna com o susto. Foram assim muitos dos olés que, em Vila Franca, ouviu Miguelito Baez. Valor à prova de bomba, impavidez de quem não sente o medo que sente. Diante de um lote impróprio para flores ou bordados, o novo Litri conseguiu embarcar o seu primeiro nuns passes extensos pela direita, antes da explosão de sete molinetes de joelhos, seguidos, sete molinetes para sete olés, desses tais onde a vibração baila entre o susto e a alegria. E no seu segundo, ainda de menos gás, que acabou andando pelas tábuas à procura de saída, o entusiasmo esteve no começo impávido, oito estatuários sem mover os pés do sítio onde juntos os cravara. Os olés foram do tal estilo, mas por eles teve de ficar-se a alegria, no resto só deu o novilho para o susto, a mostra do valor, por ele não consentiu o público que o moço agradecesse as palmas à boca do burladero, obrigou-o a repetir a volta que dera no seu primeiro, recolhendo vozes, prendas e sorrisos.

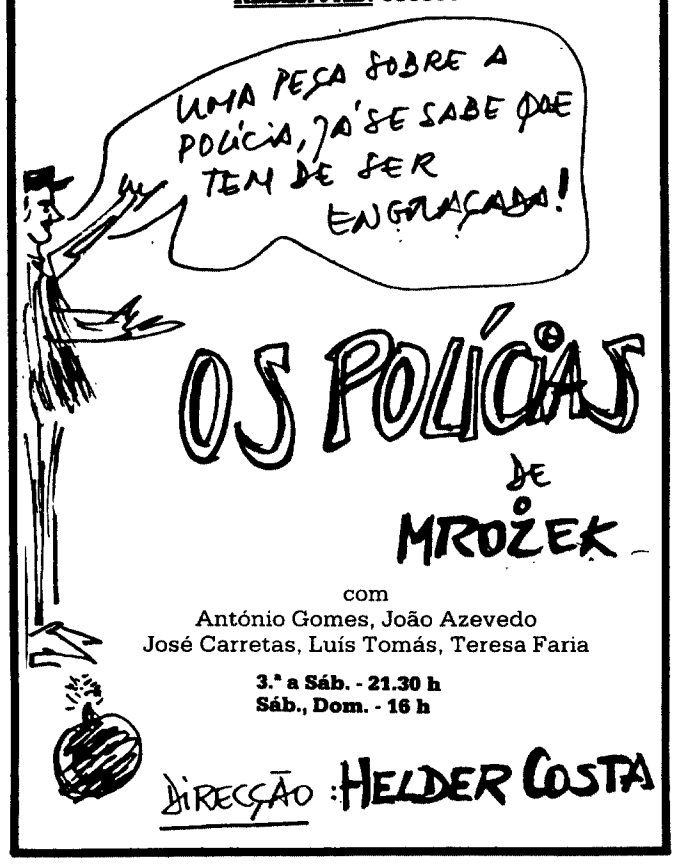
Outra mais suave emoção, logo outros olés, levantou Rafi Camino nesta noite da Palha Blanco. Beneficiado, é certo, pelo sorteio, foi ele o triunfador maior, clamoroso. Paco Camino resuscitado? A meu lado, na bancada, os olhos experientes e sábios postos na arena que para ele não tem segredos, Manuel Badajoz punha reservas a tal ressurreição, não lhe parecia o rapaz aquilo que era seu pai, com a mesma idade. E recordava essa primeira tarde em que o viu, em Saragoça, bastantes anos já correram: Manuel Badajoz saia na quadrilha do José Júlio, novilheiro de êxitos repetidos naquela praça, ali toureava pela terceira vez o então moço de Vila Franca — e com ele assistiu à chegada de Paco Camino. Viu como cortava as orelhas e os rabos dos seus dois novilhos, um caso sério, menino mesmo sábio, o Paco Camino que agora estava ali, na trincheira da Palha Blanco, euforia de abraços, de sorrisos, de lembranças dos tempos em que os olés eram para ele, nessa praça que agora se rendia ao seu filho, o olhava com olhos diferentes: memória de um tempo distante, que fazia céptico os olhos de Manuel Badajoz, e os olhos de tantos iluminava, com uma nova apaixonada esperança.

Uma nova apaixonada esperança nascia do toureio que Rafi Camino bordava na arena. Também no último novilho da noite, que saiu menos repetidor de investidas; mas principalmente com o seu primeiro, um exemplar de rara nobreza que ficará na história ainda breve da divisa de São Marcos, herdeira dos altos e baixos da sua procedência do marquês de Rio Maior. Com esse «Passarinho» subiu o jovem Camino a alturas que poucas vezes o público da nossa terra pode vislumbrar. E ainda bem que esse público calhou ser o mais capaz, eu diria o único capaz, de sentir em conjunto a vertigem dessas alturas. Um sentimento marcado pelos chapéus voando para a arena, e antes deles pelos silêncios, que explicavam a razão porque Vila Franca é, no toureio, a Sevilha Portuguesa; e depois dos silêncios esse coro impressionante dos olés que acompanhavam o trasteio de Rafi Camino.

Eram olés doutra classe, onde a emoção não vinha assustada pelo valor. Olés primeiro como que surpreendidos, no belíssimo quite à verónica que embalou o seu primeiro, depois nas chicuelinas que rematou com o garbo de duas largas, respondendo às cingidas gaoneras de Litri. Mas depois, dirigido pela muleta de Camino, o coro dos olés foi-se tornando desmaiado, como se viesse cada vez de mais longe, mais de dentro, música de fundo acompanhando o canto do toureio. E aos passes que se sucediam numa embriaguês de delicado sentimento, culminado na excelsa pintura dos trincheirazos, os olés respondiam, também pausados, sem gritos, como uma oração em que se acredita, e se reza baixinho.

Os gritos de clamor rebentaram depois, nas voltas à arena, sucessivas, a última na companhia de Miguel, voltas em que o entusiasmo pôde então fazer-se delírio, só não foram remates da noite feliz porque ela pela cidade se prolongou, entre o casario espalhada a fragância do toureio, e o sussurro daqueles olés que tinham soado na Praça de Vila Franca, terra de toureiros, e de gente que é capaz de sentir o toureio, e em seus olés o respira.

AMSTRAD PC 1512
C/ 1 DISQUETTE = 16 × 14 000000
C/ DISCO DE 20 MB = 16 × 27 000000
CASA TOLA
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO
CORREIO PARA: RUA DA ASSUNÇÃO, 67 — 1100 LISBOA

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300


OS POLÍCIAS
DE
MROŽEK
com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomás, Teresa Faria
3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h
DIRECÇÃO: HELDER COSTA

ROTEIRO CULTURAL

Um trabalho de Álvaro Gonzaga, até 7 de Dezembro na SNBA

Exposições

• Na Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, até 7 de Dezembro uma exposição de Pintura de Álvaro Gonzaga

• Por iniciativa da Cooperativa Alves Redol, em Vila Franca de Xira, está patente, até 4 de Dezembro, a exposição itinerante «Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa», organizada pelo Instituto Português do Livro. Constituida por títulos de mais de 400 autores, esta exposição permite dar uma panorâmica da evolução da literatura portuguesa desde a Idade Média, sendo a maior e mais completa mostra sobre o tema até hoje realizada, estando previstas visitas das escolas do concelho de V. Franca de Xira e limítrofes.
O certame pode ser visitado nos dias úteis das 9,30 às 22 e tem o patrocínio da Câmara Municipal.

• Na Galeria de Arte do Restaurante Escorial, desde hoje patente ao público, durante 21 dias, uma exposição de óleos da autoria de Lucília Monteiro.

• Na Nave de Exposições da Estufa Fria, no Parque Eduardo VII, é inaugurado amanhã o XIII Salão de Velharias e Objectos de Colecção, por iniciativa e com exclusivo patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa.
O horário das visitas a este salão é o seguinte: sábados, domingos e feriados das 15 às 24, nos restantes dias das 17 às 24 horas.

• Na Galeria Tempo, Rua Nova de S. Mamede, 17-A, está patente, até 11 de Dezembro uma mostra de Pintura de Francisco d´Almada, que pode ser vista de segunda a sábado entre as 16 e as 20 horas.

• Na Galeria Municipal da Amadora, foi inaugurada ontem à noite uma exposição colectiva de Artes Plásticas. Esta mostra inicia o ciclo de actividades culturais «CODILIVRO 10 Anos pela Arte e pela Cultura».

• Na Galeria de Arte do Botequim do Rei, Restaurante-Esplanada do Parque Eduardo VII, inauguração amanhã, pelas 18 horas, da exposição de pintura de Cabral Duarte «Paisagens do Corpo», patente ao público até 11 de Dezembro.

• O Salão Anual da Imargem - Artistas Plásticos de Almada, vai apresentar-se pela 5ª vez consecutiva, na Oficina da Cultura. Amanhã, pelas 21,30, é a inauguração de uma grande colectiva de Arquitectura, Pintura, Desenho e Escultura. que estará patente ao público até ao dia 8 de Dezembro.

● No Museu Municipal de Santiago do Cacém, até 30 de Dezembro, uma exposição de Manuel do Espírito Santo Guerreiro.

● Na Câmara Municipal do Porto, até final do mês, o artista catalão Jordi Valles expõe duas séries de desenhos denominadas «Contrastes» e «Porto e seus Arredores». Esta exposição é patrocinada pelo Instituto Espanhol de Cultura.

● Na Galeria de Arte da Cervejaria Trindade, até 28 de Novembro todos os dias das 12 às 15 e das 19 às 22, uma exposição de Pintura de Carlos Marujo.

● Na Galeria Almada Negreiros — Av. da República, 16 — uma exposição intitulada «5 Anos de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural».

Conferências

• No Museu Nacional do Teatro, no próximo sábado dia 29, às 11 horas, Carmen Dolores é a convidada da série «O Público conversa com Gente de Teatro», acompanhada por Jorge Listopad.

CINEMAS

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319

INVASÃO E.U.A.
(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(maioes 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 2
ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14. 16,30, 19, 21.30 e 24 h

Amoreiras 3
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Apolo 70
A VERDADE DOS FACTOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
GATA EM FÚRIA
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
MORADIA DO VÍCIO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
UMA TREMENDA CONFUSÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineboloco
— T. 556824
ÁFRICA MINHA
(m. 12 anos)
15, 18.30 e 21.30 h
ANGEL
(m. 16 anos)
24 h

Cinebolso
BURLONAS SEXUAIS
(porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
OS PUNHOS DA VINGANÇA
(m. 18 anos)
14,15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
NOITES ESCALDANTES
(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16,30, 19 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Ausónia
O MOMENTO DA VERDADE (Parte II)
(m. 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza
O SONHO AMERICANO
(m. 12 anos)
15,30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
POLICE ACADEMY III — DE VOLTA AOS TREINOS
(m. 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
BALBÚRDIA NO OESTE
(n/ac. m. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
DUELO IMORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
A MELHOR DEFESA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
MISTÉRIO DE AGATHA
(m. 12 anos)
Ciclo Dusty Hoffman
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
A NOITE USA LIGAS
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
LUA-DE-MEL COM FANTASMAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(m. 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037
Audio visual Lisboa/86
FESTIVAL DE CINEMA E VÍDEO
das 18 às 24 h

Gemini
— T. 734009
A DIFICIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
OS VENTOS DO HOLOCAUSTO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
DUELO IMORTAL
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
VENTOS DO HOLOCAUSTO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
DUELO MORTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
ANA E AS SUAS IRMÃS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A FIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
A FABRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21 30 h

Odeon
— T. 326283
A VINGANÇA DO LEOPARDO
(Int. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
GATUNOS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14, 16,30 e 21,30 h

Politeama
T. 326305
CONFRONTO FINAL
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O NAVIO FAROL
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
AOS NOSSOS AMORES
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2
INTRIGA EM FAMÍLIA
(n. acons. m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
6 MULHERES PARA UM DETECTIVE
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS (m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
BATALHA ALÉM DAS ESTRELAS (m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
AMITYVILLE, A MANSÃO DO DIABO
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
MAD-MAX, AS MOTOS DA MORTE
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
TRINITÁ E SARTANA CONTRA-TODOS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A DIFICIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A FÁBRICA DAS LOUCURAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
ASES INDOMÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

7.ª Arte
— T. 730715
A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star
— T. 804210
NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18,15 e 21.30 h
21.15 h

Terminal
— T. 371573
COBRA – O BRAÇO FORTE DA LEI
(maiores 16 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
UM VAGABUNDO NA ALTA RODA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
PELA NOITE DENTRO
(m. 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
DO FUNDO DO CORAÇÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
— T. 368480
ASSALTO AO PARQUE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Solteiros e Tarados» às 15.30, 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Momento da Verdade II», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Actor o Conquistador», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — Descanso

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Momento da Verdade — II», às 21.00 h (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Pacto Súbito», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Revolução», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Voando Sobre um Ninho de Cucos», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. men. 18 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Cor Púrpura» às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Lua-de-Mel Com Fantasmas», às 15.30 e 21.45 (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Braço Forte da Lei», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Duelo Imortal», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford — «Os Inimigos», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Cobra», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Ternos Laços», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Top-Gun — Ases Indomáveis», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Cobra — O Braço Forte da Lei», às 16.15 e 21.45 h (m. 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Três Homens e Um Berço», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «A Vingança do Herói», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Desaparecido em Combate», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Farmácias

LISBOA — Permanentes — ALAMEDA-FONTE LUMINOSA — Iberia — Rua Barão Saborosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE — Alvalade** — Av. da Igreja, 18-A (T. 842070); **ANJOS-LISBOA GIN. CLUBE — São José** — Rua dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA-INTERNACIONAL** — Rua do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO-GRILO** — Rua do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA-CHARQUINHO — Macedo** — Rua da República da Bolívia, 690 (T. 713697);**CALVÁRIO-ALCÂNTARA — Calvário** — Rua José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CHELAS**-(junto Av. Dr. Aug. Castro) — **Sacramento** — Rua Actriz Palmira Bastos Lt. 42 (T. 850904); **ESTRELA-POSSIDÓNIO SILVA — Tagus** — Rua Possidónio Silva, 162-A (T. 669481); **LAPA-SANTOS — Eduardo A. César** — Rua das Trinas, 102-A (T. 662631); **LUMIAR — CENTRAL LUMIAR** — Alm. Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **SALDANHA — CRUZ NUNES** — Pç. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **BRANDOA-AMADORA — Brito** — Rua do Colégio Lt. 32-B; **CARNAXIDE — Central Carnaxide** — Av. Portugal — Cel. 13-B-Bl. 1 Lote B; **ODIVELAS — Central Odivelas** — Alm. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA — Cruz Correia** — Est. Santo Elói, 41-A (T. 992453); **REFORÇO — ALM. GAGO COUTINHO — Estados Unidos** — Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS-EST. CARRIS — Ivone** — Rua Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CAMPO D'OURIQUE — Porfírio** — Rua Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE-ARCO CEGO — São Jorge** — Lg. Leão, 3-AB (T. 534027); **GRAÇA — Almeida Dias** — Lg. Graça, 38-39 (T. 862909); **JERÓNIMOS — Remísio** — Rua dos Jerónimos, 36-BC (T. 631699); **LG. CAMPO PEQUENO — Miranda** — Lg. Campo Pequeno, 36-BC (T. 780776); **OLIVAIS VELHO — Olivais** — Rua Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ — Curie** — Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **S. BENTO-PALÁCIO — São Bento** — Rua Poiais S. Bento, 73 (T. 601673); **BURACA-AMADORA — Vaz Martins** — Rua António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO — Nova** — Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO — Matos** — Tv. Prioras (T. 2519939).

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1 Tel. 2751297) Perm; **COVA DA PIEDADE: Morgado,** R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356) Perm.; **COSTA DA CAPARICA: Higiénica,** Av. da República, 23 (Tel. 2400020) 19 h; **MONTE DA CAPARICA: Guerreiro,** Lote 31 — IJ - Moinho (Tel. 2950727) 19 h; **FEIJÓ: B. Feijó,** R. Borges Rego, 7 (Tel. 2290911) 22 h; **SESIMBRA: Lopes,** R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028) 19h; **LAVRADIO: Parreira,** R. D. Silva Cristino, 15-A (Tel. 2042016) 19h; **BARREIRO: Mascarenhas** Neto, R. D. Francisca Azambuja (Tel. 2074446) Perm.; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima,** Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141) 19h; **CORROIOS: Universo,** Est. Nacional, 10 (Tel. 2290084) 19h; **AMORA: Duarte Ramos,** R. Bafatá, 11-Loja 30 (Tel. 2243143) 22h; **SEIXAL: Lusitana,** P. Cândido dos Reis, 10 (Tel. 2210007) 22h; **MONTIJO: São Pedro,** Av. Camões, 16 (Tel. 2311133) 22h; **MOITA: União Moitense,** Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025) 19h; **ALHOS VEDROS: Portugal,** Av. Bela Rosa, 8 (Tel. 2040250) 19h; **ALCOCHETE: Nunes,** L. cor. Ramos Costa, 10 (Tel. 234137) 19h; **SETÚBAL: Soromenho,** R. Machado Santos, 24 (Tel. 22691) Perm.; — **Cunha Pinheiro,** Est. Canarinha, 32 (Tel. 29215) Perm.; — **Marques** — R. Arronches Junqueira, 109 (Tel. 22783) 22h.

LINHA DE SINTRA
AMADORA: S. Jorge, R. Pedro Iel Negro, 5 Reboleira (Tel. 4938703) Perm. — **Romeiro** — Urb. Casal S. Brás, lote 116 (Tel. 4949050) Até às 22h; **DAMAIA: Confiança,** R. Bartolomeu Dias, lote D (Tel. 9710237) Até às 22h; **QUELUZ: Serra e Pinto,** Av. D. António C. Sá, 50-GE (Tel. 4377619) Até às 22h; **CAMARATE: Flores,** Av. Forças Armadas-Catujal (Tel. 2510850) Até às 19h; **CACÉM: Garcia,** Av. Missionários, 2 (Tel. 9242181) Perm.; **MEM MARTINS: Miranda Garcia,** Est. Mem Martins, 173 (Tel. 9214103) Perm.; **MERCÊS: Claro Russo,** R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22h; **RINCHOA: Araújo,** Calç. Rinchoa, 2 (Tel. 9260404) Até às 22h; **SINTRA: Simões,** R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 9230832) Perm.; **COLARES: Abreja,** (Tel. 9290088).
OUTRAS FARMÁCIAS:

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (Tel. 2518520) Até às 22 h; **SACAVÉM: Maria,** R. Salvador Allende, lote 2 (Tel. 2514369) Perm.; **LOURES: Saraiva,** Av. República, 86 (Tel. 9830027) Perm.

LINHA DE CASCAIS
ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070) Perm.; **LINDA-A-VELHA: Pinto,** R. Antero Quental, 9 (Tel. 4190610) Até às 19h; **TIRES: Guimarães,** L. Duartes, Lote A-r/c. (Tel. 2441616) Até às 22h; **ALCABIDECHE: Carvalho,** B.º Padre P. Correia, 4 — (Tel. 2690363) Até às 22 h; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos,** R. D. Firmino Rebelo (Tel. 2421015) Até às 22h; **CAXIAS: Nova,** R. Benardim Ribeiro, 1-A (Tel. 2432839) Perm.; **CARCAVELOS: Vilar,** Av. M.ª Conceição, Lote B (Tel. 2470777) Perm.; **S. DOMINGOS RANA: Godinho Silveira,** R. A. Albuquerque, Lote B-Lj./2 (Tel. 2470361) Até às 22h; **MALVEIRA DA SERRA: Luz,** Estrada Nacional (Tel. 2850635) Até às 22h; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro,** P. Residencial, Dr. Augusto Castro, lote 1 (Tel. 2430691) Perm.; **PAREDE: Macau,** R. J. Elias Garcia, 42 (Tel. 2471785) Perm.; **MURTAL: Primavera,** R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278). Até às 22h; **SASSOEIROS: Amaral,** Quinta das Encostas (Tel. 2461312) Até às 22h; **BIRRE: Imani,** Lote 7-B-Hera (Tel. 2852121); **MADORNA: Madeira,** Rua A (Tel. 2476326) Até às 22h; **AMOREIRA: Abrantes,** Viv.ª Maria Carlos Anjos (Tel. 2682313) Até às 22h; **MONTE ESTORIL: Ostende,** R. Espinho, 1 (Tel. 260391) Até às 22h; **CASCAIS: A. Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Perm.

Porto

DE DIA E TODA A NOITE — PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE,** R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA,** R. da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA,** R. D. Afonso Henriques, 1-5, Areosa; **ALMEIDA,** R. Castelo de Numão, 37; **VALDREZ,** R. Luís Cruz. 230, às Condominhas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.dos e dom.gos, às 16 h

"GALILEU GALILEI", de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb. às 21.30, domingos às 17.00 h

"O TOURO", de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Praça de Touros do Campo Pequeno

Todas as noites às 21.30, 5.ª, 6.ª e sábado às 16.00. Domingos e feridos às 15.00 e 17.30.

CIRCO CHEN

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**NO REINO DA FANTASIA**«. Pelo TIL.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT", de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Porto — Cooperativa do Povo Portuense

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta **"TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA»**, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000

De 3.ª a sáb. às 21.00; domingos só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**» de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Interp.: Rui Mendes, Júlia Correia, Julia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Breia, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Teatro do «O Século»

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**MEMÓRIAS DE UM CORPO**«, de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalheiro. Interpretação de José Figueiredo.

Teatro D. Maria II — Sala Experimental

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

«**JONAS**«, de E. G. Berreuby. Encenção e interpretação de Domingos Semedo.

Teatro Maizum — Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

«**A RUA DOS FANTASMAS**«, de Javier Vallatañe.

Setúbal — Teatro de Animação

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De 5.ª a domingo, às 21.30

«**ALVES& C.ª**«, de Eça de Queiroz. Dramatização e encenação de Fernando Gomes. Intérpretes: Asdrúbal Teles, Carlos Rodrigues, Cristina Melo, Fernando Amedo, Filomeno Gonçalves, Gil António, Isabel Ganilho, João Manuel, Mana Simões, Nuno Mello, Pompeu José e Rui Paulo.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**«, de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Variedades

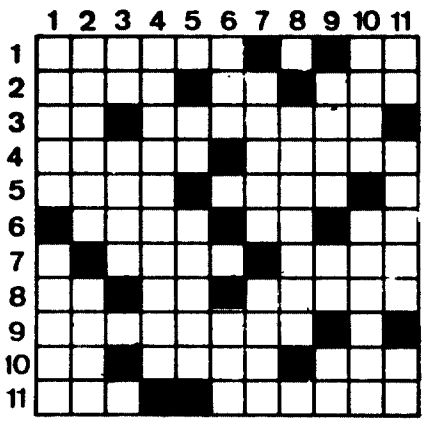
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 895



HORIZONTAIS:

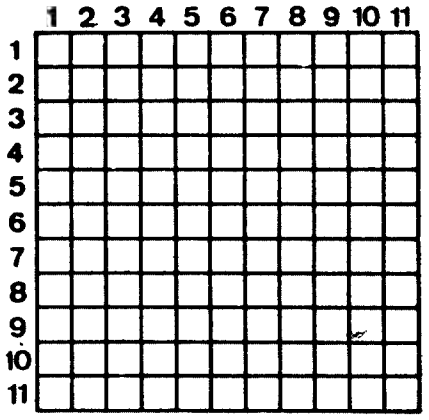
1 Caldeirada de sumo de cana-de-açúcar. Jesus Cristo (abrev).
2 Aldeia de índios do Brasil. Fisga.
3 Emissão de voz. Indignar.
4 Pessoa magra. Lé.
5 Colina na Suécia. Tornes aquoso.
6 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
7 O mesmo que uma (ant. e pop). Acreditar.
8 Burlão. Prefixo de negação.
9 Remoinho na água. Freguesia do concelho de Arouca.
10 Sentis prazer. Seguias.
11 Género de palmeiras do Brasil. Fora:

VERTICAIS:

1 Uma das ilhas Comores. Arbustro africano. Trepador.
2 Era cristã. Atentou contra o pudor.
3 Afrouxai. Povo antropófago que atingiu o Gabão e chegou até ao Congo.
4 Perfumes. Voz para fazer recuar os bois jungidos.
5 Nome de jogo. Nome antigo da nota musical dó. Viração.
6 Quebrar.
7 Ódio. Catedral.
8 Enrolou.
9 Utensílio doméstico. Título honorífico na Índia (inv). Esteiro.
10 Liga das meias.
11 Cobalto (s.q). O mesmo que sarnento.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 724



HORIZONTAIS:

1 Tencionar. Tempo do verbo ser. Medida japonesa igual a dois decilitros.
2 Indivíduo misantropo. Quarto. Remo para trás.
3 Érbio (s.q). Cuspir.
4 Artista francês que representou várias peças de Marcelo Pagnol. Mérito.
5 Cidade e porto no golfo da Guiné Setentrional, na Costa do Ouro. Tempo do verbo ser.
6 Cidade da Úmbria. Zomba. Abreviatura de Santíssimo.
7 Encoleriza. O mesmo que neão.
8 Prefixo de negação. Níquel (s.q). Couro de vitela para o fabrico de calçado.
9 Vinhais.
10 Érbio (s.q). Aroma. Virtude.
11 Chefe etíope. Habitara.

VERTICAIS:

1 Valente (Bras). Existir.
2 O mesmo que pega (ave). Rio de Portugal.
3 Pertences. Apre!
4 Planta aromática também chamada arçã.
5 Ouro (s.q). Primeiro satélite de Urano.
6 Espécie de dança. Dádiva.
7 Morar. Canto de muitas vozes reunidas.
8 Tempo do verbo ser. Vareiras.
9 Guarda segredo. Artigo definido (ant). Bário (s.q).
10 Excursão. Padecer.
11 O sono das crianças. Resmungue (fig). Miriare.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 894**

HORIZONTAIS:

1 ONDE. ELAS.
2 Pá. Afiarem.
3 Içaria. Op.
4 Cozia. Pui.
5 Ama. Ze. Pará.
6 Rom. Cegar.
7 Idos. Lama.
8 Oó. Sai. Amas.
9 Treinos.
10 SE. Tasca.
11 Isso. Aué. Sá.

VERTICAIS:

1 Operário. Si.
2 Na. Dotes.
3 Ícaro.
4 Éaco. Osseto.
5 FAZEM. AÍ.
6 Eiriz. Cinta.
7 Laia. Oaú.
8 Ara. Pelasse.
9 SE. PAGAM.
10 Mourama. As.
11 Piaras. Sá.

PROVÉRBIO: Onde elas se fazem, aí se pagam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 723**

HORIZONTAIS:

1 Lagoaça. AAA.
2 Aturar. Atum.
3 Meia. Fé. Olá.
4 Norte. Ras.
5 Rue. Ditem.
6 ONU. Novelo.
7 Sá. Avis. No.
8 Aio. Ás. Atas.
9 Pasmada.
10 Alistou. Rum.
11 Apoio. Ecar.

VERTICAIS:

1 Lamarosa. Aa.
2 Até. Unaí. Lp.
3 Guinéu. Ópio.
4 Orão. Asi.
5 Aa. Rd. Vasto.
6 Cretinismo.
7 Fetos. Aué.
8 Vê. Ad.
9 Atormentara.
10 Aula. Loa. Ur.
11 Amasso. Sem.

Radio

ANTENA UM

16.00: «Rocklândia»; **17.00:** Pequeno jornal; **18.00:** Regressos; **19.00:** Informação e música; **20.00:** No estúdio e no estádio (Informação desportiva — 2.ª edição); **20.15:** Música portuguesa; **20.30:** A viver também se aprende; **21.00:** Musical; **1.30: Imaginário; 23.30:** Títulos do «Jornal da Meia-Noite». Noticiários a todas as horas.

PROGRAMA 2

16.00: Música do século XX; **16.30:** Três suítes de Hermann Schein; **17.00:** Integrais — As sonatas de Schubert para piano; **17.33:** Música de bailado — A Princesa dos Sapatos de Ferro, de Ruy Coelho — Andante Sostenuto de Allegretto, do Bailado Egípcio, de Luigini; **18.00:** Suíte inglesa n/º 6 em ré menor BWV 811 de Bach; **18.40:** Sinfonia Fantástica Op. 14 de Hector Berlioz; **19.40:** Música de câmara — Octeto em mi bemol maior op. 103 de Beethoven; — Quarteto em sol menor de Claude Debussy; **20.40:** Poema sinfónico — «Idílio de Siegfried», de Richard Wagner; **21.00:** música de tecla — O livro de órgão de Pierre du Mage; — Valsa de Fausto — Allegro molto vivace, de Gounod; **21.30:** Música vocal e instrumental — Cantata «La Glória e Imeneo», de António Vivaldi; **22.30:** Trio n.º 4 em ré maior, op. 70 n.º 1 de Beethoven; **23.05:** Música portuguesa — Concerto para flauta e orquestra de Frederico de Freitas; **23.40:** Música experimental — «Ré» de Gerd Zacher; **3.50:** Ode para o dia de St.ª Cecília, de Purcell; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; **17.00:** A feira mágica; **20.00:** Conta-corrente; **21.00:** Discos pedidos, **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 Mhz)

15.00: A casa da música; **16.00:** O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00:** Bola branca; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Fim de tarde; **20.00;** Conversa de amigos; **21.00:** ENCONTRO; 22.00: Luzes da Ribalta; **23.00:** Bola branca; 23.55: Meditando.

FM estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30:** Transmissão do Terço; **20.00:** Serra de estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico; **23.55:** Boa-noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
«O Pequeno Inventor», «O Patinho Cuac Cuac» e «Feira de Bonecos»
18.50 — Show Bis
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.05 — Direito de Antena
«Partido Socialista», «Associação dos Maquinistas Navais» e «Associação Nacional dos Pequenos e Médios Agricultores».
20.25 — «Viver a Vida»
9.º episódio: — Rodolfo segura o rosto de Eduarda entre as mãos. Olham-se com ternura. O momento quase termina num beijo aflorado que é cortado pela entrada da mãe, procurando disfarçar a surpresa com falsa naturalidade. Numa «pizzaria» enquanto os outros comem e bebem, falam e riem Marcelo come devagar, procura segurar os talheres de forma correcta e não bebe; ele é, com efeito, um desajustado e só consegue sentir à-vontade junto de Marly.
Chicão, Marcelo, Denise, Marly e Geraldo vão ao «mamute» e participam no ambiente trepidantemente alegre. Enquanto Marly e Marcelo dançam, Eduarda, na sua casa de Petrópolis escuta música suave. Enquanto a relação de Marly com Mrcelo se vai consolidando, ele vai começando a estar na vida de outra maneira. Henrique abre a porta da sala de reuniões: Um grande bolo de aniversário está em cima da mesa, todo o pessoal da administração à volta canta «Parabéns a Você», Henrique fica emocionado com os aplausos e os parabéns. Marcelo telefona à mãe e promete-lhe que no próximo fim-de-semana vai vê-la. Entretanto, o apoio a Marcelo dado pelo dr. Saboya é visível e Marcelo sente que a sua oportunidade começa a aparecer. Henrique está na sua secretária quando Saboya entra com Rodolfo e Marcelo, vindos de um almoço de negócios, é o próprio dr. Saboya que diz a Henrique que passou para Marcelo todo o processo sobre o que ele pensa da fiscalização. Marcelo em tom conciliador diz a Henrique que espera o apoio da sua experiência. Germana e Onofre fazem os preparativos para a chegada de Marcelo a quem não vêem há dois meses. Só que a chegada de Marília e de Saboya à empresa irá modificar os planos de Marcelo quando lhe propõem uma ida a Angra dos Reis...
21.05 — Europa
21.35 — Face a Face
22.05 — Kane e Abel
1.º episódio: — A 18 de Abril de 1902, dois bebés vêm ao mundo em circunstâncias diferentes. Abel, filho ilegítimo de um barão e de uma camponesa, nasce numa aldeia da Polónia.
Kane, o primogénito, há muito desejado numa tradicional família conservadora, nasce num hospital em Boston.
Os dois rapazes crescem em mundos opostos: Abel assiste com profundo sofrimento à morte de toda a família, é perseguido e preso durante a I Guerra Mundial. Kane, apesar do desgosto sentido com a morte do pai, é criado no meio de todo o conforto e recebe a melhor das educações.
Interpretes: — Peter Strauss, Sam Neill, Ron Silver, David Dukes, Fred Gwynne, Tom Byrd, entre outros.
Realizador: Buzz Kulik
23.00 — 24 Horas
23.30 — Remate

No 1.º Canal, às 22.05, o 1.º episódio da série «Kane e Abel»

RTP 2

14.47 — Agora, Escolha!
16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV
O Tempo
16.30 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Ploom», «Plastinots», «Jeannie».
17.00 — Countdown
17.45 — Magazine de Informação
18.10 — Almanaque
Um programa sobre Machiavelli
18.15 — O Tempo
18.20 — O Mundo Amanhã
18.30 — EuroDesporto
19.30 — Spectrum, as notícias em revista
20.00 — Notícias
20.05 — 5.ª Dimensão
34.º episódio: — «Twilight Zone» é o título original desta série norte-americana que de segunda a sexta-feira acompanha-nos no serão da RTP — 2.
A sua produção deve-se à estreita colaboração entre a Cayuga Productions e a CBS — TV Network — que num esforço conjunto permitiram que se abordasse de uma forma totalmente inovadora sobrenatural, a ficção e os diversos ramos do conhecimento científico. Como autor da série, Rod Serling contribuiu decisivamente para a consagração no pequeno ecrã de um género que o cinema já, então, explorava com assinalável êxito: o fantástico.
20.30 — Uma Família às Direitas
9.º episódio
21.00 — Jornal das Nove
21.35 — A Quinta do Dois
Programa de humor, variedades e diálogos, com o sabor do prazer redescoberto do diálogo participado, entre Carlos Cruz e os convidados que passarão pelo palco do Europa. Raul Indipwo, os GNR e provavelmente António Calvário serão as presenças musicais da semana.
23.30 — Contas Claras
23.55 — É de Ler
«Vai Vem» de Laura Bulgner

Amanhã

RTP 1

18.02 — Sumário
18.07 — Brinca Brincando
18.50 — Show Bis
19.30 — Telejornal
20.00 — Boletim Meteorológico
20.10 — Viver a Vida
10.º episódio
20.55 — Este é o Meu País
21.10 — Duarte 1 C.ª
12.º pisódio
22.05 — Hitchcok Apresenta
7.º episódio
22.30 — 24 Horas
23.00 — Remate

RTP 2

14.47 — Agora, Escolha
16.15 — Notícias
16.25 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — 5.ª Dimensão
35.º episódio
20.30 — Uma Família às Direiras
10.º episódio
21.00 — Jornal das Nove
21.30 — Contraponto
22.30 — O Bravo Soldado Schweick
3.º episódio
23.30 — Um Boa Ideia
23.40 — É de Ler

AOS CONDUTORES
"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...
RTP 1 Kane e Abel
RTP 2 Uma Família às Direitas

«Viver a Vida»
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 4197570

MARÉS DE HOJE

PRAIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.21	3,6 m	4.51	1,7 m
23.58	3,6 m	17.24	1,5 m
Dia 28			
		5.44	1,5 m
12.14	3,8 m	18.11	1,2 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	3º
VIANA DO CASTELO	4º
VILA REAL	3º
PORTO	10º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	12º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	11º
LISBOA	10º
ÉVORA	10º
BEJA	9º
FARO	13º
SAGRES	11º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	17º

Fixados subsídios de renda para 1987

O Diário da República publicou hoje as tabelas do subsídio de renda e da renda limite para vigorar em 1987. As referidas tabelas resultam da publicação, em 31 de Outubro passado, dos factores de correcção extraodinária das rendas aplicáveis, a partir de 1 de Janeiro de 1987, aos prédios arrendados para habitação anteriormente a 1 de Janeiro de 1980.

Esta correcção, recorde-se, foi contestada pelas associações de inquilinos, que já interpuseram recurso para o Supremo Tribunal Administrativo, argumentando que tal aumento só poderá ocorrer em Junho/Julho de 1987.

Os valores hoje tornados públicos vigorarão durante o ano civil de 1987. Nos termos da portaria «a metodologia utilizada para o cálculo do subsídio a atribuir durante o período foi a mesma que foi seguida para a atribuição no ano de 1986, tomando-se agora em conta os rendimentos dos candidatos respeitantes a 1985 e as rendas corrigidas a partir de 1 de Janeiro de 1987».

Greve de 48 horas no Estoril-Sol

Os empregados da empresa Estoril-Sol anunciaram a intenção de cumprir uma greve de 48 horas na sexta-feira e no sábado por melhorias salariais, informou a comissão de trabalhadores.

Os cerca de 1300 trabalhadores da empresa repartidos pelo Hotel Estoril-Sol, Hotel do Guincho, estabelecimentos do Tamariz, Golf Estoril-Sol e Casino Estoril pretendem uma actualização salarial da ordem dos 15 por cento e a revisão das cláusulas de expressão pecuniária do respectivo contrato.

Segundo um elemento da Comissão de Trabalhadores da Estoril-Sol, a greve que poderá ser alargada, vai afectar a estada na costa do Estoril de 600 turistas que participam nos trabalhos do Congresso Internacionl de Clubes Rotários.

A empresa Estoril-Sol detém cerca de metade da capacidade hoteleira da Costa do Estoril.

Espanhóis querem chegar mais depressa a Lisboa

O Plano Espanhol de Transportes Ferroviários anunciado, na semana passada; incluirá a construção de uma nova via rápida entre Madrid e Badajoz e servirá de ligação da capita espanhola a Lisboa. A nova linha ferroviária permitirá fazer a ligação Madrid-Badajoz em três horas e meia, metade do tempo que leva actualmente.

O Plano de Transporte Ferroviário já anunciado, que está a ser terminado, prevê custos de mais de dois biliões de pesetas a aplicar até ao ano 2000. Uma parte deste plano será financiado pelos fundos europeus.

A falta de acordo entre Portugal e Espanha, no âmbito da CEE em matéria de prioridades dos eixos ferroviários que ligarão Portugal com a Europa através do território espanhol e suas formas de financiamento, impede que o Plano Espanhol inclua esse sistema de comunicações.

Entre os Governos de Madrid e Lisboa tem havido conversações para conjugar os planos ferroviários dos dois países e da CEE no que diz respeito aos grandes eixos ferroviários que unirão Portugal com o resto da Europa, por território espanhol.

A futura via férrea será utilizada por comboios de alta velocidade que farão o percurso Madrid-Badajoz em três horas e meia, metade do tempo utilizado pelos comboios actuais, como acima referimos.

O Governo espanhol ultima agora o plano de transportes ferroviários, já anunciado em linhas gerais. Alguns destes projectos serão financiados pelos fundos comunitários.

O presidente do Governo Regional da Estremadura, Juan C. Rodriguez, afirmou entretantro que os Governos espanhol e português têm muito avançadas as negociações para que um nova via férrea Madrid-Lisboa seja uma realidade em 1991.

/D/E/C/A/R/A/S/

BRUCE SPRINGSTEEN terá mais três mil caixas com os seus cinco álbuns ao vivo editadas em Portugal, dentro de duas semanas - revelou uma fonte da Editora. Numa semana os portugueses esgotaram um primeiro lote de duas mil caixas importadas, tendo para isso gasto 15 mil contos na sua aquisição (cada caixa custa ao público sete mil e quinhentos escudos).

MARIA BARROSO preside amanhã no Estoril, em nome do Presidente da República, à reunião rotária anual subordinada ao tema «Rotary Significa Esperança», do Instituto CEEMA (Continental Europe, East Mediterrâneo, África). À reunião do Rotary International estarão presentes cerca de 600 congressistas provenientes de 50 países da Europa, África e Mediterrâneo Oriental. Para além da discussão de diversas questões internas do movimento rotário, estará em debate a «Campanha Polioplus» com a qual o Rotary International pretende erradicar a poliomielite até ao ano 2005.

MODESTO NAVARRO, dedicou a Joaquim Natal, mestre alfaiate de Mirandela que lutou pela liberdade e pela cultura em Trás-os-Montes, este seu novo romance: «Morte no Douro». É o segundo volume das suas obras ficcionais cuja edição confiou à editorial «Ulmeiro». Também a «Ulmeiro» publicou a ficção policial «A Morte do Artista». Modesto Nevarro divide-se entre a ficção literária e a literatura policial, artigos de intervenção, crónicas, entrevistas, mas, essencialmente, bate-se por Trás-os-Montes, pelo Nordeste isolado e esquecido.

STEVEN SPIELBERG, realizador e produtor norte-americano, vai lançar-se no campo da animação, produzindo «An American Tail» (Uma Cauda Americana). O filme conta a história de uma família de ratos que emigra da Europa para o «novo mundo» em finais do século XVIII convencida de que as estradas de Nova Iorque são feitas de queijo e não existem gatos. Consta nos meios cinematográficos que Spielberg tem em projecto realizar um filme de animação em colaboração com George Lucas, seu amigo e realizador de «Guerra das Estrelas».

JULIO MOREIRA, após a publicação de «A Execução» e de «O Insecto Perfeito», guardara um longo silêncio. Quebrou-o agora com a publicação de «O Apóstolo de Si». Uma edição de «Livros Horizonte» com a qual a voz solitária e impiedosa de Júlio Moreira regressa à sua «ficção inconformada». Entre o individuo real e a imaginação que o torna verdadeiro, o autor revela novos labirintos da narração e sugere um compromisso (mais agressivo) entre o leitor e o texto.

PLACIDO DOMINGO fez uma doação de dois milhões de dólares às vítimas do terramoto que abalou o México o ano passado. Dois familiares do cantor espanhol morreram na capital mexicana em consequência do sismo de 19 de Setembro. A esse respeito conferenciou recentemente Placido Domingo com o presidente mexicano Miguel de la Madrid.

Armadores e pescadores do Algarve estão à espera... da chegada da CEE

Armadores e pescadores do Algarve não querem ser os únicos responsáveis pela renovação da frota pesqueira, para mais quando faltam os apoios financeiros para o sector e a comparticipação do Estado.

A afirmação foi feita ontem num seminário realizado em Faro sobre Portugal e as Comunidades Europeias. Os armadores tiveram aí oportunidade para se declararem «desorientados» com a situação de não saberem nunca a que entidade recorrer quando as suas embarcações necessitam de grandes reparações, salientando o facto de que «a frota pesqueira algarvia está velho, deteriorado e ultrapassada».

A sessão de trabalhos de ontem do seminário foi dedicada à política de pescas no quadro da adesão de Portugal ao Mercado Comum. Num tom diferente do dos homens do mar do Algarve, o director do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação revelou que só este ano Portugal apresentou à CEE cerca de 150 projectos no domínio a pescas, projectos esses incidindo na maior parte em acções de renovação da frota pesqueira, atingindo investimentos da ordem dos 8,5 milhões de contos. E sendo assim, terão os pescadores e os armadores algarvios de esperar não pelo Estado português, directamente, mas pela Comunidade Económica, este o novo sinal da nossa condução política.

O seminário sobre Portugal e as Comunidades Europeias que decorre em Faro é a primeira de uma série de iniciativas idênticas que a Secretaria de Estado da Integração Europeia e a Direcção-Geral das Comunidades Europeias, em colaboração com as diversas comissões de coordenação, vai levar a cabo em todo o País.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

N.º 281

A arte do romance de Milan Kundera

Deus ri-se quando vê o homem a pensar

Só o romance pode dizer, com a desejável indecisão, porque é que Anna Karenine se atirou para debaixo de um comboio sem verdadeiramente ter decidido fazê-lo.

SE soubessem quantos dirigentes tidos por inteligentes dizem de bom grado: «Romances não leio, para que servem eles hoje em dia? Aliás, não é verdade que o romance morreu?...»

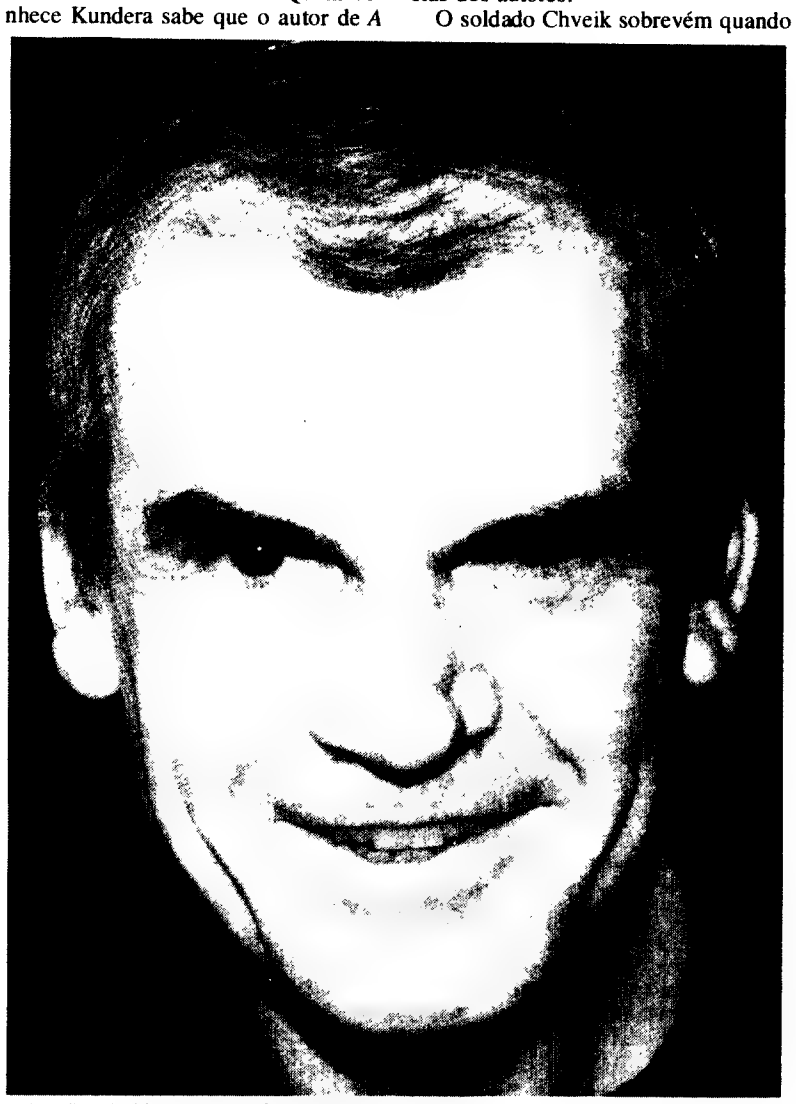
A maior parte das vezes, são políticos quem profere estas asneiradas. Obrigados a decidir e a ordenar, nada deveriam negligenciar do que informa as possibilidades humanas... e neste domínio — coisa facilmente verificável — o romance ultrapassou todos os instrumentos de precisão; ora, os nossos intoxicados do poder não acreditam senão nas suas próprias verdades. De facto, deveríamos convidar estes totalitários em potência a lerem Kundera à força — visto que até está na moda tratar os drogados contra a sua vontade — e tornar *a arte do romance* leitura obrigatória nas escolas de administração.

O livro tem como subtítulo: *Ensaio*. Mas a designação não é inteiramente exacta. Trata-se de artigos e de entrevistas sobre um mesmo tema. Quem conhece Kundera sabe que o autor de *A insustentável leveza do ser* é homem de convicções obcecantes, e mesmo homem de uma teoria. Ele não pratica o romance pelo prazer de reiterar um exercício experimentado, e ainda menos para manter a loja aberta. De facto, ele crê nas possibilidades infinitas do género, na sua sobrevivência, e as reflexões que aqui deixa, a propósito de outros autores ou de si próprio, formam, tanto quanto as suas ficções, variações musicais perfeitamente orquestradas.

Na sua paixão de conhecer, a espiritualidade europeia esqueceu um pouco o próprio ser. Cervantes corrigiu Descartes neste particular, inventando a arte de explorar esse ser esquecido e uma sabedoria da incerteza diante das numerosas verdades relativas que puseram termo à ordem divina.

A história do romance reflecte a dos tempos modernos. Dom Quixote regressa através de Kafka. A aparição dos heróis não é, apenas, o fruto das fantasias dos autores.

O soldado Chveik sobrevém quando as guerras perdem todo e qualquer motivo concebível para os próprios combatentes. Não sem um certo patriotismo centro-europeu, Kundera vê nos romancistas saídos da sua região, Kafka, Broch, Musil, Mann, Gombrowicz, os anunciadores da modernidade, os profetas daquilo a que chama «os paradoxos terminais».



Kafka, Broch, Musil, Mann, Gombrowicz, são para Kundera, os profetas da modernidade, os arautos dos «paradoxos terminais»

O romance não termina, porém, com eles. O seu futuro está assegurado pelo seu sentido congénito da ambiguidade e da relatividade das coisas humanas, sentido insuportável — o que é bom sinal — para todos os totalitarismos. Se o género desapareceu na Rússia desde há cinquenta anos, por decreto, ele não está, no entanto, prestes a morrer de morte natural, quanto mais não seja porque vive através dos seus apelos ao sonho, ao jogo, ao pensamento e à duração, o estudo do tempo colectivo sucedendo ao estudo do tempo singular de Proust.

Não foi o romance que chegou ao fim das suas forças: é o mundo que já não é mais nada, simplificado, reduzido e unificado pelos *media*. A sorte do romance é que ele preserva o espírito de complexidade, de diversidade, e não depende de outras causas — futuro, deus ou pátria — para além da herança descrita em Cervantes.

No tempo de Dom Quixote, como no de Dante e de Boccacio, o romance não se embaraçava com psicologias. O enigma do eu ainda não tinha sido inventado. A intenção respeitava á acção. A ficção só começa a preferir o mundo invisível das almas ao mundo visível dos actos no século XVIII, através da epistolografia. Richardson inaugura a aventura da interioridade, que Benjamin Constant, Stendhal, Joyce, Proust prolongarão. Com este último, a procura do eu atinge o seu apogeu e mostra ao mesmo tempo, senão o seu fracasso, pelo menos a sua insatisfação definitiva.

Kafka abre a era pós-proustiana subtraindo aos seus personagens a aparência física, a biografia, as recordações e até o patrónimo, para ver que possibilidades restam ao homem num mundo-armadilha em que as determinações exteriores reduzem a nada os motivos de cada um.

Gombrowicz quantificou o que resta do infinito individual de Proust olhando para a demografia. O eu de Demócrito valia bem uns quatrocentos mil avos de humanidade, o de Brahms um pouco mais, enquanto ele próprio, Gombrowicz, tem um «peso» muito menor, a seus próprios olhos...

Visto que elimina a simulação realista, a psicologia e até o monólogo interior - tipo Joyce, Kundera propõe-se agarrar o eu, não como um fenomenólogo, mas segundo aquilo a que ele chama «o código existencial» de cada personagem: para um, é a obsessão das mulheres; para outro, a maldição da traição. Quanto ao ambiente histórico, ele retém exactamente o que a História esquece: por exemplo, os massacres de cães que precederam a invasão russa de 1968 na Checoslováquia, ou as sufocações de Dubcek, ao microfone, depois da sua viagem de submissão a Moscovo.

■ O romance é a grande forma de prosa em que o autor, através de egos experimentais, examina até ao fim alguns dos grandes temas da existência. Mas para o fazer, o romancista tem de ser mais humorista do que teórico.

■ Kundera propõe-se descrever o *eu* através de códigos existenciais dos seus personagens, renunciando à simulação realista, à psicologia e ao monólogo interior.

Entretanto, o romancista não tem de se fazer historiador nem profeta. A sua função consiste em explorar as possibilidades, as virtualidades humanas. Como adaptar-se a uma ordem absurda? Como nascem as nossas decisões e se transformam em actos, e os nossos actos em aventura? Porque é que Anna Karenina se atira para debaixo de um comboio, sem verdadeiramente ter decidido fazê-lo? Só o romance pode responder a estas perguntas com a indecisão desejável.

Qual a técnica para obter tal resultado? Kundera explica-se no que a si próprio diz respeito: Ele pensa, como Broch, que toda e qualquer grande obra tem uma parte de inacabamento. A si próprio, proíbe a imitação do real aconselhada pelo século XIX, regressando ao *ludismo* anterior mas impondo-se a si próprio a densidade, e sem excluir a possibilidade de misturar o ensaio com a ficção, a afirmação ao jogo das hipóteses. Em *A insustentável leveza do ser* correm, em contraponto, reflexões sobre o «Kitsch»; e no *Livro do riso e do esquecimento*, sobre música.

Kundera invoca Kafka, e tem todas as razões para o fazer. A referência volta-lhe constantemente à caneta. A sua familiariedade com o autor de *O Processo* torna muito penetrantes e fecundas as suas observações sobre o adjectivo «kafkiano», deformado pela nossa aplicação abusiva *apenas* às aberrações burocráticas.

No universo «kafkiano», o poder tem o carácter de um labirinto infinito. O «dossier» é, nele, uma realidade tangível, e o castigo prova a culpa. A perseguição a que o sistema dá origem deve, antes de mais, ser cómica. Não esqueçamos que Kafka e seus amigos riram às gargalhadas quando da primeira leitura do *Processo*, e que Philip Roth queria fazer *O Castelo* com os Marx Brothers.

Outro escolho de leitura a evitar, juntamente com o excesso de seriedade: crer que Kafka critica um determinado — e qualquer — sistema político. A sua representação da culpa sem falta não provém de um inferno social vivido mas, como se sabe, do conflito privado com um pai deificado e tirânico. Foram os infernos sociais que aplicaram o seu engenho em dar-lhe razão.

O «kafkiano» engloba indistintamente o íntimo e o público. Deve mais ao fantástico do que ao estúpido (carta a Milena). O poeta inventa menos do que revela o que *já-está-ali, pronto a manifestar-se*. Ele não é exemplar e profético senão na medida em que não se compromete, preservando a sua autonomia radical em relação ao político e ao lirismo, que lhe é dado por acréscimo.

Em apêndice ao seu ensaio, Milan Kundera recenseia, em forma de pequeno léxico, as dificuldades e maravilhamentos que as traduções dos seus livros ocasionaram. Ficamos a saber que «entesar» não se diz em checo. Ouvimos o músico, que o autor foi e continua a ser, sonhar com o som das diferentes palavras: «Eveline velada de seda e de veludo...»

Uma definição do romance? Kundera não se recusa a esboçá-la. É, diz ele, «a grande forma de prosa, em que o autor, através de *egos* experimentais, examina até ao fim alguns grandes temas da existência». Para o fazer, o romancista deve ser mais humorista que teórico. É preciso ouvir, como Rabelais, o «riso» que, segundo um provérbio judeu, assaltou Deus quando viu o homem pensar.

Ora esse riso é, exactamente uma das riquezas de Kundera.

L'Art du roman (A arte do romance), ensaio de Milan Kundera, Gallimard, 1986. 72 FF.

Bertrand Poirot-Delpech

Novo romance de Urbano: A Vaga de Calor

«A Vaga de Calor» é o novo romance de Urbano Tavares Rodrigues, prestes a sair nas Publicações Europa-América. Aqui publicamos uma «amostra» do texto, cuja oferta agradecemos ao autor e aos editores.

A meio da tarde a temperatura atingiu 45 graus, à sombra. E mesmo agora que a luz atroz desfalece, que o sol já não é amarelo estridente, o calor persiste. Grifos selvagens, vindos dos matagais incendiados, pairam sobre os jardins e sobre os parques.

Coisas que nunca se viram na cidade.

O bairro popular, onde o Livre Pensador tem, há muitos anos, o seu consultório de clínico geral, cheira a fritos rançosos, a urina, a indeterminàveis imundícies. Não são odores usuais de pobreza, é um fedor diferente segregado pela hora reverberante, inchada.

Ouvem-se dali as ambulâncias, que percorrem as ruas da Baixa, socorrendo os que, desidratados, afogueados, cortada a respiração, se sentam no chão sem pudor ou desabam no empedrado. Geralmente são velhos ou pessoas que passam mal e não aguentam a violência daquele tempo.

O Livre Pensador — assim o imagino — diz à empregada, cuja bata está a necessitar de substituição, que mande entrar o doente seguinte. «Ainda há muitos?» «Oh se há, senhor doutor, parece que lhe caíram hoje aqui como moscas.»

«Se eu tivesse de viver desta minha medicina, estava bem arranjado, o que me vale ainda é a Companhia de Seguros.»

Este homem franco, impetuoso, às vezes colérico, às vezes eloquente, faz uma medicina modesta, conciliatória, a descair para o tradicional. Nem a sua clientela poderia pagar remédios muito caros, só que às vezes tem mesmo de ser.

Este agora é um reformado, queixa-se de dores em todo o corpo e de não ser capaz de respirar. Que há-de dar-lhe? Boas palavras e aspirina. Piores são os casos dos desempregados, ou dos que sobrevivem com salários em atraso, como estroutro, que mal tem forças para se revoltar, mas deita ódio pelos olhos; e o médico terá de dar-lhe ao menos umas vitaminas, das amostras, que recebe, mais o conforto da sua concordância e logo que ele sair, telefonar à empregada: que não leve nada a este senhor. «Mas eu venho preparado.» «Pois, mas o sr. doutor não quer receber.»

Depois, é a tragédia sem gritos das mães com muitos filhos, o desespero manso, a confissão da fome — não a fome total; a mesquinha fome corriqueira, quotidiana, que mata devagar ou gera enfezados e débeis mentais. O Livre Pensador limpa o monco às crianças, tira e põe os óculos, nervosamente, receita, mas para que irão sequer aviar as receitas? Precisavam era de comer.

Alguns doentes não podem esperar, queixam-se à empregada, são os que já ali chegam a oscilar, quase sem voz, ressequidos, tontos de calor. «Chame depressa o 115. Este senhor tem de ser hospitalizado, já. Aqui não temos condições para lhe acudir como deve ser.» Bebem um copo de água e encostam-se à parede da sua fraqueza, da sua miséria, da desrazão que os cerca.

Nesta mesma cadeira, onde desfalece o desgraçado a quem molho as fontes e meço as pulsações, esteve há quase vinte anos sentado aquele homem, com uma bala num ombro e a quem a dor não descompunha a face, que se encontrava em tal estado por ter resistido ao fascismo. Um clandestino. Eu sabia bem, se sabia, tudo o que

arriscava, mas foi com satisfação que o tratei; aquilo sim vinha iluminar o meu pacato dia-a-dia, esbracejante, mas inofensivo. É com orgulho que recordo essa tarde.

«Sr. Doutor, estão a fazer apelos pela rádio e a dar instruções. Aconselham as pessoas mais fracas e mais idosas a não saírem à rua, a não ser por motivos de força maior.»

«Traga cá o aparelho.»

O calor, ao que parece, estará a favorecer os roubos de esticão. Como anda menos gente por fora e não se vê polícia, os ladrões pululam. A rádio fala em assaltos à mão armada, aconselha cuidado, essa agora! Cuidado. Como?

O Livre Pensador abre a janela — já só falta uma doente —, de onde raio vem este cheiro pestilento?, das sarjetas? da caca de cão, do interior das próprias casas? Restos de peixe, apodrecido? Dejectos?

Calou-se por completo o soluço da água no chafariz fronteiro. Ah, se ela se acaba é que vai ser bonito. Entra pela janela a baforada daquele caloraço, uma autêntica chama. E já a noite se aproxima. Há décadas de sangue no horizonte, sobre os telhados, sobre os cais, sobre a mastreação das fragatas. A roupa nua, estendida, sem cerimónia, nas janelas das frontarias, ficou poeirenta, mais cinza do que branca. As plantas, amarelas, devem estar a agonizar, em seus vasos. Que vai ser dos pobres pássaros, cuja postura é já de morte, dentro das gaiolas? Os pesados cílios da tarde batem contra estranhas nuvens encarnadas, carnívoras, que se chocam, se entredevoram.

A mocinha que entretanto entrou, sem ruído, torce as mãos, humedece os lábios. É costureira de alfaiate. «Julguei que já não havia disso.» «Trabalho com o meu pai. Ele saiu de uma loja boa e trouxe a freguesia, estabeleceu-se em casa, leva menos dinheiro, mas ganha melhor, eu e a minha mãe ajudamos.» «E o que é que a traz aqui?» «A mesma vacilação, uma relutância em falar que a punha toda trémula e corada. Mas acaba por explicar: mal-estar, ardores, um corrimento vaginal muito esquisito . . . «Bem, eu não sou ginecologista, nem urologista, mas vamos lá a ver.»

Deve ter a idade da minha filha e está tão nervosa, coitadita.

Parecia evidente, ao simples olhar. Para mais, o ácido acético, deitado na urina, revelou filamentos de pus. «É grave, sr. doutor?» «Não, é uma blenorragia, não sabes o que é? Um esquentamento, e dos valentes.» «Não pode ser, sr. doutor, não pode ser, eu só tenho relações com o meu namorado.» «Pois, ele é que tem com certeza outras relações. Deixe lá, isto cura-se num instante. Tem é que fazer uma análise, para lhe darmos o antibiótico indicado. Mas o seu rapaz também precisa de se tratar.» «Antibiótico? E será muito caro?» «Depende.»

Aquele sorriso de desespero corta-o por dentro. «Deixe lá, talvez eu tenha para aí umas amostras, vê esta gaveta cheia? Vá, anime-se, isso não é nada. Vá já amanhã fazer a análise.»

Se for necessário, empresto-lhe mesmo o dinheiro. Nunca a minha filha me tocou em questões sexuais e é provável que já tenha vivido o que não viveram tantas mulheres de trinta anos que engordam na estufa de casamentos sossegados.

Por volta dos catorze é que ela começou a contestá-lo (era até aí tão carinhosa), a encolher os ombros ou mesmo a troçá-lo se, à mesa, ele se entusiasmava com alguma ideia, a rejeitar os seus valores. Antes disso iam juntos ao cinema, só os dois, quando a mãe se sentia indisposta, o que era frequente, e davam grandes passeios na sua velha carripana, ela a pedir mais velocidade, ele, o jacobino, com o credo na boca, não podia mesmo trazer carga mais preciosa.

«Bem, sr. doutor, disse a jovem, então quando é que cá volto?»

«Logo que tenha a análise. E não perca tempo.»

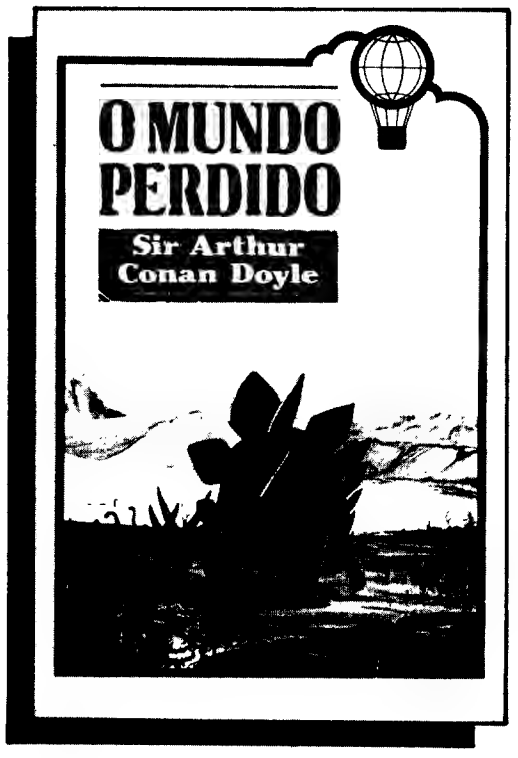
Como de costume, já passa das nove. A empregada está impaciente, muito hirta na sua secretária, na sala de espera agora vazia.

«Pronto, acabou o seu purgatório.»

O calor não abrandou. As luzes, prematuras, no rio, misturam-se com os restos de sol, que têm a vitalidade da seiva e do fogo. É a primeira vez que aquela paisagem não o acalma. São suaves, para o Livre Pensador, os barcos iluminados, as pedrarias do Tejo. Esta noite não. Vê apenas, nessas luzes, uma cabeleira de raivas.

A Vaga de Calor
Urbano Tavares Rodrigues
Ed. Publicações Europa-América

VOLTA AO MUNDO
UMA COLECÇÃO JUVENIL A NÃO PERDER!



Obras de consagrados autores para os jovens dos 9 aos 16 anos

Títulos já publicados:

— **Momo**
Michael Ende
— **As Aventuras de Cebolinho**
Gianni Rodari
— **Sexta-Feira ou a Vida Selvagem**
Michel Tournier
— **A Guerra do Fogo**
J H Rosny-Aîné
— **A Ilha do Tesouro**
R L. Stevenson
— **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**
Lewis Carroll
— **Os Tripodes I, As Montanhas Brancas**
John Christopher
— **Os Tripodes II, A Cidade de Ouro e Chumbo**
John Christopher
— **Os Tripodes III, O Poço de Fogo**
John Christopher

Este mês mais um título:

O MUNDO PERDIDO
SIR ARTHUR CONAN DOYLE

Do famoso criador de Sherlock Holmes. uma aventura emocionante num mundo aterrador de monstros pré-históricos.

um lançamento
EDITORIAL PRESENÇA
Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA Telef. 73 41 91

Subitamente, a chuva

Foi um dia destes ao cair da tarde: de repente, a chuva. A pequena multidão que saía da bocarra do Metro, ali no Marquês de Pombal, olhava, indecisa e admirada, as grossas e calmas gotas de água despejadas lá do cimo sem qualquer pressa.

Primeiro, as pessoas hesitavam. Depois, olhavam umas para as outras. De seguida, reagiam de acordo com o que lhes ia na alma. Era vê-las, então: umas corriam a abrigar-se onde podiam; outras praguejavam («Que raio de tempo! Chuva, vejam lá!»); outras ainda encolhiam os ombros e seguiam o seu caminho, indiferentes, deixando-se acariciar pela suave dádiva do fim da tarde...

...E no entanto o que me chamou mais a atenção foi o ar feliz de um jovem casal — igual na aparência a tantos jovens casais que povoam esta Lisboa desajeitada e bonita — que, parado no meio da relva, bebia com sofreguidão aquelas saborosas gotas de água que ensopavam sem, cerimónia o chão quente e ressequido.

Ele e ela riam, despreocupados. Sabiam aproveitar o que de insólito a cidade, quase sempre desumana, lhes dava de mão beijada. E deliciavam-se saboreando aquele cheiro, estranho e bom, a terra de repente húmida.

«Aqueles parecem malucos» — ouvia-se, entretanto, nos olhares das pessoas que, apressadas, passavam ali ao lado. E aquele par de loucos sadios, sem reparar nos olhos vagamente acusadores dos passantes, roupas molhadas e mãos dadas, limitava-se a gozar o fim de tarde diferente, olhos fixos no sol-laranja-enorme que começava a ser invadido pelas nuvens prenhes de água.

Já na Rua Joaquim António de Aguiar — por onde tive de passar pouco tempo depois — os carros deslizavam no pavimento de visgo. Inevitáveis, pequenos desastres — melhor, pequenos embates — surgiram. Discussões, buzinas a tocar, nervos em pé, insultos.

Sentado na relva, sem dar por nada, o jovem casal de loucos continuava de mãos dadas e de olhos nos olhos. Um casal feliz que sabia aproveitar o que a cidade lhes dava de mão beijada. Para quando esta loucura por toda a cidade?

Ribeiro Cardoso

Almeida Faria: «Gostava de ser escritor profissional»

DENTRO de dias a Caminho vai lançar nova edição, revista, de «Cortes», o segundo de uma série de quatro romances de Almeida Faria «acerca de uma família portuguesa, dividida entre o Alentejo e Lisboa, antes, durante e depois do 25 de Abril».

Primeiro foi a reedição desse êxito chamado «Paixão». Agora é a vez de «Cortes». Logo depois será «Lusitânia». E mais tarde «Cavaleiro Andante». Isto é: a Caminho vai reeditar a «Tetralogia Lusitana», título dos quatro romances de Almada Faria, escritor, português, de 43 anos de idade que desmultiplica o seu talento e as suas energias por várias frentes, pois viver, em Portugal, apenas da literatura é coisa complicada, como ele próprio nos disse ao longo de uma conversa informal sobre «Cortes».

Por este romance começámos. Porquê este título?

«Antes do mais devo confessar que não é um bom título» — avançou Almeida Faria. «Porquê? Bom, porque não é nada comercial, não é atraente, pelo contrário, é mesmo um título, que as pessoas em geral não gostam... Além disso as pessoas nem sabem bem como se pronuncia — se Córtes, se Côrtes...»

E como é, na realidade?

«É Córtes. Olhe, aqui está um exemplo de como os acentos ortográficos fazem falta. Pois, o acordo... Mas voltando à sua pergunta, escolhi este título porque na verdade o livro trata de um corte com o passado. Ou melhor: trata de uma série de cortes, um deles até violento, ainda que simbólico, contra o antigo regime. A acção passa-se nas vésperas do 25 de Abril.»

Certo. Mas de que trata o livro?

«Tudo se passa num sábado, 13 de Abril de 74, dia em que há dois acontecimentos relativamente importantes. No primeiro, o herói da história, um adolescente, estudante, tem um conflito violento com o pai e sai de casa, vindo para Lisboa: no segundo, o pai é morto por trabalhadores. Há como que uma espécie de vigança em relação a uma morte que anteriormente se havia verificad no latifúndio de que ele era o proprietário. Digamos que há quase como que um episódio de olho por olho, dente por dente. Era um latifundiário que simbolizava o antigo regime e, de certa maneira, o próprio ditador Salazar.»

Este seu romance é a continuação de «Paixão». Que ligação entre os dois?

«Bom, 'Cortes» foi pensado dialecticamente em relação à 'Paixão'. Queria fazer uma espécie de anti-'Paixão'... Quis fazer uma antítese. Enquanto «Paixão» é um livro de certo modo romântico, apaixonado, 'Cortes' é um livro mais frio, mais lúcido, se quiser, mais crítico e mais seco. As frases são mais curtas, é mais intelectualizado, apaixonando menos as pessoas, talvez, mas tudo isso feito de propósito. E há também uma curta raiva — não posso esquecer que foi o meu primeiro livro depois de Abril, onde pude usar palavras até então proibidas.

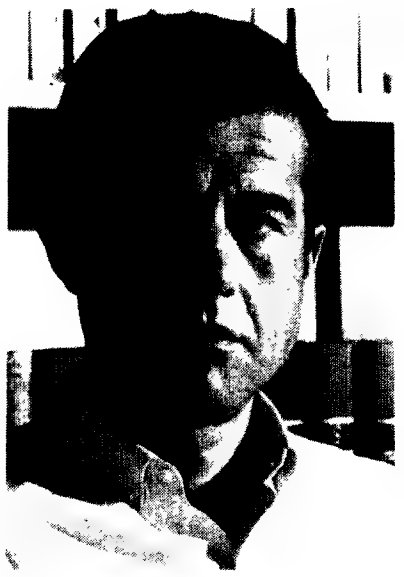
De certo modo é até um livro agressivo, onde existe raiva contra todo um regime.»

«Apesar dos seus seis livros já editados você é, digamos, muito discreto, aparece pouco, raramente dá uma entrevista. Porquê?»

«Olhe, nunca gostei de entrar nessa espécie de jogo, que hoje reconheço como necessário, de cuidar um pouco da imagem... A verdade é que nunca gostei de dar entrevistas, de aparecer em público como escritor — mesmo prejudicando-me conscientemente. No fundo não queria assumir a ideia de ser escritor, pois isso é uma definição e como tal limitativa...»

«De qualquer modo você é um escritor conhecido, com um público certo...»

«... Podia ter mais...»



«... Sim, mas dizia eu que é conhecido e tem sido traduzido em vários países. Quais?»

«Espanha (a editorial Alfaguara está a traduzir a Tetralogia Lusitana), França, Itália, Alemanha, Suécia e Hungria.»

«Tem algum livro novo na forja?»

«Na forja não direi. Estou a trabalhar, devagarinho, nos meus tempos livres, num novo livro que só devo publicar em fins de 87 ou mesmo em 88.»

«Já tem título?»

«Tem, mas não digo... Posso mudar de ideias, podem 'roubar-mo', pode dar azar... Só digo o título à última hora.

«Mas pode dizer qual a ideia-base desse novo livro em que está a trabalhar. Ou não?»

«Isso posso. Trata-se de um romance muito erótico e ao mesmo tempo muito picaresco. Fala das aventuras de um personagem cuja missão na terra é fazer feliz o outro sexo. Um altruísta, ao fim e ao cabo.

■ Enquanto o seu romance «Cortes» conhece a terceira edição, o autor trabalha num livro «muito erótico e picaresco»

E não avanço com mais nada...»

«Isso de fazer feliz o outro sexo é bom. Fico a aguardar com expectativa...Olhe, há pouco disse que está a trabalhar nesse novo livro «devagarinho, nos tempos livres». Isto é: você não é escritor profissional. Não vive da escrita. Porquê? Em Portugal isso não é possível?»

«No nosso país só depois de uma certa idade é que alguns podem ser escritores profissionais. Só meia dúziade prosadores - poetas nem é bom pensar. Quando chegar à idade média deles - aí pelos sessenta e tal - talvez possa ser escritor profissional».

«Gostava de ser?»

«Escritor profissional? Claro, gostava e muito. Essa de resto seria a situação normal para uma pessoa que gosta de escrever.

E é o que acontece em muitos países...Aqui é que a coisa é um bocado mais complicada».

«Você é, em Portugal, o Presidente do Pen-Club...»

»...Infelizmente».

«Infelizmente?»

«Porque me faz perder muito tempo. Claro: trata-se de uma actividade necessária e respeitável, mas faz-me perder muito tempo.

Aos 43 anos era melhor concentrar-me naquilo que para mim é mais importante: escrever. Seria bom que outras pessoas começassem a ocupar-se dessas tarefas, que têm e devem continuar».

«O que é exactamente o Pen-Club?»

«Uma associação mundial de escritores que existe há 60 anos.

Em Portugal, contudo, só depois do 25 de Abril pudemos fundar uma secção portuguesa, que, como é óbvio, não quer nem pode fazer concorrência à Associação de Escritores. Os fins são diferentes...»

»...Quais?»

«Fundamentalmente dois: defesa da liberdade de expressão e dos escritores presos (em Portugal felizmente não os há); divulgação da nossa literatura no estrangeiro.

«O que é que o Pen-Club tem feito no nosso país?»

«Em primeiro lugar, criámos quatro prémios literários - de poesia, ensaio, ficção e tradução (este é único em Portugal). Apesar das verbas serem relativamente pequenas, têm sido bem atribuídas e criaram prestígio próprio. Já o receberam o José Saramago (duas vezes), Vergílio Ferreira, Agustina Bessa Luís, Eduardo Lourenço, entre outros. Além disso propomos todos os anos um candidato ao Prémio Nobel, pois somos a única entidade portuguesa consultada pela Academia Sueca. Por fim, procuramos divulgar a nossa literatura no estrangeiro, tendo até agora conseguido editar, não muitos, infelizmente, mas alguns poetas, noutras línguas. Se tivéssemos mais disponibilidades financeiras mais faríamos... Mas isso é um trabalho de longo curso que não se pode fazer de um dia para o outro».

Ribeiro Cardoso

Cinco poemas de Giuseppe Ungaretti

Giuseppe Ungaretti nasceu na cidade de Alexandria (Egipto), em 1888, de pais toscanos. Estudou na Sorbonne, e em Paris toma contacto com os movimentos de vanguarda. Torna-se amigo de Apollinaire, Gide, Palazzeschi. Este último convida-o a publicar os seus primeiros poemas na revista «LACERBA», onde pontificavam nomes como os de Papini, Soffici, etc.. Foi soldado na frente del Carso e em Champagne até 1918. Instalou-se em Roma e em 1936 aceita a cátedra de Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo, no Brasil. Depois da guerra, em 1943, regressa a Itália onde será professor de Literatura Moderna e Contemporânea na Universidade de Roma. O editor Mondadori publica toda a sua obra — com o significativo título de **Vita d'un Uomo** — dividida em três partes:
POESIA: L'Allegria, Sentimento del Tempo, Poesia Disperse, Il Dolore, La Terra Promessa, Un Grido e Paessaggi, Il Taccuino del Vecchio; TRADUÇÕES: 40 Sonetti di Shakespeare, Da Góngora e da Mallarmé, Fedra di Jean Racine, Visioni di William Blake; PROSA DE VIAGENS E ENSAIOS: Le Deserto e Dopo.

Em 1971, as Publicações Dom Quixote publicaram nos seus Cadernos de Poesia com o título «Sentimento do Tempo», uma selecção e tradução de poemas feita por Orlando de Carvalho.

Morre em 1970.

Noite Esplendorosa

Devetachi, 24 de Agosto de 1916

Que canto se elevou esta noite
que entretece
com cristalino eco do coração
as estrelas

Que festa ou jogos de água
no coração em núpcias

Imerso
vivi num pântano de negrume

Agora sugo
como uma criança a teta
o espaço

Agora estou ébrio
de universo

Gruta Nocturna

Napoli, 26 de Dezembro de 1916

O rosto
desta noite
é seco
como um
pergaminho

Este adunco
nómada
macio de neve
desprende-se
como uma folha
encarquilhada

O interminável
tempo
desvanece-me
como um
murmúrio

Atrito

Locvizza, 28 de Setembro de 1916

Com a minha fome de lobo
amaino
o meu corpo de ovelhinha

Sou como
a mísera barca
e como o libidinoso oceano

Universo

Devetachi, 24 de Agosto de 1916

Com o mar
fiz-me
um ataúde
de frescura

Sonho

Vallone, 17 de Agosto de 1917

Esta noite
sonhei
uma
planície
estriada
de frescura

Em véus
variáveis
de azul
oiro
alga

Tradução do italiano por Luís Pignatelli

Clip

Mário Neves/em espanhol

A Editora Regional de Extremadura, espanhola, acaba de editar «La Matanza de Badajoz», tradução de «A Chacina de Badajoz», de Mário Neves. Mário Neves, que se deslocara a Espanha em reportagem, escreveu o seu relato sobre os acontecimentos de Agosto de 1936 no regresso a Portugal — e esse relato revelou à opinião pública um massacre ignorado da guerra civil espanhola.

Cinatti no Centro de Reflexão Cristã

O Centro de Reflexão Cristã promove esta noite uma sessão sobre Ruy Cinatti, recentemente falecido. Na sessão, que tem lugar na sede do Centro, participa José Blanc de Portugal, que foi, com Cinatti, um dos fundadores dos «Cadernos de Poesia».

Eugénio Lisboa, poeta

■ Breve nota sobre "A matéria sensível"

A Matéria Sensível, de Eugénio Lisboa, é uma edição de Peregrinação e o livro data já do ano passado. Peregrinação, para quem não sabia, é praticamente o mesmo que Fundação Cultural dos Emigrantes (denominação recentemente alterada para Fundação Cultural da Diáspora Portuguesa), e nome também duma revista de artes e letras. Não cabe aqui falar da revista. A editora tem publicado originais de autores portugueses radicados no estrangeiro — José David Rosa, José Brites, Urbino de Sampaio, Fernando Morais, Inês Sarre, Amândio Sousa Dantes, Luís Carmelo, Eduardo Mayone Dias. Os livros têm sido muito comentados pelo nosso jornalismo literário, e quem está fora dele — fora do meio onde estas coisas sempre têm um mínimo de repercussão, embora por vezes não transpareça —, terá alguma dificuldade em saber se tal silêncio significa menos apreço ou se apenas se deve àquela habitual mas estranha indisponibilidade para os que estão «de fora», provocada (tal indisponibilidade) pelos também habituais e não menos estranhos excessos de zelo aplicados nas tarefas de promoção dos mais próximos. É certo que nem todos os textos que a *Peregrinação* até agora nos propôs justificam, só por eles, uma atenção desmedida. Mas a importância da Peregrinação estará um tanto acima da dos autores e livros, que tem vindo a propor — de cada um ou de todos, autores e livros. Que nos conste, não há precedentes para esta iniciativa (que é jornalística, antes de editorial, e cultural, mais ampla e também caracterizadamente). Tem-se talvez acreditado pouco no alcance que a iniciativa possa ter. A designação «literatura da emigração» era porventura ambiciosa de mais na sua denotação imediata, e as primeiras realizações editorais produziram uma relativa frustração. Diga-se, porém, que a programação tem vindo a melhorar acentuadamente. E a publicação deste livro de Eugénio Lisboa é certamente significativa de tal melhoria. O que, por conta do interesse do projecto editorial (de novo, jornalístico e cultural, etc.) que está a realizar-se, justifica alguma atenção, ainda que cerca de um ano depois de o livro ter sido publicado.

Eugénio Lisboa é uma referência relativamente fácil de situar. Associamo-lo primeiro a Moçambique, onde viveu quase sempre, até meados da década de 70, e trabalhou muito, principalmente no campo da crítica literária. Serão pouco conhecidos, ainda hoje, em Portugal, os seus dois volumes de *Crónicas dos Anos da Peste*, que um dia hão-de ter, certamente, edição e divulgação de acordo com a importância que se lhes reconhece. Serão mais conhecidos os trabalhos dele sobre José Régio, o «segundo modernismo» (*Presença*), — área de interesse a que o seu labor mais se tem dedicado. Como poeta (ou escritor de versos, se preferirmos), EL será menos conhecido. Mas talvez somente pelo facto de nunca ter publicado um conjunto de poemas em forma de livro. Nem por isso, porém, Manuel Ferreira deixa de o incluir no terceiro volume da sua antologia *No Reino de Caliban*, publicado no ano passado preenchido com produção moçambicana, ou de Moçambique. EL está aí representado com sete poemas inicialmente publicados em jornais e revistas, e é pelo menos interessante assinalar aqui a sua localização: na década de 70, a seguir a Caetano de Sousa e a Eduardo Pitta, e antes de Grabato Dias, Heliodoro Baptista, Leite de Vasconcelos, ou, para trocarmos simples menção de nomes por um mínimo de periodologia, no âmbito de *Caliban*, e entre «algumas revelações», na década passada.

A Matéria Sensível é, pois, uma revelação em livro, e os 40 poemas que o constituem permitirão, certamente, uma ideia acerca do que se trata, a poesia que EL faz a importância e o significado desta poesia.

Uma ideia um tanto vaga: estão aqui alguns dos temas e os tópicos clássicos (para não dizermos tradicionais, ou convencionais) — a vida, o mundo, a experiência da vida e do mundo, a existência, a mudança, o tempo, a cultura, etc., — tratados numa linguagem da modernidade, e naturalmente, também, ou antes de mais, com uma apreciável competência poética (noção com a qual significaríamos todo aquele saber e, principalmente, saber fazer, de ordem técnica, de que ninguém disso destituído pode iludir, na escrita, a própria destituição, assim como todos os dotados disso raramente não revelam tal dotação, ainda que por vezes o trabalho que fazem seja um tanto negligente).

Outra ideia. Esta poesia filia-se em várias tradições. Seria fácil identificar algumas dessas tradições no contexto de referências da moderna poesia portuguesa, designadamente naquelas figuras às quais EL tem dedicado grande parte da sua aplicação de comentador e crítico — José Régio, mas sobretudo Jorge de Sena. O contexto, porém, é bem mais vasto do que isso, e nele cabem não só uma figura tutelar como Fernando Pessoa, mas também os clássicos, e tanto portugueses como outros.

As grandes opções temáticas, digamos assim, e as suas assumpções poema a poema é isso que sugerem, desde logo. O livro compõe-se de três partes: *Os Mortos* (é o título do primeiro poema, e começa assim: *«Os mortos, mais do que os vivos, estão vivos./Surgem fortes, intensos, aparecem,/depurados e cheios de motivos* (...), *Intervalo* e *Motivos*. Assunto de alguns poemas do primeiro conjunto são, por exemplo, Pompeu (a morte de), Veneza, Petrónio (a morte de), Pessoa, Sena, Reinaldo Ferreira, Port-Royal (de Montherlant), Marco Aurélio, Picasso, Camões, Pisa, Florença, Henrique de Sagres — um pequeno mas significativo número de referências clássicas ou classizantes. A indicação de onde quando os poemas foram escritos sugere vivência e experiência cultural. Excluindo a hipótese de exibicionismo ou mundanismo — que não há quaisquer razões para admitir sequer —, eis um motivo de interesse que não é apenas suplementar, porque entra indispensavelmente no processo da significação e informa a produção do significado de praticamente todos os poemas.

O mesmo se dirá da sequência *Intervalo* e *Morituri* (os que vão morrer, traduza-se).

Intervalo, entretanto, inclui um texto em prosa a que se deve prestar atenção. Poderia ser uma autopoética, mas é apenas um apontamento contributivo para uma autopoética, e daí a sua localização. Um excerto dará ideia, talvez dos problemas (temáticos, assumptivos) com que esta poesia se debate:

«Procuro, exactas, as palavras de que preciso, isto é, as palavras que não me vão servir. O que preciso é aquilo de que não preciso. Só me serve o que não me serve. Faltar é triunfar. Conseguir é ficar parado. Triunfar é definitivamente perder. Pratiquemos, meticulosamente, a arte de procurar, exactas, as palavras que não são.»

São claros os prendimentos desta poesia à poética pessoana. Cabe então aqui o poema justamente titulado *Fernando Pessoa*. Está na secção *Os Mortos* e é assim:

«Poeta do silêncio e da elipse/ assexuado bicho astral/ mistério intangível do eclipse/ filho da neve que faz mal/ anarquista sorrindo em itálico/ abúlico gigante encalhado/ artesão do verbo metálico/ arquitecto do inacabado/ e da grandeza que está pr'haver/ poeta da merda de ser lúcido/ fausto do ofício de promover/ a vertigem do caos translúcido/ argonauta à mesa do café/ fanado menino da sua mãe/ estatelado Fernando mas de pé/ glória adiada p'ra depois de além/ eterno diferido morto futuro/ paranóico mensageiro do império/ – teus versos leio e me saturo/ de seu claro e imortal mistério.»

A filiação ou inserção numa tradição – de preferência, talvez, a procura voluntarista do novo, da novidade, do original, da originalidade, através de qualquer mais ou menos subtil diferença, – implicaria talvez isto: uma vasta e longa variedade de soluções para os problemas que se põem na construção dos poemas. Pressente-se que a feitura das peças que aqui estão se terá debatido com tendências dispersivas. Mas é visível – e é visível que resultou – a tentativa de encontrar uma síúntese expressiva e talvez mesmo um estilo, a partir de tal síntese, e apontando para um projecto realizável nos domínios duma relativa autonomia. Para já, EL labora com algum à-vontade, num médio fôlego discursivo, poemas de extensão relativamente curta. Mas o seu processo verbal prejudica-se nos efeitos por causa de expedientes demasiado fáceis (a rima, por exemplo), recursos verbais talvez um tanto saturados (desde logo o vocabulário, e, depois, imagens, metáforas), ou nexos distensivos de mais para suportarem consequentemente a carga de alguns bons investimentos semânticos.

Mas isto talvez se explique pelo carácter antológico do livro, em relação ao trabalho de escrita criativa feito por EL durante anos, e, certamente, sob influência de ascendentes diversos, com naturais reflexos na variedade, na irregularidade, e, óbvio também, nas fraquezas estilísticas que aqui se patenteiam.

O autor tem anunciado um segundo livro para sair brevemente na mesma editora. Talvez com ele se dissipem algumas dúvidas que esta excelente e inesperada revelação porventura nos deixa.

Luís de Miranda Rocha

Um é Outros
Jrupe Emigrillan
Exclusivo LerEscrever

Capítulo XIX

Sanguinetti e um fio de sangue

Roma é assim, uma metrópole de transitoriedades, de contradições. São os ritmos, os movimentos e as intensidades o que desde sempre me atraiu nesta cidade sem subtilezas. Há uma dezena de anos atrás lia eu sofregamente um texto de Sanguinetti, já não me lembro qual, em que dizia que ali a discussão teórica não era o mais natural, mas sim a prática, a actuação imediata e quase cega. Os brigadistas pretendiam ser a derradeira atitude política, dando o passo revolucionário que um PCI social-democratizado não podia na sua conversão. No entanto, eles eram ainda católicos e leninistas-estalinistas ortodoxamente simples e devido a isso mesmo começaram a morrer. Como disse o Eco, o Estado não tem coração, logo não se pode atingi-lo. Está tudo nas periferias, Roma é um anelamento de periferias.

Impossível alguém fixar-se por aqui. Tudo escorre por estas ruas. Não há nada que se contenha, que acumule impulsos. E a verdade, grandesíssima porra, é que tive uma ejaculação precoce na primeira noite que cá passei. Mas também não era por menos: o haxixe que me tinham vendido pouco antes era bastante mau. Com uma bruta dor de cabeça, só acordei muito tarde na manhã seguinte. A tipa já lá não estava e antes de partir teve o cuidado de me procurar os bolsos, mas claro que não encontrou nada.

Mas qual não é a minha surpresa quando topo nas calças mais um exemplar dessa forma minimal de comunicação: um bilhete. «Chego amanhã. Felicidades». Já tinha o dia estragado, estava visto. Saí e meti-me no primeiro buraco que vi. Comecei por três cafés, depois fui para outro lado e meti-me nas cervejas. Não sabia bem que postura tomar, a de quem espera ou a de quem procura ocupar os dias. Por enquanto ritualizava alguns gestos segundo uns quantos objectos inessenciais, o copo, o cigarro, os jornais: parecia que me entretinha como se faz com os pequenos momentos de intercalação das coisas, portanto não esperava nem pretendia achar actividade possível. Indecidia-me ao longo das horas. E claro que acabei fazendo-me notado.

Em Roma toda a gente faz algo, mesmo que não faça sentido algum para o seu próximo. Ora, eu nem sequer bebia para beber. Um tipo que estava no bar ficou-se a olhar para mim. Enfim, pensei primeiro que a minha não italienidade se havia demonstrado, depois, com a insistência já incómoda, que ele era um desses bichas romanos que só se sabe que o são no último e trágico instante. Mas não, porque a sua inércia não tinha nada de estratégico. Quando me resolvi a sair abordou-me: «Você não vai fazer nenhuma asneira, pois não?» Fiquei em estado de choque. Repara-se assim tanto na minha cara a vontade que tenho de desaparecer, pluf?

Mas que diabos, os italianos são um povo que ama o desmedido, que se apaixona pela vertigem, pelo excesso, enfim, pela morte. O suicídio não lhe é estranho. E vem este preocupar-se com o meu estado de espírito? «Não, o que eu quero menos agora é matar-me. Tenho que descobrir qualquer coisa que me anda a preocupar, mas também quero fugir a essa descoberta. Mas seja como for você não tem nada com isso, não é?»

«O meu amigo está muito baralhado. Oiça só este meu conselho que tenho de me ir embora: o Deus-cão é apenas uma...» E não chegou a terminar, porque alguém se aproximou, ameaçador, e o desconhecido arrancou pelo passeio abaixo sem sequer voltar os olhos para trás. Fiquei plantado, porque entretanto também já não sabia do outro. Resolução dramática: voltei para dentro e bebi mais uma cerveja.

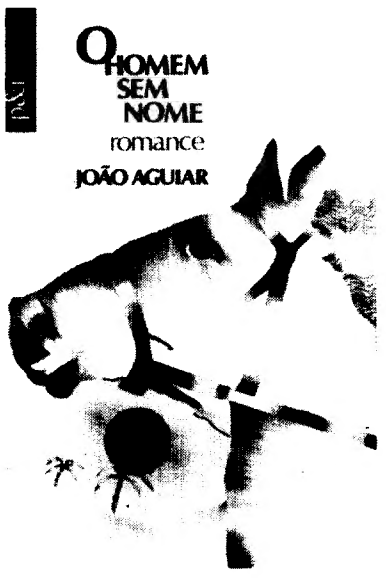
E pronto, não fui ver o Papa. Nem o Vaticano. Nem a Cinecitá. Simplesmente, não tinha disposição de turista. No meio da tarde passeava pela parte mais miserável da cidade (enfim, são gostos) quando de um carro que passou a toda a velocidade mesmo a meu lado saiu metralha e do outro lado da rua tombou um homem. Corri e era o tal da ameaça. Saía-lhe um fio de sangue pela boca, e balbuciava, os olhos revirando-se para dentro: «Deus-cão, Deus-cão, Deus-cão...» Até tudo acabar, com um vómito escuro.

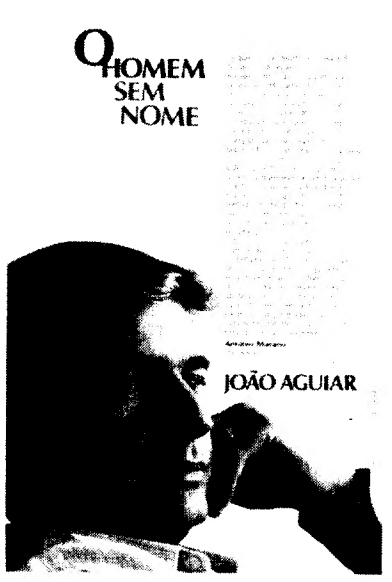
No dia a seguir plantei-me no aeroporto, e aguentei. Ao princípio da tarde alguém trazia um cartão com o meu nome. Era uma mulher, eu não conhecia. Correu para mim e abraçou-me: «Olá querido, ficás-te bem?» O que é que eu podia dizer com um par forte de ancas e duas coxas decididas a tolherem-me as reacções?

Continua)

Lemos para si

«O homem sem nome», João Aguiar, Perspectivas [1] Realidades.





«— DE modo algum Rashid: esta época parece-te um tempo de dissolução e decadência, mas no tempo dos teus sucessores, os homens do Erkorum pensarão nela como a sua época heróica, o período arcaico das origens, o paraíso primordial ou, mais simplesmente, os bons velhos tempos.»

Todas as coisas simples, transparentes, cristalinas como as águas de outros tempos, roçam — quando não têm pretensões — o génio. Não esse palavrão mais ou menos intelectualizado que denomina — ou pretende — os que anseiam posteridade, os dementes que confundem a loucura com pensamentos sublimes, e que servem de jogos de quebra-cabeças aos despersonalizados alunos de cursos de letras (alguns entenda-se:).

Esse génio de que se fala é o da perfeição, é um estado de graça (humaníssima), que se ganha com os pulsos do tempo, da perseverança, da aplicação. Este romance pertence a esse tipo raro de coisas perfeitas.

Os homens podem — se quiserem — muito mais do que julgam, tudo está dependente da intuição e das aventuras que se acometem.

«O homem sem nome», não é um homem vulgar, é da família dos deuses, mas porque quis descer à terra em peles de trovador-poeta sujeitou-se — mesmo sendo deus e porque o era — às leis do mundo. É que nem os etéreos podem transformar o que criaram e a sua sacralidade obriga por questões de honestidade a realizar sem erros e limpamente os papéis mortais que escolheram representar.

«Toth» veio como observador imparcial beber dos tormentos humanmos, dos intricados monopólios que se jogam com peças de carne e osso. Veio perceber melhor como se definem, decidem, os futuros pelos efeitos inconscientes ou não, da comunicação, As palavras pesam, já se sabe:, agora, o que continua a ser muito importante é que elas moldam, mesmo quando não se entendem bem, e mais: usadas por alguns tomam o estranho poder de encantar massas, levá-las flutuando ao sabor de objectivos ventos de interesse próprio.

«O homem sem nome» é um mito, das origens e dos presentes, quer dizer é um tempo estático, E como mito é contado com ingenuidade, história de crianças, para adultos. E é uma história de crianças porque elas são a representação real desta idade pré-reflexiva, não necessitam de manejar símbolos porque os criam e vivem...

Num espaço imaginário, com homens e poderes e acontecimentos imaginários,. constróem-se sonhos por escrito que são do mais puro real. Os sonhos são a única manifestação não controlada, aceite pelas pessoas. São materiais pouco críveis, mas gostosos, que deixam um misto de incompreensão e mistério, que se aceitam porque deliciam (e com isto abstraímo-nos das psicanálises).

Este livro de símbolos / signos foi feito assim, porque possibilidade actuante enquanto sonho que descansa o leitor dos quotidianos.

O mito é afinal uma verdade, que não é assim entendida. É uma brincadeira que deixa a impressão de algo importante que se pode recriar. João Aguiar começa a revelar-se um magnífico trovador andante pelos caminhos do fantástico, tocando a mais pura das guitarras, sons aveludados, arrepiantes, celestiais. Caso sério...

Neste jardim desleixado, em que impera a grande preocupação de brilhar com metais enferrujados, onde ainda se cultuam (símbolos pátrios) sentimentos e emoções que morreram de tédio há muito nos outros povos, onde se desenvolvem teorias de ideários de cavalaria (:) feudais com vestes livre-pensantes, onde os principiantes se amarfanham para ter as mesmas rmas falsas dos que se pavoneiam na praça, sabe bem, ouvir contar uma estória-História sem intenções de cântico. Motivam-se as vontades a subverter as regras do jogo, desenterrando os machados de guerra do fantástico e fazendo como esse imperador do reino imaginário de Khrâm, Ahyat III, que quando algum conspirador reaccionário, em sussurros de salão, lhe pedia apoio político, ou simplesmente conselhos para o golpe que planeava, dava como resposta um profundíssimo, sapiente e inteligentemente estudado: «Blébléblébléblébléblé:»

E para aqueles que aceitam a demagogia de um existir de pactos preguiçosos como os outros, talvez um: «Guziguziguziguziguzi», lhes ajude a ver a figura ridícula que cometem todos os santos dias, ao aceitar inquestionadamente (des)ordens dos seus chefes de repartição.

«O homem sem nome» é um acontecimento do nosso meio literário que não será comcerteza ofuscado por outros igualmente grandiosos acontecimentos deste final de ano. As coisas começam a querer dar sinal de vida. Ainda mal balbuciam, mas já sorriem.

E ganham pontos aqueles que detestam os brilhos do salão...

Luís Guilherme Robalo

«Palavras Sem Voz», Vasco Branco, Ulmeiro

UM livro que apetece exaustivamente discutir é este «Palavras Sem Voz» de Vasco Branco. Porquê? Pela riqueza dos temas abordados e pela poética prosa com que se apresentam.

Tudo é magicamente descrito nesta prosa onde a palavra nos atinge em ofuscantes cintilações metafóricas se a beleza fosse o **quid** do autor que em pequenas estórias nos desvenda um quotidiano doidamente perspectivado em argutos retratos marcados pelo fogo — a plástica e ardente alma de um narrador impessoal ou intimista.

Queimam-nos os contos deste «Palavras Sem Voz» e, contudo, não é só emotividade a sua voz. Não! Ela é uma riquíssima reflexão do circundante. Da relação do Eu/Nós com o englobante. Passo a citar: «Sou enquanto me escrevo esta a única certeza que me separa de vós que me aproxima de vós do vosso tempo curtíssimo é sempre ínfimo o tempo já vivido mas eu falava de liberdade ou de verdade que a ela conduz à liberdade inteira (...) paradigma por inventar nunca existiu não existe (...) talvez que nem imaginar se possa faltam-me tantas coordenadas!»

No texto citado é clara a vocação filosofante do autor, do escritor que pela escrita consegue a mediação tão necessária ao estar vivo. É também clara a sua lúcida consciência da inexistente liberdade — o tal paradigma por inventar porque o homem é ditado pelo envolvente. Falseado ao nascer!

Incapaz de ser plenamente, de criar o paradigma ético fundamental, é o homem um criador de paradigmas perigosos. Destruidores! Exemplo disso é o modelo atómico de Hiroshima, di-lo o autor sem esquecer o longo percurso do caminhar científico. E daí o facto de o escutarmos: «No pátio o einstein estúpido como qualquer quadrúpede tão estúpido que julga enganar-me com aquela bata branca sempre impecável». Ou: «um sol de deslumbramento abriu-se em flor e germinou uma vez em hiroshima hima hima hima».

Perdida está a espécie humana e, por isso, até os contestatários do progresso o fazem ostentando cartazes poluídos. Por isso, Platão está irremediavelmente relegado para um passado muito bem enterrado na impossibilidade do voltar a SER. Como se o mito do eterno retorno se revelasse só nos seus aspectos negativos. Constrangedores. Passo a citar: «A reedificada siracusa grita agora por platão só que o mistério do átomo mobiliza tudo e todos deixando o chamamento sem resposta sem eco desertos mares grutas descomunais e profundas atmosfera biosfera/e vácuo provam comprovam recomprovam a eficácia do novo brinquedo algures o nome de platão é captado pelas poderosíssimas estações de radar ninguém responde ninguém responder já não existe ninguém para responder foi sempre assim com os homens só depois inexoravelmente só muito depois se grita por platão».

No texto aparece Platão como o longínquo sonho dos homens. Como a desprezada dimensão poética do viver. Como um símbolo inapreensível porque condenada está a humanidade. E é curioso o facto de Platão ser aqui evocado como o passado a colocar no presente porque Platão é **a razão idealizada** feita filosofia. A equilibrada medida do ser. Tanto mais curioso (significativo) porque o autor nos diz ser o abandono da estética (em Platão é o governo da Cidade a principal preocupação) uma morte. A sua ao escrever: «Morreste no preciso momento em que abandonaste a arte por inútil».

A ciência e a filosofia são pensadas nestes contos em que o quotidiano se espelha. Também são pensados os conflitos bélicos, as rotineiras conversas de amigos e esposos. E, obviamente, o amor. O amor em toda a sua perfeita circularidade. Isto é: fora do tempo. Egoisticamente arredado da história porque viciado está tudo. Como se o tempo fosse o voraz espectro da possível edificação amorosa. Como se o tempo fosse o intransponível obstáculo. Passo a citar: «Só na agonia doce de fruirte (...) não quero o tempo (...) só aí na era remota da descoberta.» Ou: «Deixai-me mergulhar no rio inominado e depois secar na margem doce de qualquer tarde contigo hermeticamente fechados e fora de tudo (...) sou possuído és possuída sujos de concreto agora.»

Fisicamente sentido é o tempo neste discurso inquieto. Ávido de poesia. Da fuga à imposta espessura do manifesto. Do exigido. Por quem? Pelos outros! Pelo institucional a que somos convertidos neste imprescindível sobreviver. E é assim que o renascer para o dia se conta do seguinte modo: «Está a manhã já nascida uma manhã de virgindade irremediavelmente perdida uma simples manhã vivendo a sua hora.» E é talvez por isso que o narrador deseje o regresso ao útero materno (assim entendo o conto «Manhã Líquida»).

Como o miserabilismo da rotina pode tão poeticamente ser narrado é o que nos demonstram estes contos. De um modo belo conta-se a crueza do existir. Como se de um grito vermelho se tratasse esta fervilhante escrita que nos entra pelos olhos e queima o corpo. De um grito desafiador do tempo. Tão inabalável e consistente como a negatividade que denuncia.

Um livro a ler serenamente é este «Palavras sem Voz» porque repleto de SENDO se apresenta tudo o que nele se diz. Ele atinge no mortífero deslumbramento da palavra: efectivo corpo dialogante.

Ana Paula Portugal

«Ni Maître Ni Serviteur», Casimiro de Brito, Melusina/Luxemburgo, (Edição bilingue)

DÁ-NOS também a poesia lições sobre as coisas que fazemos, coisas tantas que por vezes nos embaraçamos em eleger uma para entretenimento da nossa atenção. Se o homem é um animal político, não deixa de ser também um animal poético — e estamos em crer que esta sua última feição o leva a um intento pedagógico que sobreleva os métodos tradicionais da transmissão do saber.

Por exemplo: quantas páginas não seriam necessárias para definir Literatura em tom ensaístico...? Muitas, certamente. Estaríamos sempre face a uma dissertação, processada ao longo de muitos parágrafos e juízos, com, no final, uma conclusão nem sempre aceite por todos os leitores.

Sem que queiramos fazer lei de um poema, précisamente intitulado «Literatura», in «Ni Maître Ni Serviteur», de Casimiro de Brito (Melusina/Euroeditor), a verdade é que o tema surge nas suas linhas essenciais, sem palavras a mais, sem palavras a menos. Como...?

Ora vejamos.

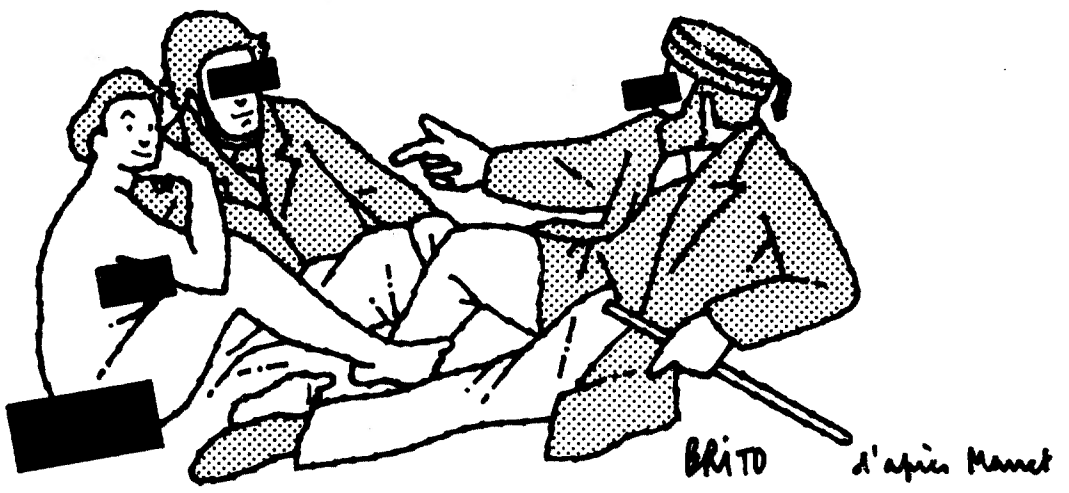
A uma eventual pergunta sobre o que é Literatura, responde o poeta em simplesmente doze versos. Assim:

«Descascai uma laranja/ O mais perfeitamente possível// Não encontrareis a diferença/ Entre forma e fundo polpa e casca// Tão pouco a perfeição se deixará captar/ Entre vossos dedos velhos// Apenas um fio/ Um rio sem fim// Tal o sangue a música do homem/ E outras matérias da literatura// Linhas infinitas/ Laranjas sem ruptura.»

Este poema mostra-nos a distância (dir-se-ia que brechtiana) sobre temas capitais da cultura. Muito seguro de si, Casimiro de Brito, à pergunta «O que é a Literatura?», dá-nos através da literatura que a poesia também é, uma resposta de carácter lapidar. Quase que numa sentença, «Literatura» (poema) pronuncia-se sobre o que é literatura. E a resposta canta no ouvido e fica na sensibilidade da nossa atenção...

Edição bilingue (português/francês), este «Ni Maître Ni Serviteur» (Nem Senhor Nem Servo) oferta-nos ainda (o que é sempre apaixonante) a oportunidade de o leitor se debruçar sobre línguas comparadas. E não é que, por vezes, uma palavra portuguesa se impõe, na sua carga poética, à palavra francesa — e um vocábulo francês é mais alado, também por vezes, ao correspondente vocábulo português...? Mas isto (cremos) é já uma outra história (aliciante) que foge ao espaço a ocupar por estas poucas linhas, as quais, não sendo s- nhoras, também não são servas.

Pedro Alvim



Soap

Soap 7

Planam as nuvens, a chuva dança, rodam ervas à volta do vento — já agora sou tão velho como deus pai, em nada diferente de mim no entanto e mais antigo. Corrijo então: que planam nuvens, que, alegre e triste, quebranto, a chuva dance, de núcleo oco, à roda, — matinal gloríola, o sol a pino, agónico entardecer menino.

Um cego tem cenestesias, tecidos para os dedos, não imagens em sentido próprio: e encalha em opacidades ditas, rima nuca com roleta; bêbado, diz; **Va banque,** jogo nos teus 21 cabelos vermelhos Jenny D.

Isso ela podia fazer por Joaquim; regressaria de Inglaterra propositadamente, agora que o Inverno se aproxima. A cegueira de Joaquim Metro era, pois, um facto.

Soap 8

Parlamentaremos: quando poderei voltar, isto é, quando poderei parar? A urgência, os atropelos da procura desse tal sítio onde me proteger de ti — aqui, proteger-me de ti é ter «tempo» para reconhecer o que nos aconteceu nestes últimos anos —, restabelecer a ordem, ordenar-me no tempo. O corpo resiste, a alma idem; a minha cabeça transborda de mãos decepadas, olhos vazados, cabeleiras, fígados, lágrimas, joelhos — inúteis —, como uma mala de porão esquecida num sótão qualquer: tenho medo de a abrir pois seria impossível fechá-la outra vez. Outra coisa: os «traveller checks» chegaram em bom estado, as compotas também; prefiro as de amora — pela cor, de sangue pisado, menstrual. Enfim, o teu... Beijos.

Soap 9

O fim da tarde, Outubro, os mesmos fins de tarde de depois da mudança da hora de quando íamos eu um ano mais velha que ele pelas papelarias à caça de horários para a colecção, mas as escolas fecharam há muito, diz há quanto fecharam as escolas?, diz lá, há tanto tempo, vão-se transformando como os cafés em estabelecimentos bancários e uma professora efectiva há quinze anos, sem marido próprio nem filhos, a tua irmã Psi, que pode fazer além de conferir a lista da lavandaria e pagar o imposto?, no rádio sempre ele Brahams, «ein deutsches Requiem», versão primitiva sonora pré-tecnológica da cegueira do mesmo Deus de Philip Dick, a mesma versão sempre a mesma da cegueira que ele escreve às escondidas naqueles cadernos, tonto!, julgas que com isso cimentas melhor todas as saídas do teu labirinto de espelhos e ainda se ele me visse nos elhos como do outro lado do vidro grande da fachada dum banco moderno, mas não, julga que ninguém lê aquilo, não sabe que não pode ocultar nada a uma mulher, à sua que ainda por cima é irmã dele, que tolo!, ora, a tua irmã, eu, Psi, vê para além de ti, sei, estou presente, uma irmã trai o seu homem para possuir qualquer coisa dele quando são irmãos, é preciso, por te passar as camisas e tomar a pílula como se fosse insulina adquiriste alguma coisa, poder, sobre mim?, como te enganas, não vês que só há traição entre irmãos, que a cumplicidade entre nós é subliminar, sem pacto nem contrato, que o que fazemos (vivemos) é ilógico?, pára de alicerçar-te nesse lugarzinho secreto onde queres ser tu-e-eu menos eu, da próxima vez que lhe apanhar o diário é isto mesmo que escrevo e não me importo que goste ou não goste, ele julga que eu penso que aqueles detestáveis cadernos de capa preta passam despercebidos, são para fazer as contas da casa diz ele, como se houvesse assim tantas contas a fazer, tantos dinheiros a administrar, e por que se desempregou ele, sim porquê depois que voltámos do fim-de-semana, eu é que perguntava, ou antes pedia, pode dar-nos um horário, um para cada um, sim, somos irmãos mas ele é mais novo que eu, só foi agora para o liceu, os balcões eram de vidro e tinham tanta coisa nova que era bom poder pensar que a nossa mãe no-la compraria e havia sempre muita gente nas papelarias em Outubro, outros como nós à caça de horários ganhos noutras papelarias, já não há, pronto vamos embora obrigado na mesma, era tão bom andar na rua já de noite, isto é, antes das sete horas, todas as montras tinham mais luz, não fazia muito frio e havia um nevoeiro que nos lambia a cara, suávamos, castanhas assadas e o fumo que vinha da esquina, foi um ano em que apareceu um vendedor com um carrinho a imitar uma locomotiva prateada e negra e tu tinhas vinte e cinco tostões que não querias gastar, foi preciso quase tirar-tos, era tão bom aprender, comprar livros que era preciso não ler imediatamente mas a pouco e pouco período a período, fazer revisões e olhar para os livros todos sublinhados que passavam de mim para ti e ver que sabia o que estava lá escrito e isso queria dizer que tinha mais um ano que tu, tudo, o que se sente quando há coisas que se esquecem num ponto, o que não se compreende e tem mesmo de ser decorado à força, as figuras de que ninguém gosta, tudo, e agora ele escreve aquelas coisas só para ele e eu leio-o às escondidas como se nunca tivesse realmente sabido o que diziam os livros que ficavam de mim para ele nem o que iria sentir página a página ao longo dum ano, nada, quem começou tudo de facto eu ou ele? muito antes, muito, de Jenny, tão tarde que é, sete horas.

Carlos Leite

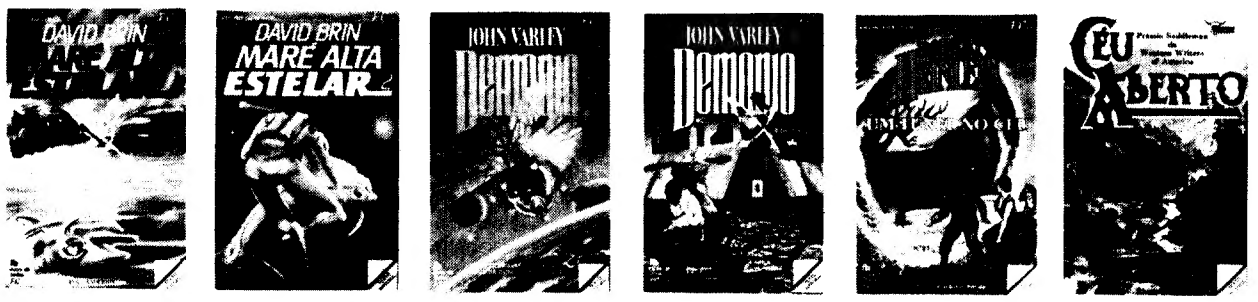
A knowing glance

My aunts

O LIVRO DE BOLSO PARA A SUA BOLSA

ESTE MÊS NO SEU LIVREIRO

livros de bolso EUROPA-AMÉRICA



- MARÉ ALTA ESTELAR — I e II — David Brin — «Ficção Científica»
- DEMÓNIO — I e II — John Varley — «Ficção Científica»
- UM TÚNEL NO CÉU — Robert A. Heinlein — «Ficção Científica»
- CÉU ABERTO — A. B. Guthrie, Jr. — «Western»
- O FERRÃO DA MORTE — Ruth Rendell — «Clube do Crime»
- QUE CAMINHO PARA A MORTE? — Ellery Queen — «Clube do Crime»
- A MENTE PERVERSA DE MR. J. G. REEDER — Edgar Wallace — «Clube do Crime»
- CONTOS DO SOBRENATURAL — Diversos — «Pêndulo»
- SAN ANDREAS — Alistair MacLean — «Guerra & Espionagem»
- UM LUGAR BELO E PACATO — John Simpson — «Guerra & Espionagem»
- A MORTE QUE VEIO DO MAR — Clive Cussler — «Guerra & Espionagem»
- SERMÕES — Padre António Vieira — «Grandes Obras»
- HORIZONTE PERDIDO — James Hilton — «Grandes Obras»
- HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA — VI — Teófilo Braga — «Grandes Obras»

Oito séries diferentes — sempre obras de qualidade

Sempre

EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

A espada de Dâmocles

■ Um texto de Gabriel García Márquez sobre o imediato pós-nuclear

UM minuto depois da última explosão mais de metade dos seres humanos terá morrido, o pó e o fumo dos continentes em chamas derrotarão a luz solar e as trevas absolutas voltarão a reinar no mundo. Um Inverno de chuvas alaranjadas e furacões gelados inverterá o tempo dos oceanos e o curso dos rios, cujos peixes terão morrido de sede nas águas ferventes e cujos pássaros não encontrarão o céu. As neves perpétuas cobrirão o Sára, a vasta Amazónia desaparecerá da face do planeta destruída pelo granizo e a era do *rock* e dos corações transplantados estará de volta à sua infância glacial. Os poucos seres humanos que sobreviverem ao primeiro espanto e os que tiverem tido o privilégio de um refúgio seguro, às três da tarde da segunda-feira aziaga da catástrofe magna, terão salvo a vida apenas para morrer depois com o horror das suas recordações. A criação terá terminado. No caos final da humidade e das noites eternas. O único vestígio do que foi a vida serão as carochas.

Isto não é um mau plágio do delírio de João no seu desterno *Patmos* mas a visão antecipada de um desastre cósmico que pode acontecer de um instante para o outro: a explosão — dirigida ou acidental — de apenas uma parte mínima do arsenal nuclear que dorme com um olho e com o outro vela nos paióis de pólvora das grandes potências.

É assim. Hoje, seis de Agosto de 1986, existem no mundo mais de cinquenta mil ogivas nucleares instaladas. Em termos acessíveis, quer isso dizer que cada ser humano, sem excluir as crianças, está sentado num barril de quatro toneladas de dinamite, cuja explosão total pode eliminar dez vezes todo o rasto de vida na terra. O poder de aniquilamento dessa ameaça colossal que pende sobre as nossas cabeças como uma espada de Dâmocles inclui a possibilidade t eórica de inutilizar mais quatro planetas do que os que giram em volta do Sol e de influenciar o equilíbrio do sistema solar. Nenhuma ciência, nenhuma arte, nenhuma indústria se curvou perante si mesma tantas vezes como a indústria nuclear desde a sua origem há quarenta e um anos, nem nenhuma criação do engenho humano teve tanto poder sobre o destino do Homem.

O único consolo que nos deixam essas simplificações aterrorizadoras — se nos servem para alguma coisa — é comprovar que a preservação da vida humana na terra continua a ser mais barata do que a peste nuclear. Pois pelo simples facto de existir, o tremendo apocalipse cativo nos silos de morte dos países mais ricos está a malbaratar as possibilidades de uma vida melhor para todos.

Na assistência infantil, por exemplo, essa é uma verdade de aritmética elementar. A UNICEF imaginou, em 1981, um programa para resolver os problemas essenciais dos quinhentos milhões de crianças mais pobres do mundo. Incluía assistência sanitária de base, educação elementar, melhoria de condições higiénicas, do abastecimento de água potável e de alimentação. Tudo isto parecia um sonho impossível de cem mil milhões de dólares. Mas esse é o preço de cem bombardeiros estratégicos B-1B, e de menos de sete mil mísseis de *Cruzeiro,* em cuja produção o governo dos Estados Unidos tem de investir vinte e um mil e duzentos milhões de dólares.

Na saúde, por exemplo, com o preço de dez porta-aviões nucleares *Nimitz,* dos quinze que os Estados Unidos vão fabricar antes do ano 2000, podia realizar-se um programa preventivo para proteger precisamente durante esses catorze anos mais de mil milhões de pessoas contra o paludismo e evitar a morte — só em África — de mais de catorze milhões de crianças.

Na alimentação, por exemplo, no ano passado, havia, no mundo, segundo cálculos da FAO, quinhentos e setenta e cinco milhões de pessoas com fome. A sua média de calorias indispensável teria custado menos que cento e quarenta e nove mísseis MX, dos duzentos e vinte e três que serão instalados na Europa Ocidental. Com o preço de vinte e seis mís-

seis poderia comparar-se o equipamento agrícola necessário para os países pobres adquirirem a comida suficiente para os próximos quatro anos. Esse programa, além do mais, não chegaria a custar nem a nona parte do orçamento militar soviético de 1982.

Na educação, por exemplo, com apenas dois submarinos atómicos Trident dos vinte e cinco que o actual governo dos Estados Unidos projecta fabricar, ou com igual quantidade dos submarinos Tifón, que a União Soviética está a construir, podia finalmente tentar-se concretizar a fantasia da alfabetização mundial. Por outro lado, a construção das escolas e da formação dos professores que serão necessários no Terceiro Mundo para satisfazer as exigências adicionais da educação nos dez anos mais próximos, poderiam ser pagas com o preço dos duzentos e quarenta e cinco mísseis Trident II e ainda sobrariam quatrocentos e dezanove mísseis para a continuação do desenvolvimento da educação nos quinze anos seguintes.

Pode dizer-se, por último, que o cancelamento da dívida externa de todo o Terceiro Mundo e a sua recuperação económica durante dez anos, custaria pouco mais de um sexto das despesas militares do mundo no mesmo lapso de tempo. Contudo, perante este desperdício económico descomunal, é ainda mais inquietante e doloroso o desperdício humano: a indústria da guerra mantém em cativeiro o maior contigente de sábios jamais reunidos para um qualquer empreendimento da história da humanidade. Gente nossa, cujo lugar natural não é lá mas aqui, a esta mesa, e cuja libertação é indispensável para que nos ajudem a criar, no âmbito da educação e da justiça a única coisa que nos pode salvar da barbárie: uma cultura da paz.

Apesar destas certezas dramáticas, a corrida ao armamento não concede um instante de tréguas. Agora, enquanto almoçamos, está a construir-se uma nova ogiva nuclear. Amanhã, quando acordarmos, haverá mais nove nos depósitos de morte do hemisfério dos ricos. Com o preço de um só deles conseguir-se-ia — embora num só domingo de Outubro — perfumar de sândalo as cataratas do Niágara.

Um grande romancista do nosso tempo perguntou se alguma vez a Terra chegará a ser o inferno dos outros planetas. Talvez seja muito menos uma aldeia sem memória, abandonada pelos seus deuses no último subúrbio da grande pátria universal. Mas a suspeita crescente de que é o único sítio do sistema solar onde se deu a prodigiosa aventura da vida, arratas-nos sem piedade para uma conclusão descoroçoante: a corrida às armas processa-se no sentido inverso da inteligência.

E não só da inteligência humana, mas da própria inteligência da natureza, cuja finalidade escapa inclusivamente à clarividência da poesia. Desde o aparecimento da vida visível na terra tivera de passar trezentos milhões de anos para que uma borboleta aprendesse a voar, cento e oitenta milhões de anos para fabricar uma rosa sem outro compromisso além de ser formosa, e quatro eras geológicas para que os seres humanos — ao contrário do bisavô Pitecantropo — fossem capazes de cantar melhor do que os pássaros e de morrer de amor. Não é nada honroso para o talento humano, na idade de ouro da ciência, ter concebido o modo porque processo multimilenário tão dispendioso e colossal possa regressar ao nada de onde veio pela simples arte de carregar num botão.

Para tentar impedir que isso aconteça, aqui estamos, juntando as nossas vozes às inúmeras que clamam por um mundo sem armas e uma paz com justiça. Mas se isso acontecer — e mais ainda se acontecer — não será de todo inútil estarmos aqui. Dentro de milhões de milhões de milénios depois da explosão, uma salamandra triunfal, que terá voltado a percorrer a escala completa das espécies, será talvez coroada como a mulher mais formosa da nova geração. De nós depende, homens e mulheres de ciência, homens e mulheres das artes e das letras, homens e mulheres da inteligência e da paz, de todos nós depende que os convidados para essa coroação quimérica não vão a essa festa com os mesmos terrores que temos hoje. Com toda a modéstia, mas também com toda a determinação de espírito, proponho que façamos aqui e agora o compromisso de conceber e fabricar uma arca de memória capaz de sobreviver ao dilúvio atómico. Uma garrafa de náufragos siderais lançados no oceano do tempo, para que a nova humanidade de então saiba por nós o que não lhes contarão as carochas, ou seja, que aqui existiu vida, que nela prevaleceu o sofrimento e predominou a injustiça, mas que também conhecemos o amor e até fomos capazes de imaginar a felicidade. E que saiba e faça saber para todos os tempos quem foram os culpados do nosso desastre e quão surdos foram aos nossos clamores de paz, para que esta fosse a melhor das vidas possíveis e com que inventos tão bárbaros e por que interesses tão mesquinhos a anularam do universo.

Gabriel Garcia Marquez

(Discurso pronunciado na «Reunião dos Seis», em Ixtapa, México)

«Morte no Douro», o novo Modesto Navarro

«Morte no Douro» é o novo livro de Modesto Navarro, um romance do vinho do Porto, com lançamento marcado para a próxima semana, na Sociedade de Língua Portuguesa e que terá como apresentadores o nosso colaborador Luís Carvalho Oliveira e o eng. Cunha Serra, ambos produtores de vinho da região demarcada do Douro. De origem nordestina, o autor de «Morte no Tejo», um romance policial, editado em 1982, dedica este seu livro «a Joaquim Natal, mestre alfaiate de Mirandela que lutou pela liberdade e pela cultura em Trás-os-Montes». Aqui fica um extracto da obra:

OLTAR a Carrazedo. Entrar de novo na casa do notário. O tempo flui harmonioso e a vida parece um conjunto de pedras em que não se nota o desgaste. Ele está sentado na frente do boticário. Ao canto da sala, folheio um livro valioso sobre as quintas do Douro. Fotos tiradas de avião levam-me a amar a natureza. Tão casta e pura, esta terra de vinho que parece ouro. Vinho do Douro ou do Porto? Sorrio, lá do canto, e o notário acende outro charuto.

Na televisão, o vice-Primeiro-Ministro declama acerca dos comandos, no juramento de bandeira, gloriosos vencedores de forças do mal que pretendiam implantar o totalitarismo, salvadores do passado e do País, e o notário chupa o charuto, voltado para a janela. A noite a cair, a apossar-se das casas e da vila, é mágica e sombria.

— Só falta ir para a cama — diz o boticário.

Estamos abençoados pelo telejornal. Dói-me a cabeça e não aceito nova prova do Porto de mil oitocentos e carqueja. Quero lá saber. Bebo rum do nacional, uma aproximação pior de que a lotaria, e continuo enfronhado nos livros sobre o vinho.

— Tens de aprender — diz o notário. — A ignorância só é bonita se for acompanhada pelo bom senso.

Gosto dele. Passou maus bocados, noutros tempos.

Na própria terra e no concelho. Hoje voltam a procurá-lo, os primos.

Asfixia, esta vila. Durante a tarde desço à rua principal. Os ciganos bebem em família, à sombra das árvores, no largo da feira. Os habiantes distraem-se, à porta dos cafés. Depois de falar em técnicas da agricultura e de pedir elementos que não tenho ilusões de conseguir, sabe bem percorrer ruas cheias de caras como Deus as fez.

Um dos técnicos do MAP local interessou-se pelo que lhe expunha. Prometeu recolher dados sobre a compra de terras pelas companhias. Há comissários, claro. Um advogado esperto lidera o processo da compra e venda no concelho.

— Sabe — diz ele, como se falasse do tempo para a agricultura —, não há interesse pelas coisas. Tanta promessa, tanto engano. Por mim ia embora. Anda a gente a tentar mobilizar o pessoal do campo, a dizer que agora sim, vai mudar, e depois não tem condições para trabalhar. Ficamos aqui, nos gabinetes, à espera de ordens.

Rosto entristecido e cansado. Barba grande, a condizer. Dou uma palmada na secretária ou acredito piamente que a documentação me virá ter às mãos? Desço à rua principal e nem reparo já nas casas pré-fabricadas dos retornados. Caixotes com nomes de navios fazem agora de coelheiras ou de arrumação, nas traseiras. Estamos a libertar-nos definitivamente do passado, a bem dizer.

— Sim — diz o notário —, estamos a progredir. Nos últimos meses houve sete tentativas de suicídio, no concelho. Dois consumados. Tudo juventude, como convém à esperança no futuro. Usam remédio de escaravelho, à falta de melhor. Gusathion, ao que dizem.

Em Póvoa d'Além Sabor aconteceu a uma rapariga. Estava a fazer o almoço, deu um salto ao arm,azém de materiais de construção e de apoio à agricultura e comprou o dito remédio. À hora de almoçar estava morta. Isto contado por duas velhas em coro, na avenida, enquanto a banca ensaiava, tevee o impacto merecido.

— No enterro era um mar de gente — disseram elas, satisfeitas.

— A crise deita-os abaixo — informa Alexandre Barros, circunspecto. — A televisão fala dela. Os pais falam da crise como se estivessem ao corrente. O padre e o professor falam da crise. Há crise por tudo quanto é sítio. Não há empregos. Eles estão a estudar aquelas belas coisas na preparatória e na secundária e ficam com instrumentos suficientes para se sentirem angustiados. Inteligentes, desenvoltos e bem formados para o trabalho. Sabem tanto como se nada soubessem da vida. Indústria não há. Agricultura está a acabar. Passam os dias e as noites nas máquinas de «flippers» e «poker», nos cafés. Os velhos trabalham porque não sabem fazer outra coisa. Para quê trabalhar? Não há respeito por quem esmaga o corpo. Ouve-se outra vez dizer: «O meu filho é esperto, casou bem... Casou com uma rapariga com dinheiro e propriedades».

Nasce outra gente, nas aldeias dominadas pelas companhias. Têm um mês de férias e salário assegurado todo o ano. Descontam-lhes um quarto de hora que seja, se chover e pararem. O ritmo de trabalho é imposto por capatazes e engenheiros que representam os patrões invisíveis, o conselho de administração longínquo e ignorado.

António Modesto Navarro

Acabados de Chegar

■ **"Novo Atlas Geográfico", Ed. João Sá da Costa**

Suzanne Daveau e Orlando Ribeiro afirmam no prefácio que «O Novo Atlas Geográfico» traz uma visão renovada da Terra, tanto pela sua apresentação dos grandes ambientes geográficos que constituem a harmoniosa fisionomia terrestre, como pelo uso de meios técnicos actualizados, nomeadamente as imagens de satélite». O volume lançado esta semana no Planetário Calouste Gulbenkian resulta da tradução de um atlas publicado pela editora sueca Esselte Map Service e conta com mais de 100 mapas gerais e temáticos.

■ **"Geronimo Por Ele Próprio", Geronimo (texto compilado por S.M. Barrett), Ed. Antígona**

Como se depreende do título, trata-se de uma autobiografia de Geronimo, o último chefe apache a render-se à tropa branca. Em 1904, Geronimo encontrou-se pela primeira vez com S.M. Barrett . Um ano depois Barrett obteve autorização do então presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt para recolher e publicar a história de um chefe prisioneiro de guerra há quase 20 anos. Por essa razão, Geronimo dedicou a história da sua vida a Roosevelt, afirmando que ele tudo faria «para que de futuro o meu povo seja tratado com justiça». O chefe apache morreu como prisioneiro de guerra a 17 de Fevereiro de 1909, sem que o seu desejo, expresso neste livro, fosse concretizado: o regresso às terras do Arizona. «Quero viver lá os meus últimos dias e ser sepultado naquelas

montanhas. A ser assim, poderei morrer em paz, sabedor de que o meu povo, vivendo na terra natal, crescerá em vez de diminuir, como agora acontece, e o nosso nome não se extinguirá».

■ **"Livro de Cozinha da Infanta D. Maria", Imprensa Nacional-Casa da Moeda**

O códice português I.E. 33. encontra-se na Biblioteca Nacional de Nápoles, juntamente com mais seis manuscritos quinhentistas portugueses. Em 1967, a Universidade de Coimbra publicou este livro de cozinha. Mas desde então ele foi remetido ao esquecimento. A edição da Imprensa Nacional veio quebrar este

estado das coisas e dar ao leitor a oportunidade de conhecer uma cozinha que se pensa datar dos fins do século XV, ou princípios do séc. XVI. A título de curiosidade, citamos aqui um extracto da receita de ovos mexidos: «Para uma dúzia de gemas de ovos tomarão uma escudela de açúcar e deitá-la-ão num tacho, e então deitar-lhe-ão um pouco de água-de-flor e pô-la-ão sobre o fogo e far-lhe-ão o ponto baixo. Então fareis fatias de pão e, como estiverem cozidas estas fatias, tirá-las-ão, pô-las-ão num prato...»

■ **"O Barão Trepador", Ítalo Calvino, Ed. Teorema. Col. Estórias**

Segundo livro da trilogia fantástica «Os Nossos Antepassados», «O Barão Trepador» é bem o exemplo da escrita de Calvino, nascido em Cuba, mas com nacionalidade italiana, e que faleceu em 1985 em Siena. Ítalo Calvino fez parte da Resistência contra o fascimo e aderiu ao PCI, partido que deixou depois da URSS ter esmagado em 1956 a insurreição húngara. O seu primeiro romance, «O Atalho dos Ninhos de Aranha» foi proibido em Portugal, no tempo em que a censura imperava.

■ **"Emília Nadal, Manuel Rio-Carvalho", Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Arte e Artistas**

Manuel Rio-Carvalho traça neste livro o percurso da pintora portuguesa Emília Nadal, ilustrando-o com 74 fotografias de trabalhos seus. Nadal considera Almada Negreiros o seu grande mestre. Conforme Rio-Carvalho recorda, foi Almada quem em 1969 a levou a desistir da ideia de deixar de pintar. Nadal considerava que o seu trabalho não interessava a ninguém até que Almada lhe disse que «a única coisas que interessa saber é se você tem ou não vontade de pintar».

■ **"Notícia da Cidade Silvestre", Lídia Jorge, Publicações Europa-América, Col. Livros de Bolso.**

O romance de Lídia Jorge foi publicado pela primeira vez em 1984. Esta é a 5.ª edição de «Notícia da Cidade Silvestre», o livro que se seguiu a «O Dia dos Prodígios» e «O Cais das Merendas».

■ **"Monólogo a Duas Vozes", Mário Dionísio, Publicações Dom Quixote, Col. Autores de Língua Portuguesa**

No número anterior do «Ler e Escrever» publicámos um extracto de uma das onze histórias reunidas neste livro. Dissemos então que «Mário Dionísio regressa aos contos com um 'Monólogo a Duas Vozes' que recorda «O Dia Cinzento e Outros Contos» de 1944, mas onde se sente igualmente a presença de 'Não há Morte nem Princípio', romance que publicou em 1969». As suas novas histórias são lançadas esta tarde na Livraria Barata, onde o autor estará a partir das 19 horas.

■ **"Morte no Douro", Modesto Navarro. Ed. Ulmeiro**

Modesto Navarro é talvez um dos escritores portugueses com mais livros no activo. Em «Morte no Douro» o autor parte do assassínio de um camponês e produtor de vinho do Porto para uma investigação dos «mistérios mais recentes do tão afamado vinho». É deste livro que hoje publicamos na pág. 7 um extracto.

■ **Regresso ao Paraíso, Teixeira de Pascoaes, Ed. Assírio & Alvim**

No dia 14 de Novembro completaram-se 33 anos sobre a morte de Teixeira de Pascoaes, um poeta que no dizer de António Sérgio «seria o mais nordicamente romântico dos autores portugueses». A obra de Teixeira de Pascoaes tinha há muito desaparecido das livrarias, quando a Assírio & Alvim a recomeçou a publicar. «Regresso ao Paraíso» é o terceiro volume de Pascoaes publicado por aquela editora.

"Tempo e Narrativa", de Paul Ricoeur

A publicação de *Temps et récit (Tempo e narrativa)* teria podido fornecer aos filósofos a oportunidade para acabar com o confinamento a que tem estado votado Paul Ricoeur. Face ao silêncio dos filósofos, é significativo que seja do lado da literatura que este grande livro receba as primeiras marcas de um reconhecimento público. E não se estranhará que, tratando-se de um livro consagrado à análise dos poderes da narrativa, ele ressoe de facto como uma reabilitação da literatura.

É natural que escritores (e leitores) acolham, com um suspiro de alívio, um empreendimento filosófico de confrontação entre literatura e filosofia, empreendimento que faz sair a literatura dos impasses em que a têm encerrado, ora reduzindo-a a uma simples superstrutura ideológica ora a um produto da instituição escolar, ora ainda a uma variante do *Scrabble*. *Deste face a face constante, inesgotável e necessário, a literatura saiu perdedora, na maior parte dos casos. Ora a definiam como «versão mole do conceito», ora, pelo contrário, a sobrestimaram ao ponto de ela quase desaparecer num exercício puro e intransivo da linguagem.*

Mas não é gritando de modo confuso e precipitado, como hoje parece bem fazer, pedindo a morte do formalismo, e o concomitante regresso à narrativa (e ao sujeito) que se abrirão novos campos à reflexão e à criação; talvez valha mais a pena retomar o exame das categorias vitais que são, para a literatura, as noções de sentido, referência, sujeito, obra, autor.

É precisamente a esse exercício que se entrega, desde há vinte anos, a obra filosófica de Paul Ricoeur, de modo constante e rigoroso. Em pleno apogeu estruturalista o Conflito das Interpretações veio postular que a linguagem não era apenas uma língua, susceptível de semiologia e de taxinomia, mas também um *dizer*. Que, na linguagem, alguém se dirige a alguém para lhe transmitir qualquer coisa. É que a linguagem está sempre provida de um sujeito, de um mundo, de uma audiência.

Mais uma vez, com *La Métaphore Vivante (A Metáfora Viva)*, em 1975, Ricoeur embatia de frente no axioma da imanência da linguagem, estabelecendo a diferença entre o sentido, que pertence à língua, e a referência, que pertence ao discurso. A metáfora é esse movimento que vai do sentido à referência' o que a funda é uma capacidade de *ver como* que, pela linguagem, se enraiza num *ser como*. A metáfora, escreve Paul Ricoeur, «é o poder pelo qual o discurso pode redescrever a realidade. E soberbamente: penas um humor miticizado abre e descobre o mundo».

Sem dúvida, as ideias, nos anos 60, achavam-se pouco aptas a acolher um enfoque hermenêutico para quem a compreensão se articula, sempre, nas fronteiras da linguagem e da experiência. Sem dúvida também que o refluxo dos diversos estruturalismos nos torna hoje mais capazes de corresponder à importância deste enfoque.

Um diálogo constante

No entanto, é ainda preciso dizer e redizer, com força, que, com Paul Ricoeur, os dois termos — sentido e estrutura — nunca foram pensados de forma antinómica, exclusiva, mas através de um diálogo constante. Nem estrutura sem dádiva de sentido, nem dádiva de sentido sem organização estrutural. É precisamente deste diálogo que hoje nós temos necessidade para evitar os excessos de uma restauração apressada de um «humanismo» contra o «terror» da estrutura.

Por todas estas razões, o surgimento de *Temps et récit* é um acontecimento.

O eu nos outros

O cosmos e o coração

«Semear o firmamento de sinais de pontuação — eis, em princípio, um modo (muito escasso) de se poder ler o Universo. Coloquemos uma vírgula, por exemplo, entre duas estrelas. A pausa que a vírgula proporciona permite-nos a leitura, com outra atenção, da primeira estrela — e, seguidamente, leva-nos, já com outra calma, à consideração da segunda estrela. Ponhamos agora um ponto de interrogação no extremo da Ursa Maior...»

Amélia pousou a carta junto da chávena de chá, encolheu-se na cadeira, chamou a si o rosto de Miguel. Lentamente, viu o rosto a desenhar-se dentro dos olhos cerrados: e soube que amava aquele homem que assim lhe escrevia, imiscuindo-se sempre nos segredos do Cosmos, passando de uma constelação a outra constelação, circulando numa galáxia até alcançar outra galáxia mais distante. Miguel atravessava solidões estelares, sumia o sono por entre miríades de pontos luminosos, era «sugado» (segundo lhe escrevia) por outros tipos de gravidade. «Meu Deus — suspirou Amélia, um tanto irónica, um tanto dorida —, que astro serei eu para ele...?»

Retomou a carta na linha em que a tinha deixado: «Ponhamos agora um ponto de interrogação no extremo da Ursa Maior...» Mas de novo interrompeu a leitura, foi-se até à janela, ficou com os olhos nos azulejos dos prédios fronteiros. Sentia-se fechada, emparedada — e descobriu também, num relâmpago interior que a atemorizou, que nunca poderia acompanhar Miguel pelo seu itinerário sideral. Olhou a chávena de chá, ainda a fumegar, o papel pintado da parede (finas flores subindo até ao tecto), este e aquele pequeno quadro, um «bibelot», o candieiro de pé alto junto do «pick up».

— Esta é a minha casa! — exclamou num repente, uma zanga vibrante na voz alta, o pé (só depois é que deu por tal) a bater na alcatifa.

Já deitada, a noite inteira sobre o telhado da casa, lembrou-se das estrelas que existiam por toda essa noite, e ainda por todas as noites vindouras, e angustiou-se de braços cruzados sobre os seios ao pensar nas altíssimas digressões de Miguel. Mesmo que ele ali estivesse junto de si, e a abraçasse, nunca verdadeiramente estaria ali: encontrar-se-ia algures a colocar um ponto de interrogação diante de um qualquer grupo de estrelas... «Oh, sim! — disse de si para si — O espanto de Miguel será sempre grande perante o Universo — e talvez nunca saiba colocar um ponto de exclamação diante do meu coração!»

Pedro Alvim